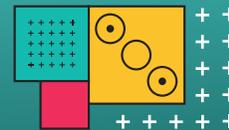




Escolha a **20**
ESCOLA **23**
DO SEU FILHO



CORREIO BRAZILIENSE

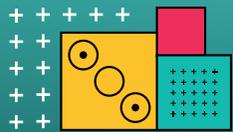
Brasília, domingo, 22 de outubro de 2023

ESPECIAL

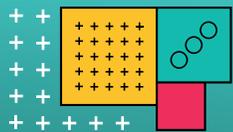
Mariana Lopes Leal acredita que a participação na vida escolar da filha Isabella fortalece o vínculo familiar

Ensino conectado
com o futuro

Muito mais do que dar acesso à tecnologia, a principal tarefa das escolas atualmente é oferecer ferramentas para que o estudante possa trilhar com excelência os caminhos que escolher durante a educação básica. Confira o guia completo!



Escolha a **20**
ESCOLA **23**
DO SEU FILHO



2 • Especial • Brasília, domingo, 22 de outubro de 2023 • CORREIO BRAZILIENSE

CARTA AOS LEITORES

A busca mais valiosa

O momento de renovação de matrícula, mudança de escola ou de escolha da nova instituição que vai receber o seu filho é sempre de reflexão. A busca pelo equilíbrio ideal entre expectativas, perfil do estudante e viabilidade financeira é desafiadora.

Existem, porém, pontos que são essenciais a qualquer escola e outros complementares que podem ajudar no desempate quando a decisão entre uma ou outra não for clara o suficiente. É nisso que a edição deste ano do especial *Escolha a escola do seu filho* pretende ajudar.

As características da revolução tecnológica em curso e como ela afeta a educação e o mundo do trabalho; os preciosos momentos do ensino na primeira infância; o cuidado com o bem-estar físico e mental; e o diálogo aberto com a instituição são alguns dos temas centrais abordados nas páginas deste suplemento especial.

Da educação infantil ao ensino médio, cada fase tem as próprias peculiaridades, mas o objetivo final deve ser sempre o mesmo: o desenvolvimento pleno e a felicidade das crianças e dos adolescentes que percorrem esses caminhos.

Boa leitura!

ÍNDICE

Dá para viver sem?

A boa e velha agenda em papel ainda é um dos mecanismos usados pelas escolas, mesmo com a adoção dos apps.

PÁGINA 4

Guia da escolha

Saiba o que levar em consideração na hora de selecionar a escola para matricular seu filho.

PÁGINA 8



Ed Alves/CB/D.A Press



Minervino Júnior/CB/D.A Press

Primeira infância

Uma das fases mais importantes do desenvolvimento precisa de atenção especial e deve privilegiar o brincar.

PÁGINAS 10 E 11

Bem-estar em foco

Desenvolvimento de habilidades socioemocionais durante a aprendizagem ajuda a cuidar da saúde mental.

PÁGINAS 26 A 29



Ed Alves/CB/D.A Press

Fase de desafios

O ensino médio é uma das etapas com as maiores mudanças para o estudante e a discussão de um novo modelo agita ainda mais esse cenário.

PÁGINAS 32 A 35



Minervino Júnior/CB/D.A Press

Troca consciente

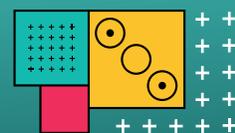
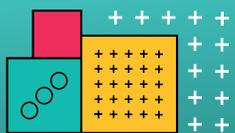
Veja as orientações de especialistas para o momento de mudança de escola.

PÁGINA 40

Bom apetite!

A alimentação saudável contribui para a aprendizagem. Confira como montar a lancheira ideal para cada faixa etária.

PÁGINA 48



CORREIO BRAZILIENSE • Brasília, domingo, 22 de outubro de 2023 • Especial • 3

Estudantes protagonistas no processo de ensino

Marista Asa Norte aposta em uma educação integral, além de incentivar projetos de vida para a formação completa dos estudantes da rede

Marista Asa Norte/Divulgação



Marista Asa Norte exercita cidadania e ética com seus estudantes

Apresentado por:



Espaço onde é oferecido ao estudante diferentes possibilidades para o seu desenvolvimento pessoal e acadêmico, o Marista Asa Norte — conhecido também como João Paulo II —, com 26 anos de atuação no Distrito Federal, apresenta às famílias um portfólio com atividades variadas. Para a instituição, o ensino não fica restrito apenas às salas de aula.

“Somos uma instituição sólida com o objetivo de formar bons cristãos e virtuosos cidadãos. Incentivamos a excelência acadêmica em conjunto com a formação humana, onde esses dois aspectos caminham juntos. Além disso, dispomos de uma oferta de serviços que é única dentro de Brasília. Um Turno Integral que, no Brasil,

ainda não encontrei algo similar com o que fazemos por aqui”, conta Luiz Gustavo Mendes, diretor-geral do Marista Asa Norte.

Na prática, as famílias podem escolher as atividades e a estrutura curricular com atividades acadêmicas, culturais e esportivas. É uma proposta que se adequa à necessidade do estudante. Com essa iniciativa, o aluno se torna protagonista do próprio saber para que, dessa forma, se torne consciente e solidário, exerça a cidadania e encare os desafios do mundo com diferentes habilidades.

O colégio oferece uma caminhada escolar pautada em projetos de vida, onde a criança, no seu processo de crescimento, consegue realizar as próprias escolhas para o seu futuro. “O projeto de vida é um dos eixos que fazem parte do nosso currículo. Questões relacionadas a saber quem eu sou e quem eu desejo ser, como

eu quero contribuir para esse mundo são elucidadas na nossa instituição”, informa.

Para Viviane Melise, coordenadora do Ensino Fundamental - Anos Iniciais, a escola está conectada com a vida e, devido a isso, trata-se de um recorte da sociedade onde o coletivo é vivido como uma oportunidade de exercitar a cidadania, ética e aspectos pessoais. Outra dimensão destacada pela pedagoga está relacionada ao espírito de família, valor considerado indispensável na proposta pedagógica.

“Na nossa escola, tudo é feito com o ‘jeito Marista’. Isso quer dizer que estamos sempre trazendo à tona o acolhimento e o envolvimento familiar. Essas características reforçam o que destacamos para os pais e responsáveis: uma vez no colégio, os alunos sempre irão carregar o Marista no coração, afinal, no nosso ecossistema, não existe ex-aluno”, diz.

Tríade educacional

Com um portfólio extenso de atividades extracurriculares, o Marista Asa Norte aposta em uma educação onde o aluno está no centro da aprendizagem. No dia a dia, os estudantes navegam em uma tríade educacional proposta pelo colégio, onde são aplicadas tendências tradicionais, críticas e pós-críticas.

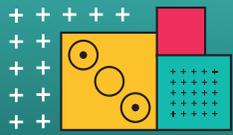
“As escolas, normalmente, optam qual linha educacional adotar. Nós, por outro lado, trabalhamos com as três. No âmbito tradicional, aplicamos a disciplina e a autorregulação, junto com os uniformes que permite todos serem iguais para nós. No lado das tendências críticas, formamos um ser humano que olha para questões globais. Por fim, o lado pós-crítico é tratado de uma forma que nossos alunos estejam mais conectados com o mundo contemporâneo e com os desafios que temos na atualidade. A conjunção dessas teorias de currículo garante a integralidade do

indivíduo”, contextualiza o diretor, Luiz Gustavo.

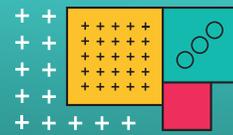
Desde a Educação Infantil, os alunos são inseridos em um ambiente multidisciplinar. Nesse espaço, são oferecidas atividades que contam com o acompanhamento de educadores especializados para gerar o desenvolvimento do estudante em diversas competências, visando à formação integral.

“Permitimos que o estudante realize o seu projeto de vida. Se ele quer entrar na Universidade de Brasília (UnB), ele vai conseguir. No entanto, se optar por um curso superior em outra cidade do Brasil ou até mesmo no exterior, nós também trabalharemos para ele alcançar esse sonho. Nós permitimos diferentes possibilidades justamente por unirmos a excelência acadêmica com a formação humana. Não escolhemos entre esses dois valores, pois eles caminham juntos na nossa instituição”, ressalta Luiz Gustavo.

Matéria escrita pela jornalista Gabriella Collodetti



Escolha a **20**
ESCOLA **23**
DO SEU FILHO



4 • Especial • Brasília, domingo, 22 de outubro de 2023 • CORREIO BRAZILIENSE



Ed Alves/CB/D.A. Press

Ana Paula Alvim acredita que o 'momento da agenda' é importante para os filhos Felipe e Guilherme

Fim da agenda?

Para saber mais

Herança da pandemia

A agenda era o lugar onde costumavam-se centralizar a troca de informações pedagógicas e de rotina dos estudantes, mediada pelos coordenadores e professores. Com a pandemia, as escolas e instituições precisaram mudar a forma de se comunicar não só com os pais, mas com os alunos também. Sites, aplicativos, sistemas Google ou Microsoft ganharam destaque no cotidiano escolar e passaram a ser a principal ou, até mesmo, a única maneira de interagir com os colégios. "Quando a pandemia começou, nós precisamos mudar uma série de situações e se intensificou a comunicação on-line", comenta Mark Mello. "Depois da pandemia, nós continuamos com essas ferramentas, mas voltamos a utilizar a agenda física para nos comunicar com as famílias de um jeito personalizado", relata o diretor.

Tecnologia chegou para valer às escolas, mas algumas ainda optam pela agenda física para compartilhar determinadas informações

HELENA DORNELAS

As tradicionais agendas de papel fazem parte do imaginário coletivo quando se fala de escola. Afinal, há décadas elas são amplamente adotadas pelos educadores, principalmente para a comunicação, sendo o grande elo entre escolas e famílias.

O universo digital, no entanto, tem mudado esse cenário. Seria o fim da agenda física nas escolas? No Colégio Ciman, que oferece educação infantil, ensino fundamental e ensino médio há 50 anos, as duas opções ainda são uma realidade. "Nós entendemos que quanto mais próxima essa interação

entre família e escola, mais ganhos para o aluno, e esse processo de desenvolvimento vai desde a agenda física até os recursos tecnológicos", avalia o diretor da unidade Octogonal, Mark Mello, que trabalha na instituição há mais de 40 anos.

"A comunicação é essencial entre a escola e as famílias, por isso, nós sempre trazemos novos recursos para melhorar o diálogo com os pais e integrar o corpo docente", acrescenta Leonardo Eustáquio, diretor da unidade do Cruzeiro. "A construção pedagógica acontece desde o momento de escrever na agenda até a comunicação mais imediata com os pais por meio das redes", acrescenta o educador.

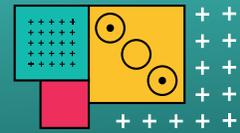
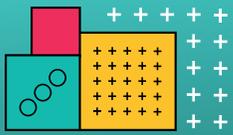
Diálogo direto

Mãe dos gêmeos Felipe e Guilherme, de 9 anos, Ana Paula Alvim, de 45, considera o 'momento da agenda' necessário para os dois, que estão no 4º ano do ensino fundamental. "A comunicação tecnológica é legal pela dinamicidade. Por exemplo, eu recebo todo dia a rotina deles. É um jeito de me sentir mais próxima da realidade escolar", avalia. "Essa semana eu vi que eles tiveram português e, lá do meu trabalho, pude checar qual era o dever de casa. Assim, já falo para eles irem fazendo", acrescenta.

Entretanto, a mãe avalia que o ambiente digital não supre o momento familiar de olhar a agenda com os filhos.

"Acho que nada supera a agenda de papel, pelo menos para o controle, não só pelo dever de casa ou pela circular, mas pela experiência."

Segundo o professor da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB) Gilberto Lacerda, utilizar a tecnologia pode ser um fator que agrega valor e consistência. "Ela traz para a escola um ar de modernidade e de contemporaneidade, mas não necessariamente avança na comunicação efetiva entre os pais e a escola", destaca. "A tecnologia pode criar possibilidades ou atrativos para que os pais se engajem na sua relação com a escola e tenham maior participação na vida escolar dos filhos", conclui o professor.



Professores qualificados, inovação e internacionalização no preparo dos estudantes

Marista Asa Sul promove um ensino que alia forte base curricular a projetos inovadores

Apresentado por:



Parte de uma rede de mais de 90 escolas distribuídas em diferentes estados do país e no Distrito Federal, o Marista Asa Sul surgiu em 1962. Acompanhando Brasília desde sua fundação, a instituição busca formar os seus estudantes para um futuro de sucesso, conquistas e protagonismo. Há décadas, muitos ex-alunos ocupam postos de trabalho relevantes na cidade e em outras regiões do país.

Com professores qualificados e uma proposta de educação integral, com foco na qualidade do ensino, na internacionalização, no desenvolvimento de habilidades individuais e na formação humana, o colégio conta com um currículo consistente para fomentar a mente inovadora e empreendedora, além de valores éticos.

Esses aspectos são trabalhados por meio de projetos que permitem o contato

dos estudantes com a natureza, os esportes, as novas tecnologias, a ciência e a pesquisa, sem deixar de lado o apoio coletivo e individualizado para que os alunos estejam aptos para serem aprovados em qualquer processo seletivo e, no futuro, estejam emocionalmente preparados para o mercado de trabalho.

Para Luciana Lopes, coordenadora do ensino fundamental anos finais, a jornada de transformação do aluno em um indivíduo de aspecto global implica no fato de entendê-lo no espaço-tempo em que está inserido atualmente, avaliando especialmente as suas necessidades na sociedade, além de realizar um acolhimento com questões emocionais, acadêmicas e de perspectivas de futuro.

“O aluno de hoje precisa estar preparado para os desafios futuros. É importante ter um olhar diferenciado para cada um com o intuito de prepará-lo para essa concepção de mundo, tornando-o um cidadão consciente do seu papel na nossa sociedade. Aqui, desde a entrada, todos são tratados de forma personalizada”, informa Luciana.

Segundo Luiz Ricardo O'Donnell Timm, diretor do

Divulgação/Marista Asa Sul



Aspectos como internacionalização e desenvolvimento de habilidades individuais são trabalhados no Marista Asa Sul

Marista Asa Sul, a instituição utiliza metodologias ativas, com vivências reais, em que qualquer espaço do Colégio pode se tornar um ambiente de aprendizado. A Matemática, por exemplo, pode ser ensinada por meio de um jogo de xadrez ou de educação financeira ou da construção de objetos em tamanho real.

“A aprendizagem não fica restrita à sala de aula. Em um mundo em que tudo está conectado, o que acontece em todo o planeta nos impacta. Então, buscamos trazer isso para a nossa escola. Nossa abordagem reflete o mundo

contemporâneo e conectado em que vivemos”, comenta Timm.

Cidadãos globais

Além do inglês ser um idioma presente, o colégio promove o conhecimento intercultural e a familiarização do estudante com o sistema educativo dos outros países, por meio do Projeto de Internacionalização, para que eles estejam preparados para ingressar no mercado de trabalho competitivo e globalizado.

“O Marista Asa Sul também organiza, constantemente, palestras e eventos que conectam

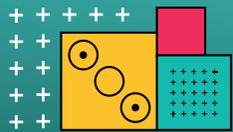
os alunos com universidades e empresas estrangeiras e também intercâmbios, com acompanhamento de profissionais, garantindo uma experiência produtiva, prazerosa e segura”, conta Timm.

Esporte, arte e cultura

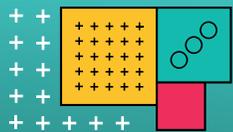
Apostando na interdisciplinaridade de projetos para fomentar o desenvolvimento de diversas habilidades dos seus alunos, o Colégio conta ainda com o Núcleo de Atividades Complementares (NAC), que disponibiliza mais de 30 modalidades artísticas, culturais e esportivas como por exemplo ginástica rítmica, e artística, patinação artística, futsal, vôlei, basquete, artes marciais, musicalização, robótica, xadrez e teatro.

Segundo a instituição, esse tipo de abordagem fomenta alunos emocionalmente estáveis, com valores éticos e vivências de trabalho em equipe, liderança e empreendedorismo. Para o Marista Asa Sul, o projeto educativo prepara o aluno para os mais concorridos exames nacionais e internacionais, mas sempre com o cuidado na saúde mental/emocional do jovem, sua espiritualidade e a importância dos valores da família.

Matéria escrita pela jornalista Gabriella Collodetti



Escolha a **20**
ESCOLA **23**
DO SEU FILHO



6 • Especial • Brasília, domingo, 22 de outubro de 2023 • CORREIO BRAZILIENSE



Minervino Júnior/CB/D.A Press

Divulgação/Marista Asa Sul



Alunos do ensino médio criaram vaquinha para instituição de caridade durante a gincana

Alunos do ensino fundamental arrecadaram alimentos não perecíveis

Visão de mundo ampliada

Escolas que promovem projetos voluntários entre as turmas são aliadas para o desenvolvimento de jovens mais engajados e com melhores perspectivas de carreira na vida adulta

NATHALLIE LOPES*

Incentivar boas práticas e engajamento social desde a primeira infância é essencial para proporcionar ao estudante o desenvolvimento de habilidades para a vida pessoal, acadêmica e profissional. Uma das formas de fazer isso é por meio do voluntariado, conjunto de ações focadas em interesses sociais e comunitários, ou seja: a doação de tempo para ajudar ao próximo.

Seja prestando um serviço voluntário em hospitais, creches e asilos, seja em organizações não governamentais (ONGs) o próprio voluntário se beneficia do ato altruísta. A psicóloga Gabriela Mietto, professora do Instituto de Psicologia da Universidade de

Brasília (UnB), comenta que as escolas que apostam em projetos desse tipo estão atendendo demandas importantes da sociedade.

“Ao longo dos últimos 10 anos, pôde-se observar que os jovens que chegam à universidade tendo convivido com situações de inclusão durante a vida escolar levam essas questões para as suas práticas profissionais”, afirma a professora. Jovens que sempre foram engajados socialmente buscam promover a mudança na vida de alguém, e têm mais consciência sobre descobrir o seu papel na sociedade.

A neuropsicopedagoga Tatiana Campos reforça que a educação escolar com práticas de cooperação proporciona desenvolvimento

socioemocional, autoconhecimento crítico e amplia o horizonte do aluno, o que contribuirá em suas futuras carreiras.

Trabalho em equipe

O colégio Marista Asa Sul usou essa estratégia na gincana deste ano. Participaram mais de mil alunos do ensino médio, divididos em quatro equipes. Para mudar a forma tradicional de arrecadação de alimentos feita pelos alunos, o colégio decidiu dar a missão de recolher via “vaquinha” on-line o valor de R\$ 6 mil, por equipe, para ajudar o Centro Socioeducativo Santo Aníbal Maria, que cuida de 400 crianças em situação de vulnerabilidade.

O dinheiro serviu também para pagamento de aluguel,

folha de pagamento dos professores, fraldas, contas de luz, material de limpeza e manutenções na creche. Antes do prazo estipulado, as equipes, por meio da prova solidária, arrecadaram cerca de R\$ 24 mil para a instituição.

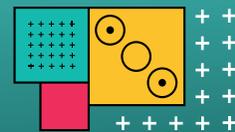
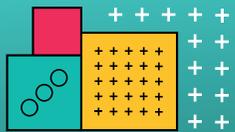
“O prazo era até 1º de setembro e, em 15 de agosto, todas as equipes fecharam o valor combinado”, informou a aluna do 3º ano, Mila Antunes. Eduardo Campos, também do 3º ano, ressalta a relevância da iniciativa para a formação deles. “É também sobre a importância de aprender a valorizar o que temos e saber que, pela nossa posição, podemos realmente ajudar quem precisa e exercer o nosso protagonismo estudantil.”

“Cada equipe montou uma estratégia e desafios para

engajar as outras equipes”, detalha a estudante Catharina Becker. “Eu acho essa prova muito legal, porque todo mundo fica motivado pela gincana, e para ajudar quem precisa”, diz.

O coordenador de Pastoral do Marista Asa Sul, Rodrigo Cacere Farina, afirma que a gincana tem como foco justamente trabalhar diversos aspectos no contexto estudantil, como o esportivo, o cultural e o sócio-solidário. “Essa ação incentiva as crianças desde cedo a cultivarem o valor da solidariedade e a cuidar de pessoas que algumas vezes passam despercebidas, ressaltando a importância do auxílio ao próximo.”

*Estagiária sob supervisão de Mariana Niederauer



Excelência define ensino no Leonardo da Vinci

Instituição com mais de meio século de história e tradição em Brasília reforça compromisso na formação de alunos preparados para os desafios da atualidade

Leonardo da Vinci/Divulgação



Leonardo da Vinci busca colocar os seus alunos em posições de protagonismo

Apresentado por:

LEONARDO DAVINCI

Educar pessoas éticas e competentes, capazes de inspirar gerações na construção de um mundo melhor. Esse é o propósito do Centro Educacional Leonardo da Vinci, instituição fundada no final dos anos 1960 e que, desde então, tem a excelência acadêmica como sua prioridade. Ao longo das décadas, a empresa familiar, presente em três diferentes endereços do DF, mantém uma relação muito próxima e transparente com estudantes, pais e responsáveis.

“Sempre nos propomos a fazer a diferença na vida das pessoas. Queremos que, ao passarem pelo Leonardo da Vinci, os estudantes sejam impactados por muitos aprendizados, por amizades verdadeiras, por momentos felizes vividos na infância e na adolescência. Queremos que professores e funcionários desfrutem de um ambiente

colaborativo de desenvolvimento profissional e pessoal. Queremos que pais, mães e responsáveis se emocionem ao verem seus maiores tesouros se desenvolverem e crescerem como pessoas boas, íntegras e preparadas para os desafios da vida”, explica a diretora executiva do Leonardo da Vinci, Michelle Manzur.

Construído sobre valores sólidos, que permeiam toda a empresa, o Centro Educacional Leonardo da Vinci desenvolveu iniciativas que fomentam a formação dos colaboradores que atuam nos três segmentos: Ensino Fundamental Anos Iniciais e Anos Finais, e Ensino Médio. “Não perdemos nossa visão humana e ética nem o nosso acolhimento a todos que passam por aqui. Incrementamos nossa entrega, com foco em inovação, sempre buscando a melhor qualidade de ensino, pois evoluir é o que nos move”, reforça Michelle.

Reconhecimentos e conquistas

O Centro Educacional Leonardo da Vinci busca, constantemente, aliar a troca de conhecimento em sala de aula e

em atividades extracurriculares com iniciativas que coloquem os alunos em posições de protagonismo. Este é o caso da participação em Olimpíadas do Conhecimento. O tema, compreendido como fundamental, recebe atenção especial da nossa Supervisão de Olimpíadas do Conhecimento (SOC).

Nesse sentido, destaca-se a presença de estudantes do Leonardo da Vinci na Olimpíada Brasileira de Física (OBF), com cerca de 20 inscritos classificados para a 3ª Fase. Com relação à Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica (OBA), foram 14 medalhistas: 6 ouros, 3 pratas e 5 bronzes. A OBA é uma importante ferramenta de fomento ao interesse por áreas como Astronomia e Astronáutica entre os estudantes das escolas públicas e privadas do Brasil.

Outras conquistas vieram com a Olimpíada de Matemática do DF (OMDF) e na Olimpíada Brasileira de Geografia (OBG), a Escola obteve um resultado histórico: 81 alunos medalhistas.

Já na Olimpíada Nacional de Ciências (ONC), evento promovido pelo Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação,

e que visa à valorização do ensino de ciências, mais de 45 alunos passaram para a 2ª Fase, cujos resultados serão divulgados em breve. Por fim, na Olimpíada de Química do DF (OQDF), o Leonardo da Vinci terá dois representantes para a fase nacional. Para alunos do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, a 2ª Olimpíada Mirim (OBMEP) mobilizou quase 200 estudantes da Escola.

Outro motivo de orgulho do Leonardo da Vinci é o número de alunos que ingressam no Ensino Superior. Somente em 2023, foram cerca de 500 aprovações. Desse total, 19 na USP, cerca de 30 em Direito, mais de 110 em Engenharia e mais de 50 em Medicina. Além disso, os egressos do Leonardo da Vinci conquistaram 35 aprovações em universidades internacionais. E, hoje, é a escola que mais aprova no PAS/UnB e que ocupa o 1º lugar em 1/4 dos cursos da Universidade.

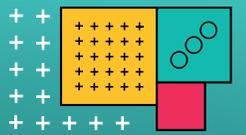
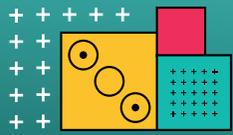
Mapeamento das emoções

Além da qualidade acadêmica, para a formação de um

cidadão preparado para os desafios do mundo, o Leonardo da Vinci também desenvolve o programa “Pra Ser +”, voltado a aspectos socioemocionais, com o objetivo de identificar e gerir emoções. Os resultados alcançados pelos alunos são registrados no “Boletim Socioemocional” que mapeia o perfil socioemocional e sistematiza o processo de aprendizagem. Os pais/responsáveis podem acessá-lo na área restrita do site para acompanhar toda a jornada do estudante.

“Um dos principais direcionadores no Leonardo é a compreensão de que uma escola feliz é um ambiente acolhedor, compreensivo e que auxilia os estudantes a regularem e a lidarem melhor com suas emoções”, explica Michelle.

No Ensino Médio, o foco está no suporte necessário para que os estudantes façam suas escolhas. Nas aulas semanais de Projeto de Vida, os alunos são estimulados a aprofundarem a identificação das suas preferências, gostos, talentos e aspirações. Nessas aulas, são também apresentadas as diversas opções de carreiras e do mercado de trabalho.



8 • Especial • Brasília, domingo, 22 de outubro de 2023 • CORREIO BRAZILIENSE

Um guia para a decisão

Com a chegada do novo ano letivo, especialistas explicam como escolher uma instituição que atenda aos requisitos da criança e da família

NATHALLIE LOPES*

O ano letivo de 2023 está perto de acabar, e chegou a hora de os pais decidirem em qual escola seus filhos vão estudar. Seja para renovar a matrícula, ou para buscar uma nova instituição de ensino, a tarefa requer reflexão e cuidado por parte dos responsáveis.

No momento da escolha, muitas vezes, o valor da mensalidade é um dos primeiros pontos a serem considerados. Alexandre Veloso, presidente da Associação de Pais e Alunos das Instituições de Ensino do DF (Aspa-DF), destaca que é interessante os responsáveis pelo aluno tomarem ciência dos editais lançados pelas escolas, no período de matrícula ou de renovação. Nesses documentos é possível ver com antecedência os valores que serão praticados. O planejamento financeiro e um diálogo com a escola para entender as necessidades de cada família e as possibilidades de atendê-las é importante.

No entanto, outras questões além da financeira devem ser pesquisadas. "Outro passo importante e que muitos pais acabam não observando é conferir se a escola é credenciada e regularizada junto à Secretaria de Educação e órgãos de controle, como: Vigilância Sanitária e Corpo de Bombeiros, que atestam a segurança do local", adverte Veloso.

O próximo passo é avaliar o perfil da família e o da criança. Existem escolas mais

tradicionais, conservadoras e mais conteudistas, como também, escolas mais flexíveis, disruptivas e inovadoras. O importante, portanto, é a família levar em consideração as características da criança e do adolescente.

Com o seu perfil

O presidente da Aspa-DF pontua que não existe a escola perfeita, mas matricular a criança ou jovem em um colégio que tenha abertura ao diálogo com os pais e que passe toda a segurança e informações necessárias é um bom caminho. "Um detalhe que sempre orientamos as famílias é para ficarem atentas às condições colocadas em relação ao contrato de serviço, e o que está incluso na mensalidade, como: material didático, atividades extracurriculares, atividades de cultura e lazer", orienta.

A servidora pública Jucianne Batista Nogueira de Oliveira é mãe da Marcelle, de 11 anos, estudante do 6º ano do ensino fundamental, e de Rafael, 8, aluno do 2º ano. Para ela, o acolhimento da escola com os estudantes, a metodologia utilizada, o custo benefício, material didático utilizado, estrutura física, acesso da família aos profissionais da instituição, são os pontos mais importantes para a decisão dela. "Observo se a escola oferece atividades que trabalhem valores entre os alunos, estimule a criatividade e promova o bem-estar físico e mental", diz.

*Estagiária sob supervisão de Mariana Niederauer

Minervino Júnior/CB/D.A Press



Jucianne com os filhos Marcelle e Rafael: bem-estar físico e mental é prioridade

Requisitos para a escolha

Confira as orientações da psicoterapeuta Helen Mavichian, especializada em crianças e adolescentes

Ambiente escolar

Se possível, os responsáveis devem procurar conhecer todas as áreas internas e externas da escola pessoalmente e levar o tempo que precisar para observar cada ambiente.

Segurança

Prestar atenção não somente à presença de câmeras, sensores, porteiros e controle de entrada e saída de pessoas: é importante verificar se há extintores de incêndio, saídas de emergência e planos de evacuação.

Proposta pedagógica

Procurar saber a linha pedagógica da instituição e

fazer uma pesquisa prévia sobre as metodologias de ensino de cada uma das escolas que listou. E, na reunião com o representante pedagógico, perguntar quais conteúdos o filho vai aprender, como a escola estimula o processo de aprendizagem das crianças, quais são os tipos de atividades oferecidas ao longo do dia e como o tempo dedicado às brincadeiras é aproveitado.

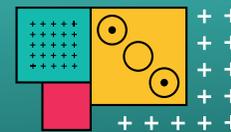
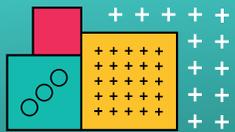
Estímulos ao desenvolvimento

Em geral, são ofertadas aulas de artes plásticas, música, educação física, além das tradicionais. Algumas instituições vão além e

oferecem aos seus alunos outras práticas lúdicas, como horta, culinária, teatro, línguas, balé e artes marciais. Se o seu filho ficará na escola em período integral, checar este ponto é ainda mais importante.

Comunicação

É crucial verificar como a escola se comunica com os pais. Geralmente, a própria instituição disponibiliza uma agenda na qual diariamente são marcadas observações básicas de alimentação, higiene e desenvolvimento. Há também instituições que adotam aplicativos para celular para agilizar a comunicação.



Apresentado por:



Desenvolvimento de hábitos e rotinas para a vida desde a infância

Colégio Pódion amplia o seu escopo de atuação para o desenvolvimento de crianças com a implementação do ensino fundamental I

Colégio Pódion/Divulgação



Com mais de duas décadas de atuação, o colégio Pódion surgiu em Brasília com a premissa de ser um dos cursos preparatórios mais reconhecidos do Brasil. Para isso, a instituição apostou em um ambiente de estudo motivador, cuidados socioemocionais, programas de ensino desafiadores e professores com excelência curricular. Essa linha de atuação dentro da área educacional trouxe resultados positivos: em pouco tempo, o cursinho se destacou dentro do mercado e, de forma natural, ampliou o seu escopo de atuação.

“Na condição de cursinho, nós recebíamos estudantes de diversas escolas de Brasília. Víamos diversas lacunas na aprendizagem desses alunos, demonstrando que eles não tinham alguns pré-requisitos de estudos. Nós, enquanto curso preparatório, já tratávamos as deficiências acadêmicas desses estudantes. Por isso, pensamos em prepará-los mais cedo e, assim, ampliamos a nossa instituição”, conta George Gonçalves, diretor do Pódion.

Atualmente, o colégio atua na formação de estudantes desde o ensino fundamental I — segmento recentemente implementado na unidade da Asa Norte (SGAN 913) — até o ensino médio. Dessa forma, o Pódion possibilita a conclusão do ciclo da educação básica obrigatória e, além disso, traz robustez para toda a fase preparatória para a conquista das almejadas vagas universitárias.

Com a primeira turma do ensino médio, o Pódion já demonstrava êxito na sua transição de cursinho para instituição de ensino completa com preparação direcionada para os vestibulares. Segundo George, o índice de aprovação

chegou a quase 80%. “Além disso, mesmo depois do crescimento do colégio, a gente ainda consegue percentuais significativos e superiores do que esse inicial. Atualmente, a gente chegou a ter perto de 90% do nosso terceiro ano sendo aprovado em instituições públicas, universidades estaduais e federais”, celebra o diretor.

Parte do sucesso dos alunos nos vestibulares nacionais diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem do Pódion. George explica que a aplicação de hábitos

e rotinas de estudo, por exemplo, são aspectos fundamentais para a instituição. No entanto, o diretor informa que o incentivo dessas práticas não é apenas em prol da aprovação nos exames para o ingresso às universidades.

“Independente do aluno estar se preparando para um vestibular, as rotinas de estudo agregam outros hábitos, como organização e saber gerir a própria agenda, implementando lista de prioridades. Esses aspectos a gente leva para o resto da vida,

independente da profissão escolhida, pois são essenciais para qualquer carreira”, informa.

Ensino fundamental I

Segundo o Pódion, os anos iniciais do ensino fundamental apontam para a necessidade de articulação com as experiências vivenciadas pelos estudantes na educação infantil; devendo os dois primeiros anos ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades

para que o estudante se aproprie do sistema de escrita alfabética, de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e escrita e ao seu envolvimento em diversas práticas de letramento.

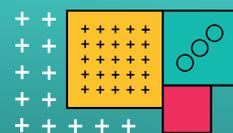
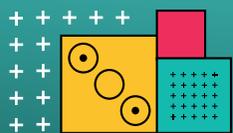
“O nosso colégio é voltado para o aluno. Todas as nossas ações têm a preocupação de atingir o estudante. Dessa forma, existe uma valorização do aprendizado. No ensino médio, temos um prédio de estudos; não é apenas uma sala. O espaço foi construído para que cada indivíduo tenha condições de se preparar para fazer as escolhas das suas vidas. Tudo isso tem um peso e um valor para nós. Dessa forma, a implementação do ensino fundamental I passou por esse processo, onde vimos a necessidade de ajudar as nossas crianças”, conta César Augusto Berçott, coordenador do ensino fundamental I.

A abertura desse segmento também envolveu a avaliação da equipe pedagógica acerca da dificuldade que alunos têm para o desenvolvimento de habilidades acadêmicas. Berçott informa que, na implementação do ensino fundamental II, foi observado que até aos 15 anos, os alunos chegavam ao final do nono ano com hábitos enraizados e de difícil reversão apenas nos três anos de ensino médio.

“Alguns possuíam a consciência de que tinham que estudar, mas eles não sabiam como, pois não tinham a rotina. Então, a gente veio com essa cultura para o ensino fundamental II para ensiná-los a estudar e gerar esse hábito e rotina”, complementa George.

Além disso, segundo o diretor, a premissa para o fundamental I também teve um olhar diferenciado para a faixa etária, reforçando a importância do desenvolvimento de outras áreas além da cognitiva, como o desenvolvimento socioemocional e motor. Com essa iniciativa, a instituição conseguiu promover um Pódion para cada fase do estudante, focando em suas necessidades individualizadas.

Matéria escrita pela jornalista Gabriella Collodetti



10 • Especial • Brasília, domingo, 22 de outubro de 2023 • CORREIO BRAZILIENSE

Felicidade é o que importa

Uma educação infantil de qualidade vai impactar toda a vida escolar. Saiba a que pontos se atentar na escolha de uma instituição para essa faixa etária

GABRIELLA BRAZ

Já olhou para seu bebê e pensou: “O que se passa na cabecinha dele?” Você ficaria surpreso ao descobrir a quantidade de atividades neurológicas que ocorrem de uma só vez. Na primeira infância, isto é, a fase que vai desde o nascimento até os 5 anos e 11 meses de idade, 90% das nossas conexões cerebrais são formadas. Especialmente nos primeiros mil dias de vida, a contar do início da gravidez até os 2 anos de idade, o cérebro do bebê pode fazer até um milhão dessas conexões por segundo.

É uma fase em que as descobertas ocorrem a todo o momento e em uma velocidade bem maior se comparada a um indivíduo adulto. Por isso, uma educação infantil de qualidade é essencial. A gerente de Conhecimento Aplicado da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, Beatriz Abuchaim, explica que a educação na primeira infância impacta toda a vida escolar. “Uma criança que frequenta uma educação infantil de qualidade cria bases bastante sólidas para as aprendizagens posteriores que ela vai ter no ensino fundamental”, destaca.

Quando falamos em educar, é comum imaginarmos uma sala de aula com um conteúdo

no quadro e provas. Não é esse o caso na primeira infância. “Não é desejável na educação infantil que as crianças fiquem todas enfileiradas respondendo ao professor”, explica a especialista. Segundo Abuchaim, o ideal é que elas possam participar e aprender com atividades concretas, e, claro, com muita brincadeira.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que norteia a educação básica no país, o objetivo dessa etapa é estimular as habilidades da criança de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se. Estão entre as habilidades a serem trabalhadas: aprender a viver em comunidade, dividir e compartilhar objetos, comunicar emoções e perceber o outro, desenvolver a coordenação motora e se expressar corporalmente, além de desenvolver sentimentos como a empatia e o respeito para com o outro.

Eu e o outro

Encontrar um ambiente seguro para que os filhos pudessem interagir com outras crianças era uma das principais preocupações da dona de casa Cira Noda, 42 anos. Mãe de dois meninos, um de 5 e outro de 11 anos, ela conta que a escolha da escola foi permeada por angústias e dificuldades

devido ao diagnóstico de autismo do mais novo. “Meu lema era justamente uma escola que incluísse ele”, relata.

Após visitar algumas instituições de ensino, Cira optou por matricular os filhos na Escola Maria Montessori e conta que o desenvolvimento do caçula tem surpreendido a família. “Eu via que ele estava feliz com outras crianças”, conta. “cantando, dançando, sentando para fazer uma atividade”, complementa.

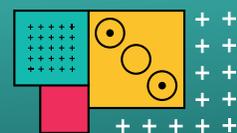
A escola, aponta a psicóloga e coordenadora acadêmica da Faculdade Anhanguera de Taguatinga Karen Loliola, representa a passagem do ambiente privado para o público. “Até então, na minha casa o meu pai é meu, minha mãe é minha, meus brinquedos são meus”, exemplifica. “Quando ela vai para o espaço público, que é o espaço de socialização, ela vai agora compartilhar tanto as pessoas — porque o coleguinha não é só dela, a tia não é só dela — quanto os objetos”, observa a especialista.

Segundo a psicóloga, as relações afetivas e emocionais devem ser o foco da educação infantil. “Eu via muito essa preocupação da família de falar: ‘Meu filho aprendeu o que hoje, tia?’ Mas foram poucas as vezes que eu vi pai chegar no ambiente para perguntar: ‘Professora, meu filho foi feliz? Ele se divertiu? Ele brincou? Quem é o amigo dele?’”, relata a psicóloga.



Fotos: Minervino Júnior/CB/D.A Press





Na primeira infância, a brincadeira é a melhor forma de se aprender

Um direito fundamental

No Brasil, educação é um direito de todo cidadão desde o início da vida. No entanto, a matrícula escolar só passa a ser obrigatória a partir dos 4 anos, de acordo com emenda adicionada à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 2013. Carol Velho, oficial de educação infantil no Unicef Brasil, explica que, além de garantir um direito fundamental, a educação formal tem o papel de acompanhar individualmente e socialmente o indivíduo. “Na escola, a gente tem a oportunidade de estar com ela (criança) diariamente. Então a gente tem uma importância muito grande para promoção da aprendizagem, mas também para o cuidado.”

A especialista destaca que, mesmo no início da vida, a criança é um ser que traz uma série de bagagens e de conhecimentos. “Um dos grandes objetivos é que a educação infantil articula as experiências de saberes que as crianças já têm com os novos aprendizados”, reforça. Cada pequeno tem diferentes habilidades, formas de se expressar, de ver o mundo e, mais importante, o seu próprio ritmo.

Valorizar essa individualidade, de acordo com a gerente de Conhecimento Aplicado da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, Beatriz Abuchaim, é um dos pilares para o desenvolvimento de cidadãos conscientes. “A gente está construindo nessas crianças a noção de respeito ao outro, de tolerância e da valorização das diferenças”, diz.

Adaptação

O começo na escola, no entanto, pode ser uma experiência difícil, que requer um tempo para se adaptar à nova realidade. Esse foi o caso de Teresinha Feitosa, 50, dona de casa e mãe

do Pedro, de 3 anos e oito meses. “O Pedro queria ficar muito grudado comigo, porque ele nasceu numa pandemia onde só tinha gente”, relembra. “Hoje, na hora de dormir, ele começa a falar: ‘Eu quero ir para minha escola, eu vou sentir muita falta dos meus amigos’”, conta.

A supervisora do método da Escola Maria Montessori, Cleia Antunes, explica que, nesses momentos de adaptação, o primeiro passo é transmitir confiança para o filho. É importante ainda que o processo ocorra de forma gradual, com carga horária reduzida no início, para que a criança se acostume aos poucos com a convivência escolar. “É importante que o responsável olhe no olho da criança e diga: ‘Filho, nós vamos voltar para casa’, ou: ‘Nós vamos te esperar do lado de fora da escola, agora é o momento que você tem para explorar todo esse ambiente, e daqui duas horas a mamãe volta’”, exemplifica a profissional.

O período de adaptação demora em média um mês e meio, mas é importante entender que cada criança tem tempos e necessidades diferentes. “Tem situações em que quem sai chorando é a mãe e o pai”, brinca Cleia.

A psicóloga Karen Loiola, da Faculdade Anhanguera, explica que atividades simples como levar a criança para ajudar a escolher os materiais escolares podem ajudar nesse processo.

Ela orienta que o adulto subestime a capacidade de entendimento da criança e ouça o que ela sente e pensa. “É indicado que eles fiquem até com curiosidade, sabendo que tem novidades legais para desbravar nesse espaço, nessa intenção de que a escola vai ser uma extensão da sua própria casa.”

Gincana na Escola Maria Montessori valoriza o brincar



Dicas valiosas

Confira orientações para escolher a escola de educação infantil:

Plano pedagógico

Procure conhecer o projeto político-pedagógico da escola. Veja se ele está em conformidade com os objetivos da educação infantil e se valoriza as atividades que estimulam a autonomia da criança.

Formação dos professores

Olhe a formação dos docentes. Os profissionais têm acesso a capacitações em educação infantil?

Infraestrutura

Para estimular a autonomia da criança, é necessário que a escola tenha espaço e materiais adequados à faixa etária do aluno. Cadeiras

pequenas e objetos essenciais ao alcance, por exemplo.

Contato com a natureza

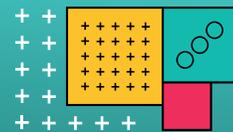
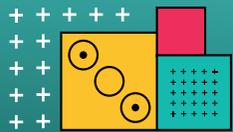
É importante que a criança tenha contato com áreas verdes, animais e ambientes ao ar livre para brincar e se desenvolver.

Arte e cultura

Observe se as crianças têm acesso a livros, materiais artísticos, música e outras formas de arte. Os passeios pela cidade também são atividades essenciais.

Hora de brincar

Na educação infantil, o momento de brincar é a toda hora. Na primeira infância, é brincando que se aprende.



12 • Especial • Brasília, domingo, 22 de outubro de 2023 • CORREIO BRAZILIENSE

Ler para aprender

O processo de alfabetização é pilar para todas as demais disciplinas e gera mais independência para os pequenos estudantes

GABRIELLA BRAZ

Pilar de toda a formação estudantil, a alfabetização foi severamente impactada pelo período de isolamento social e de fechamento das escolas. Os resultados da pesquisa *Alfabetiza Brasil*, apresentados este ano, mostram que, em 2021, 56,4% dos alunos do 2º ano do ensino fundamental não estavam alfabetizados. Em 2019, eram 39,7% de não alfabetizados. Os dados são do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb).

O recuo nos números, somado aos desafios já existentes em relação à alfabetização na idade certa, estimularam o governo federal a instituir o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada. Lançada em junho deste ano, a política busca subsidiar ações voltadas para essa etapa do ensino.

O levantamento *Alfabetiza Brasil* ouviu 251 professores alfabetizadores de 206 municípios do país. Segundo o estudo, consideram-se alfabetizados os estudantes que “são leitores/escritores iniciantes, que interagem de forma mais autônoma principalmente com textos que circulam na vida cotidiana e no campo artístico literário, em práticas de

leitura e de escrita características do letramento escolar”.

Nessa etapa, ainda são consideradas habilidades de leitura e interpretação de texto mais superficiais e os estudantes escrevem, comumente, com alguns desvios ortográficos. O essencial aqui é entender do que se trata uma mensagem e conseguir se comunicar verbalmente, mesmo que com a omissão de alguns elementos textuais.

Aprender a aprender

“A alfabetização é um processo fundamental para as crianças: elas precisam aprender a ler, e depois a ler para aprender”, afirma Natália Fregonesi, analista de Políticas Educacionais do Todos Pela Educação. De acordo com a especialista, embora esse processo seja o foco do 1º e 2º anos do ensino fundamental, os primeiros estímulos podem começar ainda na educação infantil.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) prevê que a alfabetização seja feita até o 2º ano, no entanto, segundo Natália Fregonesi, muitos estudantes acabam por enfrentar dificuldades para desenvolver as habilidades necessárias. “É essencial que as escolas garantam as ações de



Caitano Azevedo/Arara Azul

Incorporção da escrita e da leitura às atividades cotidianas ajuda no processo de alfabetização

“**A alfabetização é um processo fundamental para as crianças: elas precisam aprender a ler e depois a ler para aprender**”

Natália Fregonesi,
analista de Políticas Educacionais
do Todos Pela Educação

recomposição de aprendizagens para as outras séries do ensino fundamental, de forma que todos os estudantes tenham assegurado o seu direito à alfabetização”, destaca.

Na escola Arara Azul, o processo de alfabetização inicia na pré-escola II, com crianças de aproximadamente 5 anos. De acordo com a coordenadora pedagógica da pré-escola, Paula Brum, a equipe trabalha atividades de escrita e leitura que são incorporadas às atividades cotidianas. “Isso torna o

aprendizado mais relevante e significativo, mas sempre respeitando o desenvolvimento individual”, explica.

A coordenadora destaca que uma série de fatores podem interferir no processo de alfabetização, como falta de estímulo, desigualdade socioeconômica, abordagens desatualizadas e condições médicas ou de desenvolvimento que possam afetar as habilidades da criança. “É crucial uma observação criteriosa e individualizada, envolvendo família, educadores e instituição, promovendo apoio contínuo, comunicação efetiva e um ambiente rico em estímulos”, explica.

Independência

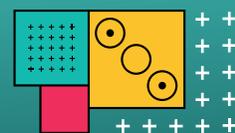
Mãe de três meninas, de 5, 8 e 11 anos, a advogada Renata Lopes, 32, tem acompanhado o processo de alfabetização de perto e percebe que essa caminhada pode gerar um sentimento de ansiedade nas crianças. “Elas querem aprender logo para ter mais independência”, relata.

Ela explica que a pandemia impactou sobretudo o processo de alfabetização da filha do

meio, Marina, já que ela passou a maior parte desse período no ensino remoto. No entanto, graças à dedicação dos educadores e ao acompanhamento em casa, Marina e Rebeca, a mais velha, não apresentaram muitas dificuldades de aprendizado. “A mais velha não gosta muito de interpretação de texto, mas eu falo para ela que sem a interpretação, todas as outras disciplinas vão ficando defasadas”, ressalta.

Para a advogada, as atividades lúdicas da escola têm ajudado a fazer com que as crianças se interessem mais pelo aprendizado. “A alfabetização é como um clique para as crianças. Os professores vão dando ferramentas e uma hora elas conseguem juntar tudo”, explica.

Ao ver a empolgação das mais velhas com a leitura e a escrita, Olívia, 5 anos, já conta os meses para chegar lá também. “Ela tem uma brincadeira em que pega todas as letras que sabe, escreve em um papel e pede para eu ler, fica toda orgulhosa quando leio”, conta. “Elas ficam ansiosas para conseguir transmitir uma mensagem e participar desse universo de comunicação.”



Sigma: 40 anos de histórias transformadoras

Instituição de ensino preparou mais de 30 mil estudantes ao longo de quatro décadas de atuação

Apresentado por:

Sigma 

Em 1983, surgiu o primeiro telefone móvel. No mesmo ano, o Colégio Sigma nasceu com o propósito de oferecer uma educação transformadora. Curiosamente, as duas criações tinham em comum o propósito de diminuir distâncias entre pessoas e transformar o mundo. Em 40 anos de história, o Sigma tem contribuído com uma educação significativa, para além do conhecimento acadêmico, desenvolvendo aspectos intelectuais e socioemocionais e preparando crianças e jovens para os desafios de um mundo sem fronteiras.

Assim como desde sua invenção, os celulares, a cada ano, trazem inovações que atendam às demandas das novas gerações, o Sigma também busca oferecer uma educação inovadora. Ao longo de quatro décadas, a escola já preparou mais de 30 mil estudantes para o mundo, que conquistaram seus sonhos e transformaram as próprias realidades. Um exemplo disso está nos expressivos resultados alcançados

com as aprovações em avaliações externas e no ingresso de milhares de estudantes em instituições estrangeiras.

“O propósito do Sigma é formar cidadãos globais capazes de conquistar os melhores resultados, garantindo excelência acadêmica e acolhimento aos nossos estudantes”, afirma Natália Rocha, diretora pedagógica do Colégio Sigma. “Continuamos aprendendo e evoluindo, aprimorando cada vez mais o trabalho pedagógico e encarando os desafios da modernidade, sempre com o olhar para os três pilares que formam a essência da escola: excelência acadêmica, competência socioemocional e protagonismo no mundo”, diz.

O foco na excelência acadêmica vai muito além dos resultados de aprovações em vestibulares. Em todos os segmentos, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, é trabalhado o percurso de excelência no ensino. A metodologia do Sigma alcança todas as particularidades do estudante. Na escola, os alunos têm a oportunidade de participar de diversas vivências, projetos e saídas pedagógicas que possibilitam o desenvolvimento de elos e pontes entre os conteúdos vistos em sala de aula e a atualidade.

Divulgação/Sigma



O Sigma oferece uma educação integral aos seus estudantes

Conhecida como maker, esta prática é uma das melhores formas de aprendizagem das novas gerações. Segundo a diretora, ao compreender o mundo que os cerca, os alunos se percebem como agentes de transformações. “Esse modelo possibilita a construção do cidadão que o mundo necessita: ético, crítico e transformador. O amadurecimento vai desde o aspecto cognitivo e intelectual até o afetivo e moral”.

A escola se preocupa em formar cidadãos para o mundo, que sejam conscientes, empáticos, inovadores e cientes da sua autonomia. Para isso desenvolve um trabalho de excelência que estimula a sensibilidade e a reflexão crítica de crianças e jovens para

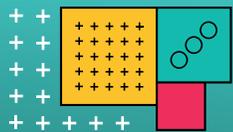
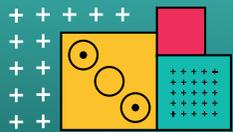
serem capazes de reconhecer a diversidade e de estabelecer uma convivência ética, harmônica e responsável com o outro. A aproximação com as famílias também é uma parte importante de todo o processo educacional. “A parceria de toda a comunidade escolar é fundamental para fortalecer e criar condições para uma formação consistente de jovens transformadores”, aponta Natália Rocha.

Além disso, desde o início de 2023, a escola também trabalha com o programa bilíngue em todos os segmentos, com o aperfeiçoamento de competências linguísticas, do pensamento crítico, da autonomia e das habilidades do século XXI, visando facilitar o

trânsito global dos estudantes, nos âmbitos acadêmicos e profissionais.

Para se tornar uma das maiores instituições de ensino de Brasília, a escola conta com uma equipe pedagógica altamente qualificada, engajada e em formação contínua com o propósito de oferecer uma educação de excelência aos estudantes.

No Sigma, os docentes não são apenas os detentores do conhecimento, mas também tutores, mediadores e motivadores do estudante ao longo de sua jornada de aprendizagem. Eles contribuem para que os estudantes sejam protagonistas na construção de seu conhecimento.



14 • Especial • Brasília, domingo, 22 de outubro de 2023 • CORREIO BRAZILIENSE

Tarefa que não sai de moda

Pensados com cuidado e de maneira a envolver o cotidiano do estudante, os deveres de casa são aliados na aprendizagem

ALINE GOUVEIA

“Aula dada, aula estudada.” É com esse lema que a estudante Isabella Maria Lopes Leal, 10 anos, é incentivada pela mãe, a servidora pública Mariana de Lourdes Moreira Lopes Leal, a realizar os deveres de casa. Aluna do 5º ano, Isabella diz que essas tarefas ajudam a fixar os conteúdos passados pelos professores.

Em meio a uma rotina cheia de atividades complementares, tendo que conciliar os estudos com atividades físicas e culturais, além de lazer e descanso, mãe e filha não abrem mão das atividades escolares, pois elas também favorecem o fortalecimento do vínculo familiar. “Os exercícios extras instigam as crianças a ‘saírem da caixinha’. Sempre fui estudiosa e gosto de participar dos estudos da minha filha. Acho importante essa troca”, relata Mariana.

Para que os deveres de casa cumpram o papel de impulsionar a aprendizagem, essas tarefas devem fazer sentido para os estudantes, podendo estar

relacionadas a algum contexto próximo, e também precisam ser formuladas de acordo com um propósito didático bem estabelecido — não sendo apenas uma ferramenta obrigatória para ocupar o tempo dos alunos.

Se desconsideram as especificidades de cada aluno e a etapa escolar, as tarefas não garantem aprendizagem e podem resultar em um efeito contrário: prejudicar a motivação e o engajamento do aluno com o conhecimento.

A coordenadora pedagógica da escola Leonardo da Vinci, Gisele Martins Turquiello, explica que a periodicidade e a quantidade de tarefas para casa são definidas levando em consideração as habilidades previstas para cada ano de escolaridade.

“Os professores são orientados com relação ao envio de tarefas produtivas e significativas, que deverão prever o aumento do desafio de acordo com a progressão entre os anos e a ampliação do tempo de duração, considerando o desenvolvimento da autonomia do estudante”, explica a coordenadora.

Carlos Vieira/CB/D.A. Press



“Destaco, ainda, a importância do tipo de tratamento que cada tarefa receberá (correção individual realizada pelo professor, correção coletiva comentada ou autocorreção), já que ela é um dos instrumentos de avaliação do trabalho pedagógico que está sendo desenvolvido”, completa Gisele.

Por etapas

Na alfabetização, momento em que a criança desenvolve a habilidade de ler e escrever, as tarefas de casa são um recurso valioso. “Nessa fase tão crucial do processo de aquisição de uma

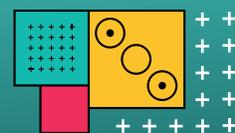
língua escrita, a constância e a prática diária em diferentes contextos são essenciais para potencializar a aprendizagem, despertar o interesse e envolver os familiares em suas descobertas e conquistas”, pontua Gisele. Nos anos seguintes, as atividades buscam atender três objetivos principais: ampliar as competências leitora e escritora, consolidar as aprendizagens e estimular o hábito de estudo.

“Em função da ampliação da autonomia e do protagonismo do estudante, nos anos finais e no ensino médio, além das tarefas de casa supracitadas, são ofertadas propostas



As tarefas devem conectar o saber do aluno, didaticamente adaptado na escola, à vida cotidiana. Mais do que papel e lápis, é importante promover oportunidades para o que o aluno vivencia em casa”

Francisco José Rengifo-Herrera,
psicólogo e professor da UnB



Mariana Lopes Leal com a filha Isabella: hora do dever de casa é momento de estreitar vínculo



O que fazer?

Veja qual o papel da família, da escola e do estudante no dever de casa:

- » Embora os pais sejam aliados no processo, as tarefas são atribuições dos estudantes;
- » A família também desempenha um papel fundamental na construção da autonomia da criança ao ajudá-la a organizar uma rotina de estudos, com local e horário estabelecidos para a realização das tarefas;
- » É importante que o local esteja bem iluminado, silencioso e com espaço para que o estudante possa dispor cadernos, livros e demais materiais;
- » Uma dúvida recorrente dos pais é com relação ao erro ou às dificuldades da criança para realizar a tarefa. Nesse caso, o responsável deve sugerir a revisão das anotações e a releitura do livro e de outras fontes de estudo fornecidas na aula, deixando que a própria criança aprenda a estudar e a identificar suas dificuldades;
- » Se o estudante não conseguir, essa tarefa deverá ser deixada para o professor. Em caso de dúvidas, é importante os pais sempre procurarem a escola para esclarecimentos;
- » Mostre para a criança confiança no potencial dela para se organizar e desempenhar o papel de estudante. É fundamental motivá-la demonstrando interesse nas tarefas com gestos simples: perguntar como foi o dia na escola, o que ela está aprendendo, contar suas próprias experiências com relação aos estudos;
- » Tão importante quanto motivar é reconhecer e elogiar o esforço da criança para executar a tarefa.

que contemplam a formação do leitor literário, gamificação, análise, síntese, reflexão, problematização, investigação e resolução de problemas por meio de projetos”, ressalta a coordenadora pedagógica.

Porém, embora seja necessário considerar as características de cada etapa escolar, há uma coisa comum que independe da idade do aluno: atividades de contraturno mais didáticas, e até mesmo lúdicas, surtem mais efeito e colaboram para da formação de autonomia e da capacidade reflexiva e crítica. Em outras palavras, analisar e escrever sobre um fenômeno que pode ser

observado em casa pode ser mais interessante do que fazer uma pesquisa simples na internet sobre ele, pois estimula o aluno a aplicar o conhecimento nas vivências cotidianas.

“As tarefas devem conectar o saber do aluno, didaticamente adaptado na escola, à vida cotidiana. Mais do que atividades de papel e lápis, é importante promover oportunidades de análises do que o aluno vive em casa. Observar as formigas em casa pode ser mais interessante do que fazer uma ‘pesquisa’ no Google sobre as formigas”, exemplifica o psicólogo e professor Francisco José Rengifo-Herrera, da UnB.

“Situações caseiras, entrevistas com membros da família, rodas de conversa com os pais sobre algum conceito, experimentos caseiros com materiais simples e de risco zero [sempre com o acompanhamento de um adulto], observações de diversos contextos [bichos, pessoas, locais] que favoreçam a reflexão, o desenvolvimento de processos de funcionamento executivo e o controle intencional e dirigido da atenção para tarefas que promovem a autorregulação cognitiva e emocional”, exemplifica o mestre em psicologia cognitiva e aprendizagem.

Equilíbrio necessário

Equilibrar os deveres de casa com as demais atividades da escola e demandas pessoais dos alunos é fundamental para que o processo de aprendizagem ocorra da maneira mais positiva e saudável possível. Além do acompanhamento e ajuda dos pais, o suporte da escola é importante. De acordo com Viviane Fernandes Guidacci, supervisora do Programa Da Vinci Integral, o colégio disponibiliza plantões de dúvidas e atividades de ajuste pedagógico para os alunos, “para desenvolver e potencializar a aprendizagem e autonomia para um melhor desempenho escolar”.

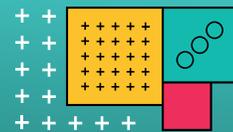
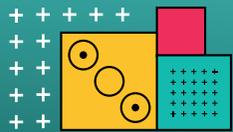
Cabe destacar que as dificuldades que um aluno pode sentir para realizar uma tarefa de casa podem ser motivadas por uma série de fatores, como a falta de rotina ou ajuda, pouca familiaridade com um tema estudado, questões emocionais ou até mesmo por algum transtorno do neurodesenvolvimento.

O psicólogo e professor Francisco José chama a atenção para a necessidade de a escola estar atenta às especificidades, mas também considerar que a aprendizagem não é apenas um processo individual. “As escolas devem apagar a ideia de que os alunos aprendem melhor quando a competição e o individualismo são privilegiados. Na medida em que todos aprendem, cada um aprende. É necessário coletivizar os aprendizados, mas também coletivizar o que não se sabe, subsidiar quem não consegue compreender. Criar redes de apoio pode ampliar a colaboração e a empatia”, diz.

Ferramenta

A coordenadora pedagógica do Leonardo da Vinci, Gisele Martins Turkiello, pontua que os professores orientam os estudantes a registrarem as tarefas de casa na agenda, além de explicarem detalhadamente cada proposta, estipulando a data de entrega e das correções. Desenvolvimento da autonomia, da responsabilidade e do senso de organização são alguns dos aspectos que as escolas almejam alcançar com as tarefas, pois elas são uma ferramenta para o estudante identificar dúvidas que deverão ser esclarecidas com o professor, além de conhecer o estilo de aprendizagem, o que permitirá traçar as melhores estratégias de acordo com o modo de aprender de cada um.

“Para o professor, tal ação funciona como uma espécie de avaliação formativa diária e fornece subsídios para reorientação do planejamento e intervenções necessárias. Ademais, a regularidade das atividades de casa também contribui para a ampliação da oralidade, da leitura de mundo e da bagagem cultural da criança”, argumenta Gisele.



A era 5.0 no ensino

O novo universo de possibilidades aberto pela tecnologia invade a sala de aula e levanta discussões éticas e sobre capacitação nas escolas

HELENA DORNELAS

Investir em tecnologia é pouco para construir uma escola do futuro. A grande mudança está em repensar os modelos educacionais enraizados há séculos. A utilização das tecnologias digitais não se resume à instrução da utilização de ferramentas, mas ao desenvolvimento de competências para criação, seleção de recursos, processos e produtos que ajudem a resolver problemas do mundo real, vivenciados pelos estudantes ao longo da vida, sem perder de vista a ética, a responsabilidade e a cidadania.

O cenário de ensino está em constante evolução de processos e de métodos, que vêm transformando a maneira como ensinamos e como aprendemos. Por isso, a inteligência artificial na educação é um tema que vem ganhando espaço, e suas aplicações tornam-se cada vez mais populares também nesse setor.

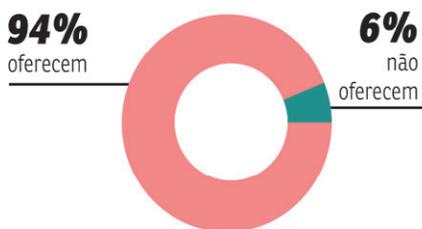
A chamada IA pode ser usada para criar experiências de aprendizado personalizadas; programas que reforcem a capacidade dos professores e os ajudem a gerenciar suas cargas de trabalho; e para fornecer insights sobre como os alunos aprendem. Também está sendo usada para desenvolver novas ferramentas e tecnologias ligadas ao ensino.

Luciana Allan, cofundadora e diretora técnica do Instituto Crescer, avalia que combater a inteligência artificial seria uma luta inglória, mas é essencial manter a supervisão e estabelecer diretrizes para acompanhar e orientar

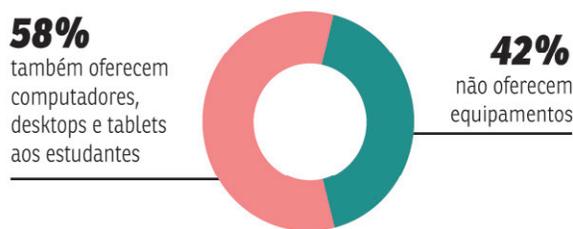
Conectividade das escolas do Brasil

Pesquisa TIC Educação traz melhora nos índices de conexão à internet nas escolas públicas e particulares do Brasil

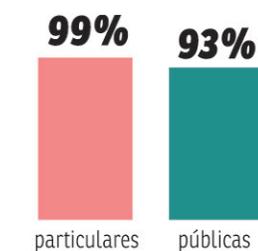
Escolas que oferecem acesso à internet no Brasil



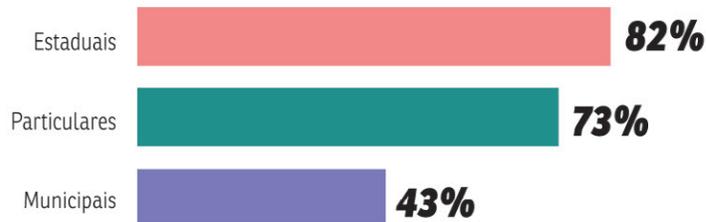
Entre as escolas que oferecem



Escolas que oferecem acesso à internet



Entre as escolas brasileiras que oferecem computadores



os procedimentos. “Sempre defendi que a tecnologia faz parte da linguagem contemporânea, e é uma grande aliada do desenvolvimento de capacidades infantis e oportunidades de uma série de aprendizagens, mas também há vida lá fora. Os dois universos podem coexistir. Só é preciso equilíbrio e bom senso.”

Atenção

Celulares, tablets, computadores e as inteligências generativas, como o ChatGPT e o Google Bard, não são vilões, mas a relação desses dispositivos com as crianças e os adolescentes precisa ser guiada e cuidada de

perto. “É importante que os pais tenham um papel ativo na relação dos filhos com as novas tecnologias. Estreitar os laços familiares fora das telas é uma das saídas mais interessantes. Com ou sem telas, o que eles precisam é de tempo de qualidade”, comenta a diretora.

Mesmo assim, inserir o conteúdo de inteligência artificial nas escolas é um trabalho à parte. Luciana entende que, para isso, é necessário mudar o mindset dos líderes escolares e docentes para reconhecer que a transformação tecnológica é uma realidade. “É necessário entender quem é o estudante que hoje frequenta a escola; como ele

pensa, quais são seus interesses e como ele aprende; definir por que ensiná-lo e para quais oportunidades profissionais, pessoais e sociais esse ensino deve ser feito.”

“Por meio das metodologias ativas, tais como aprendizagem baseada em problemas ou em boas perguntas, sala de aula invertida, gamificação, educação midiática e empreendedora, com apoio de tecnologias digitais de ponta disponíveis e lideradas por professores bem preparados para mediar boas reflexões e práticas, os estudantes são levados a desenvolver diversas competências relevantes à formação do indivíduo no século 21”, demonstra a profissional.

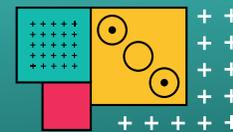
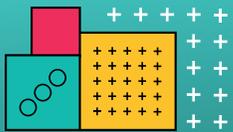
ChatGPT responde

Para a reportagem, perguntamos ao ChatGPT qual o seu impacto na educação. Confira a resposta:

“O ChatGPT e tecnologias semelhantes têm o potencial de ter várias influências na educação. Alguns exemplos incluem:

1. Tutoria personalizada: ChatGPT pode oferecer suporte personalizado a alunos, respondendo a perguntas e explicando conceitos em tempo real.
2. Auxílio na pesquisa: os alunos podem usar o ChatGPT para obter informações e recursos relevantes para suas tarefas de pesquisa.
3. Desenvolvimento de habilidades de escrita: o ChatGPT pode ajudar os alunos a aprimorar suas habilidades de escrita, fornecendo sugestões e correções em seus textos.
4. Acessibilidade: pode tornar o conteúdo educacional mais acessível para alunos com necessidades especiais, traduzindo textos ou fornecendo explicações adicionais.
5. Personalização do aprendizado: ChatGPT pode adaptar o conteúdo de ensino com base nas necessidades individuais dos alunos.

No entanto, é importante usar essa tecnologia com responsabilidade e considerar questões éticas, como a promoção da aprendizagem crítica e a prevenção de plágio. Além disso, a interação com professores humanos continua sendo crucial para a educação bem-sucedida.”



Apresentado por:



Formação de alunos para serem cidadãos globais

Desde 2011, a SIS Swiss International School Brasília forma cidadãos para o mundo. Entenda o currículo internacional e a proposta da instituição

SIS Swiss International School Brasília/Divulgação



Em 2011, a SIS Swiss International School Brasília chegou ao Distrito Federal com uma proposta genuinamente bilíngue por imersão, na qual metade das aulas são ministradas em inglês e a outra metade, em português. A escola pertence ao grupo SIS, que conta com 17 escolas na Suíça, na Alemanha e no Brasil e se prepara para abrir a primeira unidade na Itália em 2024.

No conceito educacional adotado pelo grupo, e que é comum a todas as escolas SIS, os estudantes são encorajados a se envolver ativamente e desenvolver autonomia em seu processo de aprendizado. Em Brasília, a SIS é a única escola autorizada a oferecer os renomados programas internacionais da organização International Baccalaureate (IB) desde a educação infantil.

O campus escolar está localizado ao lado do parque Dona Sarah Kubitschek, na Asa Sul (SGAS 905), e conta com um espaço amplo, com quadra de esportes, ginásio, biblioteca, laboratórios e áreas verdes. O grupo SIS pertence ao Grupo Alemão Klett, um dos maiores conglomerados de educação privada da Europa, com mais de 125 anos. As escolas SIS são referência no mercado mundial de educação.

“A SIS é uma escola internacional, no entanto, valorizamos fortemente a nossa presença no Brasil. Embora sejamos internacionais, não preparamos os alunos apenas para sair do país. Queremos que eles tenham, na verdade, uma ampliação de opções para as suas vidas. Nossa base curricular e todo o nosso desenho institucional estão bem alinhados com as diretrizes brasileiras, a BNCC, e, também

SIS atua com a aprendizagem bilíngue desde a educação infantil até o ensino médio

com as diretrizes do IB”, conta Henrick Oprea, diretor executivo da unidade de Brasília.

Para um desenvolvimento pleno e, também, um aproveitamento integral da proposta pedagógica da rede, a SIS atua com a aprendizagem bilíngue desde a educação infantil até o ensino médio. No início, com a educação infantil, o trabalho de ensino-aprendizagem é realizado em um ambiente que promove curiosidade nas crianças para viabilizar brincadeiras, experiências e descobertas.

No ensino fundamental I, os estudantes descobrem novos horizontes através da linguagem.

Encorajando os jovens nesse processo, a instituição combina o currículo brasileiro com o Primary Years Programme (PYP), do IB, que está focado em uma experiência de aprendizagem holística para integrar o desenvolvimento socioemocional, físico e cognitivo. Nessa fase, os alunos ainda têm a oportunidade de aprender alemão e francês como línguas estrangeiras.

No ensino fundamental II, junto com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aplica-se também o Middle Years Programme (MYP), cujo intuito é incentivar os alunos a fazerem conexões práticas

entre seus estudos e o mundo real. Já o ensino médio, responsável por encerrar a formação dos estudantes, possibilitará que os adolescentes conquistem o Certificado de Conclusão do Ensino Médio Brasileiro e o International Baccalaureate Diploma (IB Diploma). Este ano, a escola inaugurou sua primeira turma de ensino médio.

“Nossos alunos também vivenciam inúmeras oportunidades de trocas culturais com as outras escolas do grupo. Seja através do esporte, experiências colaborativas ou até a possibilidade de intercâmbio, nossos alunos estão sempre

em contato com diversas culturas e formas de ver o mundo”, complementa Oprea.

Segundo a instituição, uma das prioridades da rede é munir os alunos com as habilidades necessárias para que compreendam os ambientes natural, cultural e tecnológico que os cercam, no Brasil e no mundo.

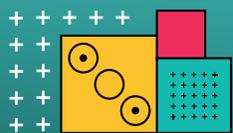
Tecnologia em prol do desenvolvimento

A formação do aluno como cidadão global passa por diferentes processos cognitivos e de aprendizagem na SIS. De acordo com Frederico Lara, professor de Tecnologia da Informação (TI) da instituição, um dos aspectos essenciais para a formação desse estudante está relacionado à implementação de tecnologias conscientes no dia a dia escolar.

“O que a gente vive no mundo real reflete no digital. A informação, hoje em dia, é muito fácil. Não basta o aluno ter acesso à informação. O que trazemos aqui é condições de gerar conhecimento a partir da informação, tendo o discernimento sobre o assunto para produzir produtos de qualidade com consciência global e ética. Não temos mais como separar o mundo real do digital. Por isso, estimulamos os alunos para que, por meio dos meios virtuais, eles possam se desenvolver”, explica.

Lara informa que, na SIS, a tecnologia faz parte do processo de ensino. “O foco é saber como utilizar a tecnologia para ser um cidadão global e crítico também para que seja possível se desenvolver. Com o nosso currículo de TI, a gente dá suporte tanto para os alunos quanto para os professores para que a tecnologia seja englobada em sala de aula para fazer parte da rotina, gerando conhecimentos diferentes e colaborativos”, complementa.

Matéria escrita pela jornalista Gabriella Collodetti



Sala de aula conectada

Tecnologia pode ajudar a personalizar o ensino e a potencializar a aprendizagem. Cuidados com excessos e com o uso ético de aplicativos devem ser redobrados

HELENA DORNELAS

O uso da inteligência artificial no ensino básico é uma realidade. Apesar do surgimento de novas ferramentas, como o ChatGPT, há anos o avanço na tecnologia está impulsionando transformações tanto na gestão escolar quanto no processo de ensino e aprendizado dos alunos.

O diretor da Swiss International School (SIS), Henrick Oprea, avalia que as escolas devem apresentar um currículo de Tecnologia da Informação (TI) diversificado, que se integre às disciplinas tradicionais do currículo estudantil. “É necessário ensinar os alunos a utilizarem as ferramentas tecnológicas de forma adequada e a receberem um retorno de professores e da instituição sobre como usá-las para agregar à formação acadêmica.”

A escola está presente no Brasil, na Alemanha e na Suíça, e oferece educação bilíngue e interligada com a tecnologia desde a educação infantil até o ensino médio. Desde a educação infantil, os alunos exploram as áreas de tecnologia digital, programação e mídia, bem como comunicação e segurança eletrônica.

Na avaliação do diretor, a inteligência artificial (IA) pode ser uma ferramenta poderosa para aprimorar a educação em todos os níveis, desde o ensino fundamental até o ensino superior. Por exemplo, ela pode ajudar a personalizar o aprendizado para cada aluno, fornecendo recomendações de conteúdo

com base nas habilidades e nos interesses individuais.

“A inteligência artificial pode ser um pilar da aprendizagem e a palavra-chave para isso é a intencionalidade”, comenta Oprea. “Às vezes, você precisa de cinco horas para estudar matemática e de uma hora para história; outra pessoa, o inverso, mas a escola tradicional ainda pensa no mesmo tempo para cada pessoa. É necessário estudar as competências, e a inteligência artificial vem para ajudar a gente nessa mudança de paradigma.”

Futuro

A advogada Jussara Berlie, 46 anos, é mãe da Helena, 10, e entende que, como a tecnologia já está inserida na vida das pessoas, o fato de a escola oferecer essa formação é essencial. “Quando penso no futuro da minha filha é muito provável que a tecnologia tenha um papel importante. Por isso, ela aprender sobre programação, inteligência artificial e novas tecnologias na escola é fundamental para o seu crescimento individual e profissional”, avalia.

Uma das preocupações de Jussara é que a filha aprenda de forma mais completa sobre segurança nas redes. “É importante um aprendizado consciente, seguro e responsável. Por isso, gosto muito de como a escola aborda não simplesmente programação, ou como usar determinados sites, mas, também a importância de ter senhas seguras e de como usar as redes de forma agregadora.”

Helena Dornelas/CB/D.A Press



Introdução ao uso de ferramentas digitais na escola ajuda a usar a web com mais segurança

Os cuidados necessários

O uso de inteligência artificial generativa tem sido debatido por especialistas no segmento educacional, que ponderam se ela coloca em xeque a autenticidade do conteúdo e a absorção do conhecimento quando utilizada por crianças e adolescentes para ajudá-los a fazer tarefas de casa, trabalhos escolares ou até nos níveis mais avançados, como trabalhos de conclusão de curso nas faculdades e MBAs.

“Os educadores precisam deixar explícito aos estudantes que o plágio continuará inadmissível. O conteúdo pesquisado no ChatGPT deve servir apenas como base para a organização do trabalho final, que deverá ser produzido como um projeto

autoral de cada aluno. É preciso que o aluno compreenda que, caso haja a insistência em fazer o famoso ‘copia e cola’, há meios para descobrir. No entanto, esse também é um terreno pouco explorado e ainda sob névoa”, destaca Luciana Allan, cofundadora e diretora técnica do Instituto Crescer.

Ainda incerto

Em janeiro, a Open AI disponibilizou no site oficial da plataforma uma ferramenta que pretendia identificar se determinado texto havia sido escrito ou não por inteligência artificial, mas a baixa precisão das informações fez com que a plataforma fosse desativada.

“Portanto, não tem muita escapatória, não tem milagre: o grande trabalho analítico ainda está nas mãos do professor humano, que precisará de perspicácia, preparo e trabalho duro para conseguir identificar se o aluno construiu ali um conteúdo autoral ou se valeu de falácias argumentativas geradas por inteligência artificial”, destaca a especialista.

“Conhecer o aluno de forma profunda, criando também oportunidades ao longo do ano de ele se comunicar e se expressar para mitigar esse problema é importante, visto que o professor terá mais claro o que ele pensa e como se expressa, o que poderá ser comparado à sua produção escrita”, finaliza Luciana. (HD)

VEM SER IDEAL!

ideal
Colégio Ideal

ENSINO INFANTIL E FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS

Ensino socioemocional e Programa Nutricional desde cedo para os pequenos.



ENSINO FUNDAMENTAL ANOS FINAIS

Matérias eletivas, projetos sociais e prática esportiva para os alunos explorarem todo seu potencial.



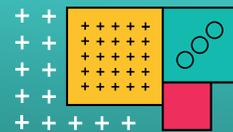
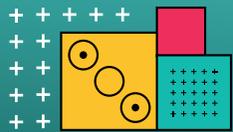
ENSINO MÉDIO

Monitorias e simulados para o PAS/ENEM, onde os alunos podem dar o primeiro passo em direção ao futuro.



INSCREVA-SE NO PROGRAMA DE BOLSA!

idealbsb.com.br



20 • Especial • Brasília, domingo, 22 de outubro de 2023 • CORREIO BRAZILIENSE

ARTIGO



RODRIGO SILVA
Professor doutor na Faculdade de Computação e
Informática da Universidade Presbiteriana Mackenzie

O uso da inteligência artificial na educação

Professores reconhecem que a IA pode produzir automaticamente resultados inadequados ou errados aos alunos, pois ainda é imprescindível o olhar do ser humano especializado

Os avanços da IA nos últimos anos têm proporcionado a diversas áreas do conhecimento a oportunidade de melhorar o processo de negócio e, inclusive, buscar a inovação no setor.

Um desses setores é a educação que, provavelmente, é a meu ver a mais importante por causa do crescente interesse da internet e da inteligência artificial no processo de ensino e aprendizagem.

Hoje, o ensino e a aprendizagem passam por desafios na transmissão do saber aos alunos que, por motivos óbvios de serem nativos da era digital, a tradição educacional necessita ser resiliente e se juntar à modernidade sem perder a essência entre o aprender e o ensinar. Por isso, os docentes buscam, através das tecnologias, ações seguras, eficazes e escaláveis para equilibrar o plano educacional.

De outra parte, apesar das vantagens que a internet e a IA podem trazer para a educação de alunos e professores, há também os desafios que poderão causar danos no processo de ensino e aprendizagem.

Os professores reconhecem que a IA pode produzir automaticamente resultados inadequados ou errados aos alunos, pois ainda é imprescindível o



olhar do ser humano especializado. O uso da IA na educação é saudável, porém ainda requer supervisão e curadoria da informação que o aluno está recebendo por ela. Isto faz cair o medo de docentes serem substituídos por sistemas de IA.

Além disso, a má-fé pode ser impulsionada com as ferramentas de IA porque facilitam o desenvolvimento de tarefas fazendo com que a inferência cognitiva do aluno seja posta de lado para o ato de copiar ou

a realização do plágio. Isto reforça a falta de análise crítica e fortalece a repetição de ideias. É importante ressaltar que aprender não é apenas criticar, mas pensar com sabedoria aquilo que aprendeu com os próprios erros e, também, com os erros dos outros no processo de aprendizagem.

Ademais, não será tarefa fácil implementar um sistema de IA que permitirá a adaptação aos pontos fortes dos alunos e não apenas aos em

desenvolvimento, que ainda não atingiram a satisfação de aprendizagem necessária. O caminho de aprimoramento é árduo e levará bastante tempo.

No entanto, o conteúdo é a parte mais fácil de colocar no algoritmo de IA. Novamente, o resultado da resposta ainda é um caminho longínquo a percorrer. Talvez, as atividades menores que exigem probabilidades de respostas delimitadas possam, inicialmente, contribuir para a educação. Mas,

mesmo assim, a curadoria ainda é necessária.

Na Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo, a IA vem sendo adotada de modo transversal em cursos de graduação e stricto sensu. Por exemplo, os cursos de computação e sistemas de informação possuem disciplinas de IA, além das pesquisas e grupos de estudos que compõem a estrutura acadêmica para fomentar e tornar o aluno protagonista no assunto, fazendo com ele seja capaz de entender o presente e o futuro da IA com o passar dos anos na universidade. Vale ressaltar que o ensino fundamental e médio também possuem disciplinas que envolvem algum campo da IA, como a robótica.

No Mackenzie, mesmo com a adoção da IA e outras tecnologias, é imprescindível tornar o desenvolvimento profissional dos professores mais produtivo e frutífero e, ainda, lidar com detalhes de baixo nível para aliviar a carga de ensino e aumentar o foco nos alunos.

Por fim, o desafio é imenso na educação com o uso de IA. Contudo, é imperativo abordar agora a IA na educação para concretizar oportunidades importantes, prevenir e mitigar riscos emergentes e enfrentar consequências indesejadas.



Legado que
cresce junto
com você.

Toda criança merece um ensino *extraordinário*

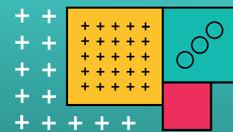
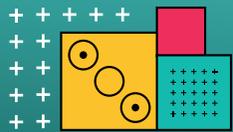
- Formação acadêmica de excelência;
- Infraestrutura moderna;
- Inglês by Thomas Jefferson;
- Projeto Maker;
- Inteligência Emocional;
- Turnos Matutino, Vespertino e Integral.

Há 53 anos,
referência
nacional em
Metodologia
Montessoriana

Garanta o melhor
futuro para o seu filho!

MATRÍCULAS ABERTAS 2024
Educação Infantil - Ensino Fundamental I e II

☎ 61 99535-7538



22 • Especial • Brasília, domingo, 22 de outubro de 2023 • CORREIO BRAZILIENSE

Beabá em tempos de tech

As gerações que nasceram num mundo digital precisam ser preparadas para usar as ferramentas tecnológicas com responsabilidade e destreza

HELENA DORNELAS

As crianças e adolescentes passam boa parte da vida no ambiente escolar. Essa convivência é fundamental para que consigam viver em sociedade. Para acompanhar as evoluções, é preciso, hoje, ir além da alfabetização. Matemática, história, português, geografia e outras disciplinas continuam essenciais, mas, para garantir a compreensão do mundo, as instituições de ensino precisam garantir o letramento digital, que é a compreensão e capacidade de interpretar, criar e desenvolver habilidades de leitura e escrita no cenário tecnológico.

O termo letramento não é novo no vocabulário, e está diretamente ligado à alfabetização, mas com uma representação mais complexa. A ideia é não apenas decodificar as interações comunicativas, mas saber quando e como aplicá-las. O letramento digital nas escolas é importante porque estimula a multidisciplinaridade e a cooperação entre as diferentes áreas de conhecimento. Dessa forma, o estudante ganha mais autonomia e aprende, de forma crítica,

como aproveitar os reais benefícios oferecidos pela tecnologia.

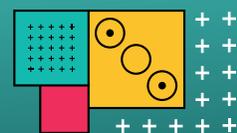
Especialista em educação da Fundação Itaú Social, Juliana Yade avalia que a formação tecnológica é importante para o futuro das crianças. “As crianças estão cada vez mais expostas à tecnologia desde cedo, sendo fundamental que elas desenvolvam habilidades digitais básicas para se prepararem para um mundo em que a tecnologia é tão essencial”, avalia.

O domínio de múltiplas habilidades é uma das principais vantagens do letramento digital, pois estimula a multidisciplinaridade e a cooperação entre as diferentes áreas de conhecimento. “Também é imprescindível ensinar as crianças sobre segurança on-line, incluindo a importância de não compartilhar informações pessoais, identificar comportamentos de risco e entender, mesmo que minimamente, os princípios de privacidade”, comenta Yade.

Na prática, a escola deve ensinar os estudantes com e sobre tecnologia, inserindo recursos educacionais digitais no dia a dia da instituição e abordando temas relacionados à cultura digital de forma interdisciplinar. “A integração bem-sucedida da educação

Fotos: Kayo Magalhães/CB/D.A Press





Tecnologia presente no dia a dia não descarta a necessidade de outras atividades

com o letramento digital requer uma abordagem equilibrada, em que a tecnologia deve ser usada como uma ferramenta para aprimorar o aprendizado, e não como um recurso substituto. Isso garantirá que os estudantes estejam preparados para o mundo digital em constante evolução”, avalia Juliana Yade.

Seleção

A diretora pedagógica da Escola Canadense de Brasília, Amanda Payne, avalia o aprendizado tecnológico nas escolas como essencial. “Entendemos o computador e a internet como recurso, e abordamos muito isso com os alunos”, explica. “Ajudamos os estudantes a fazer a seleção do que é válido, de quais sites têm informação confiável, onde verificar as fontes e, assim, ter uma educação mais prática para o dia a dia também”, acrescenta a profissional sobre cuidados que devem ao apresentar as redes aos estudantes.

A pedagoga Miliane Benício, mãe do Axl Benício, 11 anos, explica que apresenta para o filho o universo de possibilidades que a tecnologia oferece. “Sempre que conversamos com o nosso filho, apresentamos textos, vídeos sobre as questões que abordamos. Assim, ele tem condições de ouvir, de outra forma, uma reflexão sobre o mesmo assunto. Falamos sobre fontes confiáveis de pesquisa. E, como a escola é nossa aliada nessa leitura, procuramos uma escola que



A integração bem-sucedida da educação com o letramento digital requer uma abordagem equilibrada, em que a tecnologia deve ser usada como uma ferramenta para aprimorar o aprendizado, e não como um recurso substituto”

Juliana Yade,
especialista em educação
da Fundação Itaú Social

potencializasse habilidades e interesses que ele demonstrava possuir”, destaca a mãe.

“A educação pode ser aliada da tecnologia, criando um currículo que garanta aos estudantes o desenvolvimento de competências e habilidades neurocognitivas, linguísticas, físicas, afetivas, éticas e solidárias lado a lado com as competências tecnológicas. Um currículo crítico, prático, mas embasado em conhecimentos sobre como se estruturam e funcionam a linguagem da programação e da comunicação mediada pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação”, acrescenta Miliane.

Novas gerações

As novas gerações, principalmente a Z (nascidos entre o fim dos anos 1990 até o início do ano 2010) e a Alfa (nascidos a partir de 2010), têm contato com as tecnologias de forma mais natural. Elas nasceram e foram criadas em um mundo de intenso desenvolvimento de novas tecnologias e dispositivos eletrônicos, como celulares e computadores. Por isso, as escolas precisam se preparar para dialogar com elas, afinal, o conhecimento não é mais construído apenas nos moldes da educação tradicional.

Apesar de o letramento digital estar inserido na vida de muitos indivíduos antes mesmo da alfabetização, esse é um processo que não ocorre de forma rápida. É uma prática que demanda tempo, se relaciona com a realidade do aluno dentro e fora da sala de aula e precisa ser desenvolvida de forma equilibrada, devendo ser inserida no contexto escolar e acompanhada de perto pelos professores.

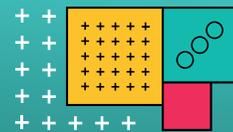
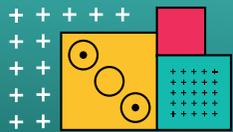
“Nós falamos muito da questão de trabalhar com conceitos para além dos conteúdos, de investigação dentro da investigação, e se torna uma questão disciplinar, dos alunos estarem construindo o processo interdisciplinar”, explica Amanda Payne, da Escola Canadense. “É preciso observar o computador como um recurso, uma vez que ele vai além do formato tradicional de educação. Por isso, tanto nos anos iniciais quanto nos anos finais, os alunos estão construindo uma formação tecnológica, mas ao mesmo tempo se colocando de forma crítica dentro desse universo”, completa.

Competência em formação

Juliana Yade, da Fundação Itaú Social, resalta que o letramento digital não é uma habilidade estática, mas uma competência em constante evolução, impulsionada pelo rápido avanço tecnológico. Portanto, as escolas devem continuar a adaptar seus currículos e métodos de ensino para garantir que os estudantes estejam preparados para enfrentar os desafios digitais de um mundo em constante mudança.

“Além disso, precisamos ter em mente que as crianças, adolescentes e jovens são nativos digitais e estão familiarizados com diversos recursos tecnológicos desde muito cedo. Ou seja, eles já têm um grau de inserção digital, mas não necessariamente um letramento digital. É aí que a escola ganha protagonismo, apoiando na formação desses indivíduos para fazerem o uso crítico das ferramentas e do seu conteúdo”, conclui a especialista.

Letramento digital compreende a capacidade de interpretar, criar e desenvolver habilidades de leitura e escrita no cenário tecnológico



24 • Especial • Brasília, domingo, 22 de outubro de 2023 • CORREIO BRAZILIENSE

O que vai ser quando crescer?

Os avanços tecnológicos têm mudado também os rumos do mercado de trabalho, e o leque de opções que se apresenta aos estudantes ao longo da trajetória escolar aumenta

GABRIELLA BRAZ

Mãos na massa

Especialistas em inteligência artificial e linguagem de máquina, analista de business intelligence (BI), engenharia de fintech, especialistas em Big Data. Você já ouviu falar dessas profissões? Se não conhece, é porque possivelmente elas não são tão faladas. Ainda.

De acordo com o relatório O Futuro dos Empregos 2023, do Fórum Econômico Mundial, elas figuram entre as 10 carreiras que mais devem crescer até 2027. A maioria dessas profissões emergentes tem uma coisa em comum: são impulsionadas pela tecnologia.

As inovações tecnológicas têm transformado o mercado de trabalho. Mas, melhor do que fazer previsões sobre quais as tendências dos próximos anos, segundo Ricardo Cavallini, expert da Singularity University, é estar preparado “para esse futuro no qual a única constante é a mudança”.

“Hoje, a gente vê tecnologia como uma disciplina, eu faço humanas, eu faço exatas, eu vou para biológicas”, comenta. “Mas cada vez mais a gente vai entender que a tecnologia é transversal a isso tudo.” No entanto, em um universo permeado por recursos tecnológicos, o especialista destaca que o mais importante é estimular a criatividade dos jovens.

Amanda Mussauer, diretora pedagógica do Colégio Ideal, explica que a inovação e o empreendedorismo, além de ajudar na escolha da futura profissão, preparam os estudantes para um universo do trabalho cheio de mudanças.

No ensino fundamental, a escola conta com aulas de robótica do 6º ao 9º ano. “É uma forma de mostrar aos alunos como eles podem participar da construção da tecnologia”, explica a diretora.

Também a partir do 6º ano são ofertadas as eletivas de inovação, disciplinas remotas sobre diferentes áreas do conhecimento. Entre elas, criação de games, produção de cosméticos naturais e escrita criativa. Ao fim, os alunos devem criar uma empresa no campo que estão cursando e apresentar em uma espécie de simulação de pitch, apresentação curta e direta que busca vender um projeto para possíveis investidores.

Outra prioridade do colégio é capacitar os docentes para aplicar essas ferramentas em sala de aula. “A gente precisa enxergar a tecnologia como aliada, pois ela já faz parte das nossas rotinas”, reforça.

Para isso, os professores têm acesso a uma trilha de formação com aulas on-line, podcasts e outros materiais. Um destaque dessa capacitação tem sido o uso do ChatGPT.

John Ferreira/Estúdio Black-se



Valentina une o amor pela arte e pela tecnologia: “Facilidade de estar conectada”, diz a mãe

Vamos conversar?

Como empresário, consultor e palestrante, Ricardo Cavallini passou parte da carreira aconselhando corporações sobre como se adaptar às novas tecnologias. No entanto, ele tinha um desafio muito maior pela frente: aconselhar a própria filha. Pai de uma adolescente de 15 anos à época, Cavallini sentia que as conversas com a jovem não tinham a profundidade que ele gostaria. A ideia então foi escrever um livro e fazer uma espécie de clube do livro familiar. “Eu escrevia um capítulo, ela lia e a gente conversava sobre ele, para escutar opinião dela”, explica. Assim surgiu o livro *Para os seus próximos mil anos: um manual para as profissões que ainda não existem*.

Ao mesmo tempo e lugar

A diretora de vendas Mariana Carvalho, 34 anos, busca se atualizar constantemente em relação às novas tecnologias. E não é só pela profissão, mas para acompanhar a filha Valentina, 12, neste mundo cheio de inovações. “Ela tem facilidade de estar sempre conectada e eu tento caminhar junto, mas ela sabe muito mais do que eu”, conta.

No 6º ano do ensino fundamental, a estudante integrou a equipe de robótica da escola durante quatro anos e já chegou a competir nacionalmente em campeonatos juniores. Hoje, o que pulsa mesmo na jovem é a veia artística, mas isso não quer dizer que a tecnologia não está presente. Valentina pensa em ser atriz ou professora.

“Ela vai precisar em qualquer profissão: se ela é uma professora que lida bem com tecnologia, ela traz os alunos

mais para perto”, explica a mãe. “Hoje, aula chata não prende mais a atenção dos alunos, porque eles têm acesso a novidades o tempo todo na internet”, completa.

Valentina destaca que a internet, para ela, não é só uma forma de lazer, mas de pesquisa e de conhecimento. Uma das ferramentas utilizadas é o ChatGPT, que gosta de usar para fazer resumo das disciplinas, o que facilita na hora de revisar o conteúdo. Mas para fazer os trabalhos, tem que deixar a tecnologia de lado. “A professora fala que a gente tem de fazer da nossa cabeça, porque só assim vamos ter destreza para falar de um assunto”, comenta.

Para Mariana, o importante é auxiliar a filha a entender como utilizar os recursos com consciência, na robótica, na arte ou na vida particular.



você

é o que

+ importa

Não se trata apenas de conhecimento, mas de despertar o potencial que existe dentro de você!

A nossa recompensa é ver você alcançar o seu sonho:
esse é o nosso objetivo!

Agende sua entrevista

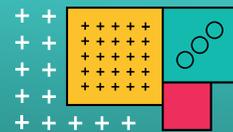
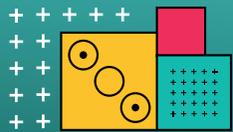


colegiodoppler.com.br



(61) 9 8347-6402

Colégio
Doppler



Foco nas emoções e no bem-estar

Busca de escolas por soluções voltadas para a educação socioemocional cresceu três vezes em 2023, revela levantamento feito pela Educa. Especialistas detalham como lidar com os sentimentos no contexto escolar

CECILIA SÓTER

A rotina de trabalho de mães e de pais, os resquícios da pandemia e a tecnologia inserida no dia a dia dos jovens, geraram um alerta em relação à saúde mental de crianças e de adolescentes em todo o país. A educação, como parte essencial da vida, deve levar em consideração essa bagagem emocional dos estudantes, que se refletirá na vida adulta. O trabalho com competências socioemocionais, que visa a promoção de saúde mental nas escolas, está previsto inclusive na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Segundo um levantamento realizado pela Educa — edtech com foco em soluções para o ensino de competências socioemocionais em crianças e jovens no Brasil —, a procura das escolas por soluções voltadas para a educação socioemocional cresceu 316% no primeiro semestre de 2023. Entre janeiro e junho, 250 instituições de ensino buscaram adicionar os estudos socioemocionais em sua grade curricular, enquanto no mesmo período de 2022, apenas 60 colégios sinalizaram esse interesse.

O educador Rossandro Klinjey, psicólogo e embaixador e cofundador da Educa,

avalia que as crianças e adolescentes que trabalham as competências socioemocionais são pessoas mais apaziguadas e conseguem render mais nas outras disciplinas.

“Alguém que está apaziguado, que não está se sentindo mal, que se aceita, que se respeita, que sabe dizer não, tem foco para estudar. Quando você não lida com essas questões, essas emoções, elas dificultam a sua capacidade, inclusive de se concentrar nas disciplinas essenciais para conquistar esses vestibulares concorridos que as famílias desejam que os filhos alcancem”, destaca.

Conceitos relacionados

A psicopedagoga e neuropsicóloga Tereza Pita destaca que a saúde mental e as habilidades socioemocionais são conceitos relacionados, mas distintos. Enquanto a saúde mental se concentra no estado psicológico e emocional de uma pessoa, as habilidades socioemocionais se concentram nas competências que uma pessoa tem para lidar com suas próprias emoções e interagir com os outros de maneira eficaz.

“A saúde mental está mais associada à presença ou ausência de condições psicológicas, como transtornos de

ansiedade ou à depressão, enquanto as habilidades socioemocionais são aquelas que podem ser desenvolvidas para melhorar a qualidade das interações sociais e o bem-estar emocional”, explica Pita.

Ela pontua, no entanto, que a saúde mental e as habilidades socioemocionais estão interconectadas: “Uma boa saúde mental pode proporcionar a base necessária para desenvolver habilidades socioemocionais sólidas. Ambos os aspectos são fundamentais para o bem-estar geral de uma pessoa”.

Tereza avalia que trabalhar a saúde mental na escola é de extrema importância, tendo em vista que essa prática é cada vez mais reconhecida como fundamental para o bem-estar e o desenvolvimento dos estudantes. “Abordar a saúde mental contribui para um ambiente escolar mais positivo. Nele, os alunos deverão conhecer o conceito de saúde mental e seus pré-requisitos básicos”, explica a especialista (veja quadro).

Parceria

Para a gastrônoma Jamileh Foitzik Bdawi de Vargas Garcia, 46 anos, mãe da pequena Malu, 9, estudante do 3º ano do ensino

fundamental, a escola tem um papel muito importante para o desenvolvimento socioemocional da filha. Ela acredita que a parceria entre escola e família é a fórmula perfeita para o desenvolvimento da criança. “A Malu tem uma mediadora de apoio na escola e, antes dela, a socialização era bem mais complicada. Foi a equipe pedagógica que percebeu essa necessidade para o melhor desempenho dela, tanto na parte emocional quanto na parte pedagógica de ensino”, relembra.

Jamileh conta que em casa, Malu vive uma rotina que raramente é quebrada, com atividades diárias de estudo e trabalhos. “Mas também é reservado um tempo para descanso e atividades de lazer”, pontua. A estudante também faz atividades extracurriculares na própria escola, incentivadas pela instituição. “Isso contribui muito para que Malu mantenha o seu emocional em equilíbrio”, destaca a mãe.

A especialista Tereza Pita confirma que a educação socioemocional desempenha um papel importante na promoção da saúde mental na escola: “Ela contribui de várias maneiras para o bem-estar emocional dos alunos e para a criação de um ambiente escolar mais saudável”.

Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press

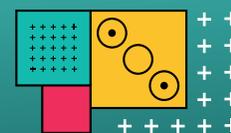


Jamileh Foitzik, mãe de Malu, prioriza o desenvolvimento socioemocional da filha



Alguém que está apaziguado, que não está se sentindo mal, que se aceita, que se respeita, que sabe dizer não, tem foco para estudar”

Rossandro Klinjey, psicólogo e embaixador e cofundador da Educa



Vantagens das habilidades socioemocionais

Desenvolvimento de autoconhecimento

Por meio da interpretação de texto, é possível ensinar os alunos a reconhecer e compreender as emoções dos personagens, assim como reconhecer seus próprios estados mentais neles. Reconhecer o que é aceitável e equilibrado e quando esse estado exacerbado pode exigir ajuda, e a necessidade de pedi-la.

Autorregulação emocional

Os programas de educação socioemocional ensinam estratégias para autorregulação emocional, ajudando os alunos a gerenciar o estresse e a ansiedade de maneira mais eficaz. Isso inclui importância do sono, técnicas de respiração, meditação e outras habilidades de relaxamento.

Empatia

A empatia é uma parte essencial da inteligência emocional. Por meio da educação socioemocional, os alunos aprendem a se colocar no lugar dos outros, o que melhora as relações interpessoais e ajuda a prevenir conflitos.

Habilidades de resolução de conflitos

A educação socioemocional ensina aos alunos habilidades de resolução de conflitos, permitindo que eles lidem com desentendimentos e problemas de maneira colaborativa e construtiva. Isso reduz o estresse e os conflitos no ambiente escolar.

Fonte: Tereza Pita

Preparados para os desafios da vida

As habilidades socioemocionais são trunfos também para lidar com os desafios da vida adulta. O desenvolvimento delas é o que permitirá que, no futuro, os estudantes consigam encontrar com mais facilidade o equilíbrio, tanto na vida pessoal quanto na carreira.

“Ela cria um ambiente escolar mais saudável, onde os alunos podem crescer, aprender e se desenvolver de maneira mais equilibrada e positiva”, pontua a especialista Tereza Pita, neuropsicóloga e psicopedagoga, sobre a educação socioemocional.

Tereza destaca que uma criança ou adolescente que conhece a si mesma, seus valores,

limites e desafios, se tornará um adulto capaz de gerenciar sua vida com maior percepção da realidade de cada momento. “Ela saberá administrar cada evento de forma equilibrada ou adiará o planejamento da estratégia para quando estiver serena com suas capacidades cognitivas restauradas, sem impulsividade, sabendo que assim poderá fazer as melhores escolhas.”

Por isso, a escolha do ambiente escolar para os filhos é uma decisão importante, que pode impactar significativamente o desenvolvimento e o bem-estar das crianças. Tereza afirma que existem várias considerações que os pais devem levar em conta ao escolher a escola

Corpo e mente com saúde

Conheça os princípios básicos da saúde mental

- 1 A alimentação variada e equilibrada
- 2 A atividade física no mínimo três vezes por semana
- 3 Afetividade familiar saudável
- 4 O sono de qualidade e na quantidade adequada

certa para seus filhos. “E todas devem ser personalizadas para atender às necessidades individuais de seu filho. O que funciona para uma criança, pode não funcionar para outra. Portanto, é importante envolver cada um

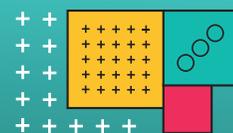
no processo de escolha, considerando suas preferências e interesses. Além disso, visitar as escolas em potencial e fazer perguntas detalhadas pode ajudar a tomar uma decisão informada”, sugere a psicopedagoga.

Diferença perceptível

A fisioterapeuta Raquel Henriques Jácomo, 39 anos, é mãe da Júlia, 12, estudante do 6º ano do ensino fundamental, e do Eduardo, 6, aluno do 1º ano. Ela avalia que o trabalho de saúde mental e habilidades socioemocionais feito na escola é eficaz para ambas as crianças, mesmo tendo idades tão diferentes. “Eu acredito que tem dado muito certo, porque eles trazem coisas que aprenderam da escola. Por exemplo, uma vez eu perguntei para a Júlia quando chegou da escola o que ela tinha aprendido, e ela falou que aprendeu a ser luz na vida das pessoas”, relembra.

Ela destaca que as escolas têm se preocupado em trabalhar a empatia: “E isso é uma coisa que eu também trago para o aprendizado do meu filho, que foi diagnosticado com altas habilidades”. Raquel explica que entre as características da criança com esse diagnóstico estão questões relacionadas ao imediatismo e o não saber olhar o outro. “Exatamente o que é necessário nas habilidades emocionais”, pontua, acrescentando que a escola faz um trabalho com as crianças, desde muito pequenas, de identificar os sentimentos como tristeza, alegria e irritação. “Isso é muito importante, porque é assim que a gente vai aprender também a lidar e a respeitar os outros”, acrescenta Raquel.

Para a mãe, a escola tem esse papel fundamental por ser o círculo social das crianças: “É na escola que elas vão colocar realmente em prática o que aprenderam, porque hoje em dia ficam muito tempo lá”.



Juntos pela saúde de toda a escola

Pesquisa mostra que maior parte dos estudantes da rede particular apresentam quadros relacionados à saúde mental. Colégios podem adotar estratégias de acolhimento

GABRIELLA BRAZ

Transtornos relativos à saúde mental têm se tornado um ponto de preocupação entre os profissionais da educação. Seja na infância ou na adolescência, seja em meio ao corpo docente da escola, esses distúrbios impactam a vida dentro e fora da sala de aula, o que leva gestores a buscarem cada vez mais estratégias para lidar com o problema.

A pesquisa *Saúde mental nas escolas: uma discussão necessária* mostrou que 91% dos alunos já apresentaram casos de doenças relacionadas à saúde mental, como ansiedade, depressão, fobia social e síndrome do pânico. O número também é alto entre o corpo docente, chegando a 86%. Entre os transtornos mais relatados, a ansiedade é o mais frequente, com 62,96% dos casos, seguida pela depressão, com 16,67%.

O levantamento incluiu 1,5 mil escolas particulares de todo o país e foi realizado pela Meira Fernandes, consultoria de administração especializada em instituições de ensino. Segundo o gestor de Comercial e Marketing da empresa, Rogério Caramante, o intuito foi não só apontar um número, mas ajudar com informação de qualidade e acessível.

Também foi possível observar que questões de saúde mental estão entre as maiores preocupações dos gestores das

escolas. Na pergunta “Qual a sua avaliação de prioridade de programas e conteúdos sobre saúde mental / bullying / suicídio dentro das escolas e na grade curricular?”, 75% das escolas apontaram prioridade 10, a maior entre as opções da pesquisa. No entanto, 39% das escolas ainda não contam com programas de saúde mental.

A pesquisa foi o início de uma série de atividades junto às escolas voltadas para capacitação no cuidado à saúde mental e prevenção do bullying. Em parceria com o Instituto Amena Mente, a Meira Fernandes promoveu palestras com o psiquiatra Gustavo Estanislau, organizador do livro *Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber*.

Olhar atento

Gustavo Estanislau destaca pontos aos quais os profissionais da educação devem ficar atentos e que indicam que o aluno pode precisar de ajuda. “Alguns sinais importantes incluem alterações de sono, apetite e alterações no peso. Outra questão são as alterações de comportamentos que a gente já tinha estabelecido. Por exemplo: uma pessoa que tem uma tendência a ser mais sociável e de repente passa a viver mais isolada, uma pessoa que tem um perfil mais tranquilo e passa de uma hora para outra a ficar mais irritável,

Anthony Tran/Unsplash

Números impressionantes

A pesquisa Saúde Mental nas Escolas: uma discussão necessária, realizada pela Meira Fernandes, aponta que **91%** dos alunos e **86%** do corpo docente e administrativo já apresentaram casos de doenças relacionadas à saúde mental, como ansiedade, depressão, fobia social e síndrome do pânico.

62,9% dos casos são ansiedade, o mais frequente

16,6% dos casos são de depressão



Pontos importantes

Incorporar a educação socioemocional ao currículo

Desenvolver programas de educação socioemocional que incluam aulas regulares sobre habilidades como empatia, autorregulação emocional, resolução de conflitos e comunicação eficaz.

Treinamento de professores

Oferecer treinamento para os professores, para que eles

possam integrar eficazmente a educação socioemocional em suas aulas e servir como modelos de comportamento emocionalmente inteligente.

Promover a comunicação aberta

Criar um ambiente onde os alunos se sintam à vontade para expressar suas emoções e preocupações, ou debater emoções de personagens fictícios. Isso pode incluir

sessões de discussão em grupo, caixas de sugestões anônimas e acesso a conselheiros ou psicólogos escolares.

Promover o conhecimento da importância do bem-estar físico

Reconhecer a conexão entre a saúde física e mental e promover a atividade física, uma dieta saudável e um sono adequado na escola. Promover a diferenciação entre a

brincadeira e o bullying; entre o assédio e o interesse efetivo.

Monitoramento e acompanhamento

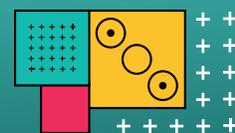
Implementar sistemas de monitoramento e acompanhar o progresso dos alunos em termos de habilidades socioemocionais e identificar áreas que precisam de mais atenção. A abordagem específica pode variar de acordo com a

idade dos alunos, as necessidades da comunidade escolar e os recursos disponíveis.

Envolver pais e responsáveis

Colaborar, orientar e aliar-se aos pais e responsáveis para garantir uma abordagem consistente em casa e na escola em relação à saúde mental e ao desenvolvimento socioemocional.

Fonte: Tereza Pita



uma pessoa que vem tendo um rendimento escolar razoável e de repente tem uma queda muito brusca que não tem uma explicação”, elenca.

A perda de prazer nas atividades e uma negatividade muito grande a respeito de si e de tudo o que está a volta também configuram sinais de alerta. Ao perceber esses sinais, o psiquiatra indica que o profissional tente identificar quais são as dificuldades específicas do aluno na sala de aula. “Por exemplo, um aluno que está deprimido ou ansioso pode estar apresentando muita dificuldade na interação social. Então, o educador pode passar a ajudar essa criança a se vincular um pouco melhor, seja fazendo vínculo com a criança para ela se sentir melhor dentro da sala de aula, seja se

aproximando ou aproximando outras crianças dela.”

“No caso de crianças que estão apresentando uma queda no rendimento acadêmico, eventualmente esse educador pode ajudar no sentido de fazer adaptações para que ela não tenha uma queda de autoestima ou uma queda de rendimento muito grande. Pequenas adaptações, enunciados mais diretos, tarefas com um volume um pouco menor para que a pessoa chegue com um pouco mais de rapidez no fim e tenha a sensação de reforço por ter finalizado”, explica o especialista.

Gestos ainda mais simples também são válidos, como parabenizar o estudante quando se sai bem em uma tarefa. Isso ajuda a lidar com frustrações que acabam sendo mais intensas.

Palavra do especialista

Parceria é fundamental

Para que as instituições de ensino consigam auxiliar um pouco melhor crianças e adolescentes que apresentam dificuldades do ponto de vista de saúde mental, a gente precisa começar por coisas muito básicas, como uma melhoria no vínculo entre escolas e famílias. Isso não é uma obrigação só da escola, é uma incumbência que parte também dos pais, que precisam entender a importância do vínculo com

a escola. Sem isso, a gente não vai conseguir dar suporte para crianças com problemas de saúde mental. Posso citar algumas outras coisas que poderiam contribuir nesse sentido, como a presença de psicólogos dentro de escolas que possam ajudar a identificar coisas que precisam ser identificadas, dar suporte para educadores que podem estar passando por uma situação complicada nesse processo de lidar com crianças que às vezes são muito difíceis de lidar. Uma outra coisa que acho fundamental é que educadores possam vir a ter mais

conhecimentos de saúde mental ao longo da sua formação, frisando que o objetivo não é que eles façam diagnósticos ou tratamentos, mas simplesmente entender um pouco melhor o que se passa com uma criança com um problema de saúde mental. Outra coisa que precisa melhorar bastante é a conexão do sistema de saúde com o sistema educacional.

Gustavo Estanislau, médico psiquiatra especialista em psiquiatria da infância e da adolescência, pesquisador do Instituto Ame sua Mente

Viva a experiência Católica

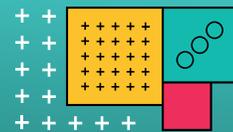
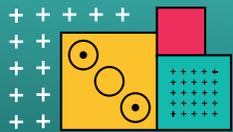


Matrículas Abertas

- Ecovila
- Cultura Maker
- Programa Bilíngue



(61) **3451-5000**
colegio.catolica.edu.br/brasilia



30 • Especial • Brasília, domingo, 22 de outubro de 2023 • CORREIO BRAZILIENSE

ARTIGO



LEONARDO CAFÉ

Professor da educação básica na Secretaria de Educação do DF, mestre e doutorando em linguística na UnB e pesquisador de gênero, diversidade sexual e educação

Diversidade na escola: uma conversa que a gente precisa ter

Um dos desafios reais da atualidade quando refletimos sobre uma educação crítica e emancipatória reside nas contradições, muitas vezes apagadas pela escola, percebidas no discurso de que "somos todos iguais"

Para começar essa conversa, é preciso entender que escola não flutua socialmente, nem é protegida das influências que a cercam por conta dos seus muros de concreto. Como apontam os Estudos Críticos do Discurso, a escola está ligada a uma rede de práticas sociais que se dão em vários lugares diferentes, nos quais discursos sobre a diversidade são produzidos, reproduzidos, questionados/mantidos e propagados.

Esse processo retroalimenta os discursos dentro da própria escola em suas práticas pedagógicas. Daí ela pode atuar de duas maneiras: questionando as representações estereotipadas dos corpos que estão ali presentes ou apagando as contradições que esses mesmos corpos provocam ao optar pelo discurso da neutralidade (que de neutro não tem nada, minha gente).

Não é necessário um esforço hercúleo para que a diversidade seja observada nos bancos escolares, nos corredores por onde passam nossas/os estudantes ou nas vozes e corpos que se materializam no dia a dia das unidades escolares da nossa cidade. Mulheres, pessoas negras e indígenas, refugiadas/os, jovens LGBTQIAPN+, pessoas com deficiência ou pobres.

Uma pluralidade que instiga questionamentos e reflexões pelo simples fato de serem e estarem na escola.

No entanto, nem mesmo tamanha obviedade é capaz de conter um movimento perigoso de que na escola não se pode discutir determinados assuntos por não serem "acadêmicos". Infelizmente, esse movimento nega a existência de corpos que fogem a um único padrão estético, reforça a ideia de uma raça/etnia que se entende universal e perpetua o entendimento de que há apenas uma única possibilidade de amar e constituir-se em sociedade.

Nessa perspectiva, pensando nas relações étnico/raciais, não se fala ampla e produtivamente em racismo na escola. Ainda, mesmo embora seja óbvia a pluralidade de expressão do desejo, na escola não se pensa em outros arranjos que apontem para além da cisheteronormatividade.

Certamente, eu poderia ficar falando aqui por páginas sobre o que não é feito nas escolas, por omissão ou desconhecimento, mas acredito que a melhor estratégia para mudar esse cenário, e reconhecer que a diversidade só traz benefícios para a educação, seja pensar na potencialidade da



formação continuada para as/os profissionais da educação e na legalidade que as normativas (federais e distritais) trazem para essa discussão.

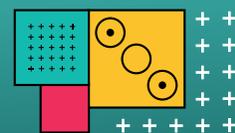
Por meio da formação continuada é possível refletir sobre os documentos que orientam a educação no

Brasil e no Distrito Federal em diálogo com as teorias e dados que nos provocam a pensar na diversidade, seja ela de gênero, sexual, étnico-racial, religiosa dentre outras tantas categorias. Na troca de experiências e saberes, bem como refletindo sobre os

textos, que têm seus próprios poderes de mudança, é possível perceber que falar sobre gênero é questionar a divisão sexual do trabalho ou mesmo a ideia de que são somente as mulheres que cuidam.

Dessa maneira, apoiadas/os na Lei Maria da Penha, por exemplo, as/os profissionais podem promover rodas de conversa sobre os tipos de violência que afetam as mulheres, bem como sobre a relação de objetificação e posse naturalizada entre nós homens. É na formação continuada e na reflexão sobre as normativas que podemos propor uma discussão ampla e a promoção de atividades corriqueiras, e não pontuais próprias de uma pedagogia de eventos, sobre as relações étnico-raciais também.

A escola, pessoas queridas, pode ser tudo. Lugar de acolhida e empoderamento ou manutenção de opressão e exclusão. Eu escolho a escola da mudança e, por isso, acredito que uma formação continuada crítica e reflexiva, aliada à legalidade das normativas educacionais, pode repensar a diversidade e entendê-la com potência para prospectar novos mundos. Mundos melhores e possíveis. E você, que escola escolhe?



Formação de indivíduos que contribuem para a sociedade global

Instituição de ensino internacional, a Escola das Nações preza por um ensino voltado às habilidades acadêmicas, espirituais, éticas e sociais dos seus alunos

Apresentado por:



Formar cidadãos globais tem sido a missão da Escola das Nações por mais de 40 anos. Com uma grade curricular que atende a padrões de excelência acadêmica e oferece certificações nacionais e internacionais, a Escola das Nações destaca-se como uma instituição de referência na capital. Fundada no Distrito Federal em 1980, seu objetivo é desenvolver em cada estudante habilidades, qualidades e atributos que os capacitem a serem agentes proativos na construção de um mundo melhor.

“A Escola das Nações adota uma abordagem holística de ensino, o que significa que se concentra no desenvolvimento do indivíduo como um todo — acadêmica, social, emocional, física e espiritualmente. Nós visamos cultivar indivíduos completos que possam contribuir positivamente para a sociedade”, Danyel Dalmaschio, diretor executivo da Escola das Nações.

De acordo com Danyel, em um mundo com rápidas mudanças, habilidades socioemocionais como pensamento crítico, adaptabilidade, colaboração e inteligência emocional estão se

tornando cada vez mais essenciais. “A abordagem holística da Escola das Nações não é apenas uma estratégia educacional, mas um reflexo de suas crenças e visão para seus alunos. Reconhecemos que a verdadeira educação não é apenas sobre encher a mente com informações, mas sobre formar indivíduos capazes de enfrentar desafios, contribuir positivamente para a sociedade e liderar vidas plenas”, ressalta.

Anis Sami, coordenador de Educação Moral e Cidadania Global, complementa: “nos próximos 15 anos, uma criança que está entrando hoje no ensino fundamental vai passar pela mesma quantidade de mudanças que a humanidade experimentou no último século. Considerando que vivemos em um mundo cada vez mais volátil, incerto, ambíguo e dinâmico, quais são as competências necessárias para que esta criança seja capaz de enfrentar os desafios do futuro? Dominar conteúdos e técnicas seguirá sendo importante, mas deve estar acompanhado de habilidades socioemocionais para se relacionar com os outros, com suas próprias emoções e com os desafios para atingir objetivos”, indica.

Aprendizagem desde a infância

Com a possibilidade de receber até três diplomas — o diploma brasileiro, o diploma

Divulgação/Escola das Nações



A jornada para ser um cidadão global começa cedo na Escola das Nações

americano validado internacionalmente e o diploma do programa AP Capstone —, a Escola das Nações traz para os seus alunos conteúdos exigidos pelo Ministério da Educação brasileiro, além de atender às exigências da agência de credenciamento internacional; e da organização College Board. A preparação para conferir as três certificações inicia desde cedo, ainda na educação infantil.

Ludmila Luttembarck, coordenadora da educação infantil, explica que o programa pedagógico da instituição combina rigor acadêmico com a abordagem holística, enfatizando a instrução “dual-language”, em inglês e português. Enriquecido pela inspiração Reggio-Emilia, metodologia cuja abordagem busca potencializar as habilidades e desenvolvimento integral da criança, o currículo converge aprendizado multi-sensorial e baseado em projetos, além de pilares centrais como

brincadeira e alfabetização equilibrada dos dois idiomas.

“O programa defende ideais de unidade, disciplina positiva, aprendizado colaborativo e autonomia, mesclando filosofias educacionais inovadoras para oferecer uma educação centrada na criança que prioriza tanto o processo quanto o resultado”, conta Luttembarck.

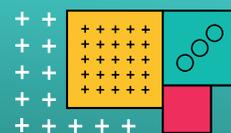
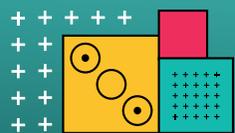
Recebendo alunos de todos os países, a Escola das Nações busca integrar os estudantes da sua instituição nos mais elevados padrões de excelência acadêmica nas salas de aula. A ideia é permitir que cada indivíduo investigue, descubra, compartilhe e desenvolva as próprias habilidades intelectuais. Na prática, o programa educacional estimula o pensamento das crianças para aprenderem e amarem o contexto do serviço à humanidade.

“Fomos atraídos pelos valores de cidadania global e paz da escola e pela educação

duo-linguística. Queríamos que a nossa filha tivesse contato com o inglês e o português. Por isso, ela é fluente em ambos”, ressalta Carmen Munoz, diplomata americana. Sua filha Mía, de 4 anos, é aluna do maternal e iniciou sua jornada na Escola das Nações há um ano.

David Figueroa, diretor acadêmico norte-americano da Escola das Nações, reforça que a instituição está empenhada na preparação dos estudantes não apenas para os vestibulares e exames admissionais, mas para a vida e para o convívio em sociedade. “O foco está no desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico que permitem ao estudante aprender como aprender. Dessa forma, o aluno adquire conhecimento e interpreta o mundo ao seu redor de forma autônoma e independente.” afirma Figueroa.

Matéria escrita pela jornalista Gabriella Collodetti



Tempo de desafios e de possibilidades

No ensino médio, os alunos costumam lidar com a preparação para vestibulares e também com a pressão para escolher uma carreira. Acolhimento da família e organização pessoal são fundamentais nessa fase

Arquivo pessoal



Laura e a mãe: mudança de etapa escolar exigiu resiliência

ALINE GOUVEIA

Aumento no número de disciplinas, pressão para escolher a carreira e chegada de vestibulares. Essas são algumas das questões com as quais estudantes se deparam no ensino médio. Mas grandes responsabilidades também podem vir acompanhadas de possibilidades. Isso porque é nessa fase escolar que os alunos têm a oportunidade de aprimorar as habilidades e descobrir novas aptidões.

Essa perspectiva é citada pelo professor de história do colégio Doppler Guilherme Fonseca. Segundo ele, o ensino médio marca a transição do estudante para uma maturidade intelectual.

Aluna do 3º ano, Laura Lemos, 17 anos, afirma que a passagem de uma etapa escolar para outra é como um “choque de realidade”, pois as responsabilidades aumentam. “Tem uma diferença grande entre gostar de alguma coisa e querer fazer isso para o resto da sua vida. Eu escolhi medicina, consigo me imaginar nessa carreira por muitos anos. Mas no começo foi muito complicado. É completamente normal não saber o que fazer. Mas na época eu me sentia muito pressionada”, conta a estudante.

A mãe de Laura, Viviane Lemos, lembra que as

conversas sobre os desafios da etapa escolar são diárias entre a família, pois, nesse período, o apoio é fundamental. “Acho que a cobrança vem muito mais dela com ela mesma. Como ela sempre foi boa aluna, se cobra muito, e o vestibular aflora isso. É uma fase em que eles têm de fazer escolhas”, relata Viviane.

A estudante Laura destaca ainda que o ensino médio é também um período de despedida. “Amigos de infância e adolescência vão seguir seus próprios caminhos. Cada um vai escolher uma carreira, em lugares diferentes, faculdades distintas. E pensar que, a partir de agora, depois que eu sair do 3º ano, minha vida vai mudar completamente”, reflete a jovem.

Tranquilidade

O professor Guilherme Fonseca frisa que uma das maneiras de tranquilizar os alunos em relação ao futuro é conversar sobre o fato de que as escolhas podem mudar ao longo da vida. “Cabe aos pais e à escola tentarem guiá-los de maneira mais tranquila nesse caminho, e mostrar que nem todas as decisões que temos nessa idade, principalmente aquelas voltadas a questões acadêmicas ou profissionais, são imutáveis. É importante dar essa

Ed Alves/CB/D.A Press

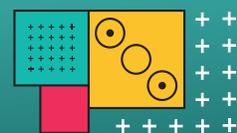


Trocar um itinerário por outro é saudável. O estudante não tem que decidir sobre a vida dele, mas simplesmente analisar e ver do que gosta”

Rodrigo Machado,
professor de química



Escolha a **20**
ESCOLA **23**
DO SEU FILHO



CORREIO BRAZILIENSE • Brasília, domingo, 22 de outubro de 2023 • Especial • 33



Lucas Mamede conta com o apoio da mãe, Patrícia, em busca de vaga no curso de medicina

tranquilidade para o estudante, para ele pensar com calma e buscar as afinidades”, aconselha o professor de história.

Esse conselho também pode ser aplicado nos casos em que o aluno tem que escolher o itinerário formativo, que é formado por disciplinas, projetos, oficinas ou núcleos de estudo. Ter liberdade nessas escolhas pode contribuir para o desenvolvimento da autonomia, além de amenizar as pressões nos estudantes.

Segundo Rodrigo Machado, professor de química do colégio Doppler, esse momento é de testes e experimentação, e não de escolhas definitivas.

“Trocar um itinerário por outro é saudável, esse é um período de descobertas. O estudante não tem que decidir sobre a vida dele, mas simplesmente analisar e ver o que ele gosta”, recomenda o professor.

O estudante Lucas Mamede, 20 anos, terminou o ensino médio em 2020 e atualmente está realizando um cursinho preparatório no colégio. Antes de decidir que queria cursar medicina, o jovem vivenciou muitas dúvidas e incertezas em relação ao futuro.

Apesar das pressões internas e externas, Lucas conta que terminou o 3º ano sem saber o que queria fazer após

o fim da etapa escolar. Ser acolhido em casa foi fundamental para que ele tivesse a segurança e tranquilidade de decidir o curso posteriormente. “Tive apoio dentro de casa”, lembra o estudante.

A mãe de Lucas, Patrícia Mamede, ressalta que, embora cobrasse a disciplina do filho nos estudos, ela o deixou livre para escolher o que queria seguir, a fim de que as pressões inerentes à etapa escolar não fossem ainda mais intensificadas. “Do estudo eu não abro mão. Quando ele escolheu medicina, eu disse que seria um longo caminho, mas que iríamos em frente juntos”, relata.

Arquivo pessoal



Guilherme Fonseca: estabilidade emocional é essencial

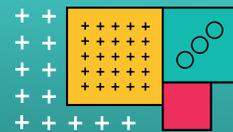
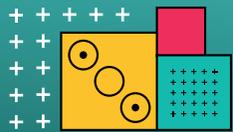
Dicas de preparação

Ter a capacidade de conectar as disciplinas entre si e estabelecer um olhar crítico sobre assuntos de uma matéria são os principais diferenciais de um aluno que vai prestar vestibular. “É muito importante que o estudante se atente ao fato de que uma matéria pode ter repercussão em outra. Ou seja, o estudo de um fato histórico pode repercutir na geografia, na biologia, na física. Essa interdisciplinaridade é cada vez mais cobrada nas provas. E isso exige uma noção do todo”, orienta o professor Guilherme Fonseca.

Na disciplina de história, por exemplo, ele recomenda que os alunos fiquem atentos aos momentos de transição e de mudança de eras históricas, pois costumam ter repercussões nos âmbitos político, cultural e econômico. Esse aspecto pode ajudar o estudante a desenvolver mais senso crítico.

Guilherme avalia que treinar questões dissertativas também é uma tarefa valiosa de preparação no ensino médio. “A comunicação dos alunos é mais breve e até imprecisa. Então, é importante treinar dissertação, para que eles consigam escrever de forma lógica, encadear bem as ideias e escrever de forma coerente. Ler bons livros, artigos ou matérias em jornais também é uma boa estratégia, pois é uma forma de o aluno aumentar o vocabulário”, argumenta o professor.

Além disso, tão importante quanto se preparar intelectualmente, é cuidar da saúde física e psicológica. Fazer exercícios ou praticar algum esporte, dormir bem, ter momentos de lazer e de descanso são fatores essenciais para que o estudante consiga lidar bem com o ensino médio. Caso o nervosismo ou desânimo sejam constantes na rotina dos alunos, é recomendado que os pais busquem terapia para eles. “Lidar com as cobranças e possíveis frustrações exige que o aluno esteja emocionalmente bem”, pontua Guilherme.



A incógnita do novo ensino médio

Ministério da Educação vai voltar a discutir as alterações após críticas nos primeiros anos de implementação

ALINE GOUVEIA

O ensino médio registra um dos maiores índices de evasão escolar no Brasil. Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), 6,5% dos estudantes dessa etapa escolar na rede pública abandonaram a escola em 2022. E essa realidade se deve, além dos fatores socioeconômicos, ao fato de que o ensino médio ainda é pouco atrativo para os estudantes, seja por falta de estruturas adequadas nas escolas, como laboratórios de ciência ou informática, seja por pouca flexibilidade e adaptação nos currículos.

Na busca de soluções para esses desafios, foi feita, em 2017, uma série de mudanças na etapa escolar. “O aumento da carga horária e a possibilidade de os estudantes escolherem parte das disciplinas que querem cursar, os chamados itinerários formativos, formam os principais pontos de mudança do ‘antigo’ para o Novo Ensino Médio (NEM)”, explica Beatriz Cortese, diretora executiva do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec).

O Novo Ensino Médio amplia a carga horária mínima de 2,4 mil para 3 mil horas e possibilita aos estudantes a escolha de itinerários formativos que condizem com seus gostos ou projeto de vida. As discussões sobre essa reforma ocorreram em meio ao debate sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que estabelece um conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas escolares.

Mudanças

O documento destinado especificamente ao ensino médio foi aprovado em dezembro de 2018 e estabeleceu que a etapa fosse dividida em quatro áreas do conhecimento: Línguas e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. O documento também prevê que o ensino seja aliado aos interesses do estudante, sendo transmitidos por meio de oficinas, observatórios, laboratórios, núcleos de estudos e criação artística.

Entretanto, na prática, o Novo Ensino Médio resultou em promessas não cumpridas e algumas incertezas. Segundo Beatriz Cortese, alguns dos pontos delicados da reforma são a ausência de formação das equipes para lidar com a mudança curricular e, muitas vezes, a falta de professores com conhecimentos específicos.

As promessas de escolha, interdisciplinaridade, flexibilização e maior atratividade, embora almeçadas, não se tornaram realidade. “A realidade, as expectativas, os desejos e as possibilidades dos jovens brasileiros são muito diferentes, dependendo do território onde vivem, do gênero, nível socioeconômico, raça, cor entre outras variáveis. O Novo Ensino Médio parece não ter considerado, também, todas essas questões”, pontua a especialista.

Desafios

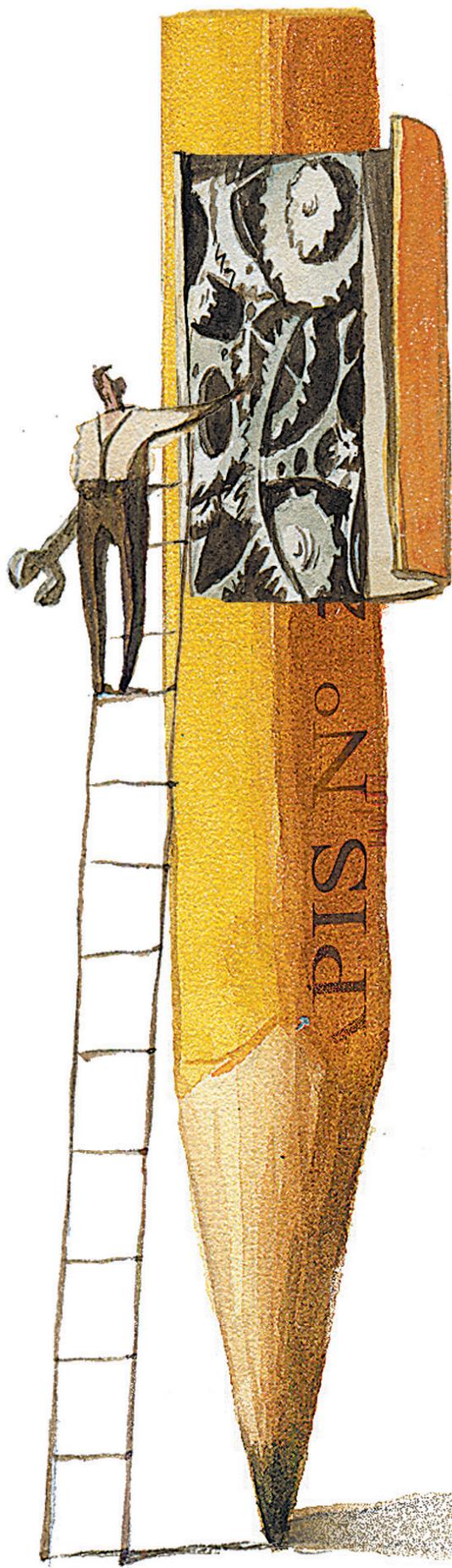
A professora Catarina de Almeida Santos, da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), reflete que a adoção do modelo nas

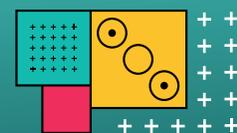
escolas não tem sido acompanhada por investimentos suficientes para garantir condições de acesso e permanência dos estudantes, o que contribui para um efeito contrário ao esperado: aprofundamento das desigualdades de acesso ao ensino.

“A propalada promessa de os alunos poderem escolher seus itinerários se mostrou completamente enganosa, sobretudo pela falta de oferta, o que restringe os itinerários formativos disponibilizados pela escola, e que nunca abrangem a totalidade de possibilidades das redes de ensino”, avalia a professora.

Especialistas avaliam que, pelo fato de a reforma desconsiderar as especificidades de cada região do país, poucas escolas têm conseguido se adequar ao Novo Ensino Médio sem que estudantes e professores vivenciem uma sensação de “perda do conteúdo”. Nesse sentido, parece haver um consenso no meio educacional de que o modelo anterior da etapa escolar precisava de mudanças, mas que a reforma que entrou em vigor precisa de um significativo aprimoramento.

“Há uma concordância que o modelo anterior não mobilizava os jovens para que se mantivessem conectados às escolas e aos aprendizados dos conteúdos escolares. No momento, é preciso acompanhar de perto os movimentos do MEC e das redes para entender as diretrizes e, ao mesmo tempo, entender como as escolas e suas equipes docentes têm lidado com essa questão. Muito provavelmente é da observação do que acontece nas salas de aula que vamos encontrar os melhores caminhos”, ressalta Beatriz Cortese.





Estudantes com a palavra

Veja o que pensam estudantes do CEM 4 de Sobradinho, uma das primeiras escolas do DF a adotar o Novo Ensino Médio:



Fotos: Arquivo pessoal

“Na nossa experiência durante os dois anos do Novo Ensino Médio, tivemos grande dificuldade relacionada ao desenvolvimento das aulas”

Danielle Neri Rodrigues



“Os pontos positivos estão relacionados à disposição dos professores em oferecer o melhor para os alunos, assim como toda a direção da escola, com objetivo de nos incentivar a seguir e escolher aquilo que nos agrada. Algumas aulas eletivas apresentam atividades diferentes e interessantes”

Luís Henrique de Sousa Alcântara



“A faixa de alunos que vêm para a escola mas se dedicam às atividades oferecidas apenas para não ter reprovação é muito grande, o que afeta o desenvolvimento escolar dos estudantes. Lembrando também que tira o foco das matérias obrigatórias”

Karolaine da Silva Carvalho

Alterações em debate

Neste ano, o Ministério da Educação realizou uma consulta pública para propor alterações no Novo Ensino Médio. Algumas das mudanças visam atender uma das principais demandas de gestores, professores e demais especialistas em educação: reduzir o tempo destinado às matérias optativas para ampliar a carga horária das obrigatórias.

A proposta sancionada em 2017 prevê 3 mil horas-aula ao fim dos três anos de curso, sendo 1,8 mil para as disciplinas essenciais e 1,2 mil para as opcionais. O MEC propõe o aumento de tempo para as matérias básicas de 2,4 mil horas.

Além disso, as disciplinas espanhol, arte, educação física, literatura, história, sociologia, filosofia, geografia, química, física, biologia e educação digital passariam a ser incluídas como obrigatórias. Essas alterações foram enviadas em forma de minuta de projeto de lei (PL) à Casa Civil.

Arquivo Pessoal



“Os ajustes propostos pelo MEC recentemente parecem reduzir muitas das críticas feitas inicialmente, principalmente em função da significativa diminuição da carga horária das disciplinas obrigatórias. Contudo, é preciso lembrar que o número de disciplinas não é o que garante a qualidade do ensino, mas sim a



O número de disciplinas não é o que garante a qualidade do ensino, mas sim a escolha dos conhecimentos, habilidades e competências necessários para que se cumpra a finalidade da educação prevista na Constituição Federal: pleno desenvolvimento da pessoa”

Beatriz Cortese,
diretora executiva do Cenpec

escolha dos conhecimentos, habilidades e competências necessários para que se cumpra a finalidade da educação prevista na Constituição Federal: pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”, avalia a diretora executiva do Cenpec, Beatriz Cortese. (AG)

Desafios na implementação

No Distrito Federal, o Novo Ensino Médio começou a ser implementado em escolas-piloto em 2020. O objetivo era aplicar o material em todas as unidades de ensino a partir de 2022, de forma progressiva. De acordo com a Secretaria de Educação, o NEM é organizado da seguinte forma: 12 unidades escolares-piloto ofertam 1ª, 2ª e 3ª séries; 83 unidades escolares ofertam 1ª e 2ª séries; quatro unidades escolares ofertam a 1ª série no turno noturno.

“A secretaria tem realizado um conjunto de ações em prol das adequações pedagógicas, estruturais e administrativas necessárias à implementação do Novo Ensino Médio nas unidades escolares”, afirma a pasta.

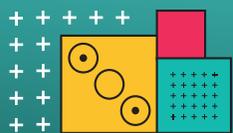
Em 2019, o Centro de Ensino Médio (CEM) 4 de Sobradinho foi escolhido pela secretaria como uma das cinco escolas-piloto para a implementação do Novo Ensino Médio. O processo começou com

a capacitação dos professores. “Foi um trabalho de colaboração de um grupo de pessoas que se dispuseram a pensar nos ajustes na escola para que o projeto entrasse em vigor a partir de 2020”, lembra a vice-diretora Maria da Paz.

Com a chegada da pandemia, a continuidade da aplicação do projeto foi impossibilitada, mesmo em meio às tentativas de adaptação. “Na proposta de itinerário formativo flexível, a ideia é que as atividades sejam mais práticas. Nós não tivemos condições de realizá-las na pandemia”, pontua Maria da Paz. Segundo a gestora, ainda há dificuldade de a escola fomentar engajamento dos alunos nas disciplinas eletivas. Além disso, as mudanças curriculares geraram sobrecarga de trabalho nos professores. “Eles acumulam, agora, planejamento tanto da formação geral básica quanto dos itinerários formativos.

Isso precisa ser analisado e revisto”, avalia a vice-diretora.

O diretor Wagner Carvalho explica que o desenvolvimento de projetos e de oficinas nas disciplinas eletivas encontra um obstáculo: a falta de estrutura nas escolas. “A gente esbarra na questão do espaço físico. Nós não temos laboratórios e materiais suficientes. Nós gostaríamos, sim, de fazer melhor, mas precisamos da construção de novas salas, mais professores, mais qualificação e cursos. Acredito que conseguimos desenvolver muitos projetos, mas mesmo assim temos encontrado dificuldades. A discussão sobre o Novo Ensino Médio foi boa, mas precisamos melhorar muito”, afirma Wagner. Os estudantes e profissionais da escola foram incentivados a participar do processo de rediscussão da proposta, que já foi enviada ao Ministério da Educação e está sob análise. (AG)

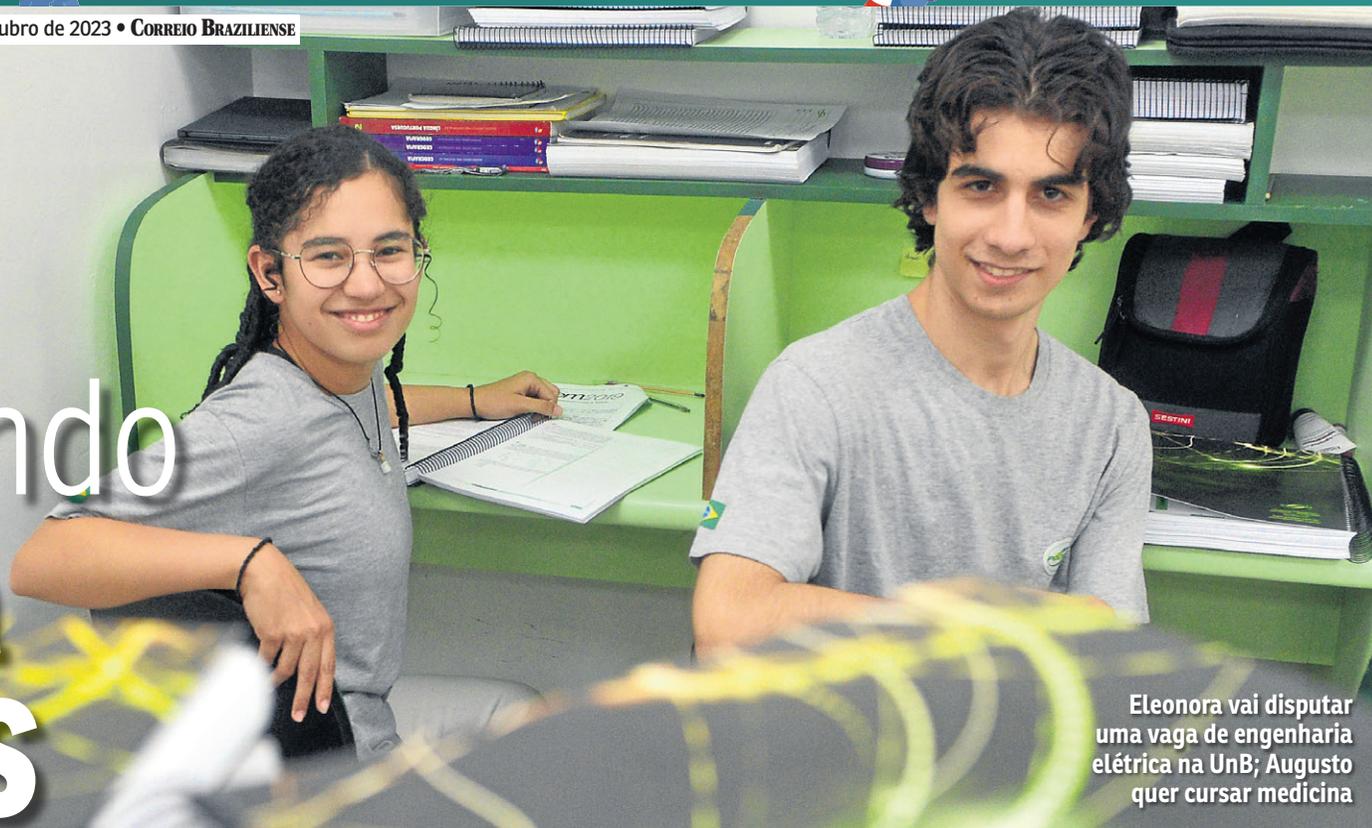


Escolha a **20**
ESCOLA **23**
DO SEU FILHO



36 • Especial • Brasília, domingo, 22 de outubro de 2023 • CORREIO BRAZILIENSE

Está chegando a hora do PAS



Eleonora vai disputar uma vaga de engenharia elétrica na UnB; Augusto quer cursar medicina

Ed Alves/GB/D.A.Press

Universidade de Brasília oferece 4.328 vagas para os dois semestres letivos de 2024 aos alunos que estão concluindo o ensino médio

MARIA EDUARDA MAIA*

As provas para o Programa de Avaliação Seriada (PAS) se aproximam. A avaliação é aplicada aos estudantes ao longo do ensino médio, permitindo o ingresso na Universidade de Brasília (UnB), é dividida em primeira, segunda e terceira etapas. A prova é composta por questões de biologia, matemática, português, química, geografia, física, filosofia, história, língua portuguesa e literatura. Além da redação e da língua estrangeira escolhida pelo candidato: inglês, francês ou espanhol.

De acordo com a UnB, neste ano, os inscritos na terceira etapa vão concorrer a 4.328 vagas disponíveis, sendo 2.118 para o primeiro semestre letivo de 2024 e 2.210 para o segundo semestre.

O diretor do colégio Pódion, George Gonçalves, comenta as diferenças técnicas entre o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e o PAS, que devem ser entendidas e analisadas. “Existe uma diferença entre os dois, não total, mas em tópicos dos conteúdos, que são mais frequentes em estatística. Algo muito importante a destacar é que uma coisa que nunca apareceu no vestibular pode cair no PAS, como o conteúdo de matemática. A UnB gosta muito dessa abordagem de geometria analítica, números complexos. Já no Enem nunca caiu uma questão de números complexos. Existem conteúdos que são muito mais frequentes no PAS do que no Enem. Então, você tem ali uma valorização diferente nas duas provas”, destaca.

Além disso, George destaca os principais pontos de atenção na reta final de preparação

para o PAS. “A prova é para você pontuar no que é bom. Às vezes, o aluno gasta muita energia, principalmente em uma reta final, querendo aprender aquilo que ele nunca teve alta habilidade, mesmo tendo a oportunidade de ser excelente naquilo que ele já é bom”, diz.

“Dependendo do curso que o aluno quer, tem que melhorar nas dificuldades e no juízo de valor. Muitas pessoas apostam que aprendendo o mais difícil vão dar conta de ter um diferencial na prova, principalmente no PAS, no qual não existe distinção de peso. Por isso digo: vale a pena pontuar nas áreas de afinidade”, aconselha o diretor.

George sinaliza que é importante saber os meios mais essenciais para a preparação. “Nessa reta final, sou muito a favor da resolução de provas anteriores e de simulados bem elaborados. Eu acho que equilibrar provas antigas com simulados de bons grupos e examinadores é o caminho adequado. É preciso focar e desenvolver excelência naquilo que você já é bom, porque, às vezes, erra um conceito, dá um tipo de esquecimento, uma pegadinha ou algo que foi visto

Data das provas

Etapa 1

3 de dezembro de 2023

Etapa 2

10 de dezembro de 2023

Etapa 3

17 de dezembro de 2023

no começo do ano, e isso pode comprometer a aprovação. É preciso focar no estudo, mas saber os limites.”

Augusto de Bem, 17 anos, aluno do 3º do ensino médio, está estudando para a terceira etapa da prova. Pretende cursar medicina e conta como está se preparando para a última etapa. “As aulas ajudam muito a ter uma certa curiosidade em pesquisar sobre as matérias, pois o PAS traz alguns conteúdos que são até de ensino superior, mas são abordados de uma forma mais acessível para o ensino médio. Além de refazer questões que são essenciais para se acostumar com o estilo da prova e perceber padrões nas questões”, relata.

Para o Augusto, é essencial estar tranquilo e descansado para realizar a prova. “Dois dias antes do PAS, eu já não estou no ritmo de estudo acelerado e evito criar tensão em cima de mim. Acho que nessa reta final vale a pena ir revendo os conteúdos, algumas questões, mas nada que vá cansar ou estressar”, conclui.

Já Eleonora de Sousa, 17 anos e também estudante do 3º ano do ensino médio, quer cursar engenharia elétrica. “Eu acredito que o PAS, em geral, facilita a entrada na UnB, especialmente porque o vestibular é uma prova muito densa. Assim, venho estudando com as aulas e revisando os conteúdos ao longo do ano, fazendo exercícios com apostilas e os editais que são disponibilizados. Dessa forma, vou fortalecendo nas matérias que tenho mais facilidade, para garantir que não vou errar”, diz.

A avaliação do PAS é responsável por preencher 50% das vagas anuais da UnB. As provas dos subprogramas de 2023, 2022 e 2021 estão previstas para 3, 10 e 17 de dezembro, respectivamente.

*Estagiária sob supervisão de Roberto Fonseca



escola
SEB
plataforma **AZ**

Unidade Notre Dame



Dínatos e Notre Dame:
agora somos **Escola SEB**
Unidade Notre Dame



Juntos
para

FAZER

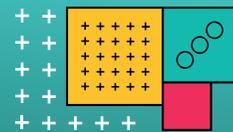
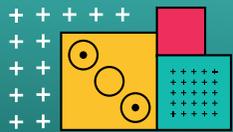


acontecer

**MATRÍCULAS
ABERTAS**

AGORA DO **INFANTIL**
AO **ENSINO MÉDIO**

brasilia.escolaseb.com.br



38 • Especial • Brasília, domingo, 22 de outubro de 2023 • CORREIO BRAZILIENSE

Segundo idioma é fundamental

Saber falar uma outra língua é crucial para enfrentar o mercado de trabalho e os desafios do mundo moderno

HELENA DORNELAS

Em um cenário global cada vez mais competitivo e dominado pela tecnologia, com o trabalho remoto formando equipes interdisciplinares espalhadas por diversos países, saber falar uma segunda língua é fundamental. O ensino bilíngue é caracterizado pela integração de um segundo idioma, além da língua nativa, a toda a grade curricular da instituição. Assim, em vez de ser trabalhado como um conteúdo com uma finalidade específica, o segundo idioma torna-se o meio pelo qual a instrução ocorre.

A preocupação crescente das famílias e a busca por educação de qualidade para crianças e adolescentes estão turbinando o segmento de escolas que se apresentam como bilíngues, com a promessa de uma educação em português e também em uma ou mais línguas estrangeiras — principalmente o inglês — desde a primeira infância.

“O mundo está cada vez mais globalizado, por isso, é importante que os estudantes e cidadãos do futuro estejam preparados para as vivências do dia a dia”, avalia Nathalia Rocha, diretora pedagógica do colégio Sigma. “O ensino bilíngue ocorre dentro de uma janela de

Sigma/Divulgação



O ensino bilíngue é caracterizado pela integração de um segundo idioma a toda a grade curricular da instituição

oportunidades de conteúdo dentro da sala de aula torna o conteúdo orgânico.”

“Nosso maior objetivo é trabalhar a escrita, a escuta e a gramática em inglês, e criar um relatório estrangeiro também de conteúdos de outras disciplinas já abordadas em sala de aula”, acrescenta Rocha.

A escola bilíngue é uma instituição de ensino regular que segue o currículo da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) nas duas línguas. Ela vai além de apenas introduzir o aluno na segunda língua, pois oferece imersão cultural e ambientação.

Em 2020, o Conselho Nacional de Educação (CNE) aprovou as Diretrizes Nacionais para a Educação Plurilíngue no Brasil. A partir disso, o que define uma escola bilíngue é ter um currículo único, integrado e ministrado em duas línguas

de instrução. O foco do ensino é desenvolver competências e habilidades linguísticas e acadêmicas nas duas línguas.

A professora da Universidade de Brasília e orientadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Ana Emília Fajardo Turbin, explica que as diretrizes estão relacionadas ao cenário globalizado com base nas demandas de comunicação do mundo. “A educação bilíngue se apresenta de uma forma bastante vigorosa uma vez que a linguagem permite acesso ao conhecimento.”

“A importância de ter essa educação integrada com outras línguas é o acesso a oportunidades, que se torna muito maior quando a criança, o adolescente, ou adulto se desenvolvem inseridos nessa educação”, acrescenta a psicopedagoga Rayssa Azevedo.

“O inglês é aceito no mundo todo e por isso nossos estudantes podem ter a sensação de um mundo sem fronteiras, não só para viajar mas para construir um futuro internacional”, avalia a Nathalia Rocha do Sigma.

De forma lúdica

Introduzir um novo idioma na primeira infância proporciona um conjunto de ganhos importantes para a vida das crianças. E essa introdução, segundo a especialista Rayssa Azevedo, pode e deve ser feita por meio da adoção de experiências lúdicas e adequadas a cada faixa etária. “Dentro de casa, os pais podem ajudar trazendo o vocabulário da rotina da criança, falando inglês e português com elas e tornando a língua não materna mais orgânica”, acrescenta.

Estimular o bilinguismo em casa também é crucial. Escola e famílias devem trilhar juntas a consolidação da aprendizagem. Pais podem criar um ambiente propício por meio de atividades como leitura de livros em outro idioma, músicas, filmes e jogos. Conversar sobre temas diversos em ambas as línguas incentiva a prática contínua também. O uso prático da língua em situações cotidianas, como cozinhar ou brincar, solidifica a aprendizagem.

“Acredito que um dos melhores jeitos de aprender é por meio da música. A arte é uma grande incentivadora do processo de aprendizado e interesse na língua estrangeira, e isso é ainda mais significativo na infância”, conclui Ana Emília Fajardo Turbin.

Semeando valores, construindo competências, preparando o futuro



MATRÍCULAS ABERTAS

EDUCAÇÃO INFANTIL
ENSINO FUNDAMENTAL
ENSINO MÉDIO
CIMAN INTEGRAL

 CRUZEIRO  OCTOGONAL | SUDOESTE

  COLEGIOCIMANOFICIAL

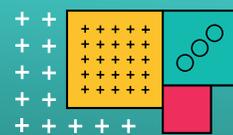
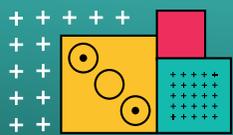
 CIMAN.COM.BR

Colégio

52 ANOS

CIMAN

EDUCAR É NOSSA HISTÓRIA



Mudança com diálogo

Optar por trocar de escola é sempre um desafio. Saiba o que levar em consideração e esteja preparado para conversar com o seu filho e envolvê-lo no processo

HELENA DORNELAS

Desde o nascimento as crianças estão sujeitas à mudanças. Saem da barriga da mãe e vão para um mundo diferente. Depois, passam por vários saltos de desenvolvimento: aprendem a engatinhar, a andar, a falar. Também se adaptam à primeira escola e a outras inúmeras situações novas.

A adaptação a uma nova escola nem sempre é automática, e pode encontrar situações de desconforto, principalmente no início. O momento de trocar instituição de ensino pode ser delicado para a criança, pois implica mudanças e desafios ainda desconhecidos para os pequenos, que vivem a fase de desenvolvimento emocional e cognitivo. No entanto, é possível fazer essa transição de um modo mais harmonioso.

Waleska Gurgel e José Ernane de Castro, pais de Carolina, 6 anos, e Beatriz, 7, mudaram as filhas de escola em maio de 2023, durante o período letivo. A troca era o desejo da família havia um tempo, e a decisão veio depois de visitar várias instituições. “Queria uma escola que tivesse uma proposta pedagógica clara e em que nos sentíssemos acolhidos. A ideia era uma escola conteudista, mas que agregasse valor social”, avalia Waleska.

“Nós fizemos questão de conhecer todo o corpo docente: conversamos com o diretor, os coordenadores, todos os professores e orientadores. Para nós, era importante estar por dentro da

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Waleska e José mudaram as filhas de escola durante o ano letivo: troca era desejo familiar

relação delas com a instituição”, explica o pai.

Dulcineia Marques, mantenedora e fundadora do Galois, acrescenta que o engajamento dos pais é essencial nessa fase de transição. “Alguns podem ter mais facilidade; outros, menos. Mas apresentar o espaço e se mostrar disponível pode ajudar”, diz. “Nós temos a preocupação de ter o olhar humano. Não adianta oferecer ao estudante conteúdo e ele não ter habilidades sociais e comunicativas para lidar com o mundo. Por isso, quando uma família chega, nós temos o cuidado de passar isso na recepção, de apresentar o nosso jeito de ensinar”, completa.

Respeito

Os processos das crianças e adolescentes devem ser respeitados. Mudar, às vezes, é uma situação difícil até para os adultos. Profissionais da área pedagógica aconselham os pais a exporem as situações para os filhos e, de alguma forma, integrá-los à decisão.

“Os pais devem ter segurança e confiança na escola que escolheram. Ao demonstrar desconfiança ou medo, a criança sente, e o processo de adaptação se torna muito mais complicado e difícil. Conversar e explicar para a criança que ela vai mudar de escola e como as coisas vão acontecer ajuda nesse processo de

adaptação”, explica a psicoterapeuta Flávia Caetano.

“A primeira coisa que o pai tem que fazer é avaliar a própria criança: que tipo de escola eu quero para o meu filho? Que tipo de escola o meu filho precisa? E então ele tem que levantar as características do próprio filho e perceber também as características da escola que o filho precisa”, destaca Tereza Pita, psicopedagoga e neuropsicóloga.

“Uma vez já escolhida a escola, é necessário fazer a adaptação da criança. Os pais podem levá-la para conhecer a escola antes, explicar toda a situação e dar suporte emocional. O primeiro momento pode ser de impacto, mas é necessário mostrar segurança”, acrescenta Tereza Pita.

Dicas valiosas

Veja 5 dicas para tornar o momento de mudança mais fácil:

Conversa

Converse com o seu filho e avaliem juntos os motivos. Acolha o que ele sente, mostrando que mudanças fazem parte da vida, mas que você estará ao seu lado para dar todo o suporte.

Visita

Envolve o aluno no processo de mudança. Discuta com ele as opções e leve para conhecer a instituição antes da decisão final. Assim, ele pode avaliar o novo ambiente e começar a estabelecer uma familiaridade com a equipe.

Acolhimento

Dê a perceber que compreende as inseguranças e tristezas do estudante, que entende que os amigos e os professores são pessoas importantes na vida dele.

Parceria

Durante a transição, busque se aproximar dos professores e saber como a adaptação está acontecendo. O feedback dos profissionais pode ser importante para entender pontos de atenção ou questões que vão tornar a integração do aluno ainda mais fácil.

Incentivo

Atividades fora da sala de aula são excelentes para engajar jovens e crianças de acordo com seus interesses e talentos. Incentive a participação. Em meio a isso, a criança tem a oportunidade de formar laços de amizade.

**ESCOLA
CANADENSE
DE BRASÍLIA**
ESCOLA INTERNACIONAL BILÍNGUE



INSPIRATION
**UM MUNDO DE DESCOBERTAS
COM A MELHOR ESCOLA
INTERNACIONAL BILÍNGUE**

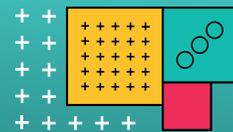
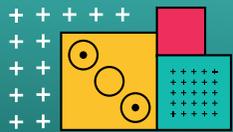
MATRÍCULAS ABERTAS

EDUCAÇÃO INFANTIL . ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO



SAIBA MAIS SOBRE A ESCOLA
CANADENSE DE BRASÍLIA

Unidade Águas Claras: ☎ 61 99271.6956 | Unidade Sudoeste: ☎ 61 99276.4957



42 • Especial • Brasília, domingo, 22 de outubro de 2023 • CORREIO BRAZILIENSE

Das salas de aula aos treinos

Esporte ajuda no desenvolvimento de alunos e só traz benefícios para o dia a dia de crianças e de adolescentes

ARTHUR RIBEIRO*

Antes de ver os craques do quadradinho brilharem nos grandes palcos, Brasília começou a revelar talentos por muitas vezes ainda nas escolas. Dividindo a rotina acadêmica com os treinos, o impacto da prática esportiva em crianças e adolescentes traz benefícios dentro e fora da sala de aula e pode ser um fator decisivo na hora de escolher a escola.

Em especial, uma instituição que se destaca nesse sentido é o Colégio Católica, em Taguatinga. Com oito modalidades ofertadas para meninos e meninas, fora um funcional kids, o esporte é apresentado para os alunos dos 2 aos 18 anos, contemplando todo o período do ensino para ajudar no desenvolvimento e formação deles. Enraizadas na identidade da escola, as quadras, arquibancadas e tatames ficam cheios até no período da noite, com os olhos dos jovens brilhando ao redor.

Coordenadora pedagógica de Educação Física e Atividades Extracurriculares, Andreza Almeida também é treinadora de basquete e reforça com o grupo a importância do esporte.

“Ajuda em várias virtudes e valores para a vida. O aluno tem que estudar e se organizar para isso, assim como no treino: tem horário para chegar, para aprender habilidades. Fora os ensinamentos: dormir cedo e comer bem. Então, a rotina no esporte é muito parecida com a da sala de aula. Só tem a acrescentar, ainda mais com a garotada com problemas de depressão, pode ser uma válvula importante para trabalhar o bem-estar deles, e ainda deixa aprendizados para a vida adulta”, assinala.

Há 16 anos no colégio, a professora detalha que a rotina consiste em dois treinos por semana para todas as modalidades, que incluem futsal, basquete, vôlei, handebol, karatê, ginástica rítmica, balé e líder de torcida. Ela ressalta que essa atmosfera inclusiva pode ajudar até mesmo na criação de vínculos entre os alunos, com incentivo de amizades e confiança mútua entre eles.

“Tem que ter incentivo desde pequeno. Se coloco meu filho em uma boa escola, precisa ser pensado tanto no ensino como também se ele vai estar tendo esse contato positivo com o esporte. É essencial que o exercício seja praticado desde a infância, porque é uma



Prática esportiva contribui para a socialização

Fotos: Minervino Júnior/CB/D.A Press



Ginástica artística é um das modalidades oferecidas

prática que pode continuar até a vida adulta, assim como a escola. É uma transformação na vida deles”, complementa.

O coro é reforçado por Maria Luisa Barros Menezes, de 16 anos. Aluna do 2º ano, ela está no time de basquete comandado por Andreza e compartilha o exemplo de quem sentiu na pele os impactos positivos. A jovem viu no esporte uma segunda família, e defende que mudou a vida para melhor desde os 13 anos, quando começou a jogar. Por isso, ela convida os demais estudantes a trilharem o mesmo caminho.

“O esporte me ajudou muito. Antes de começar a jogar, eu passava muito tempo sem fazer nada, procrastinava, mas o basquete me ensinou a ser responsável e a lutar pelo que eu quero. Se tiverem a oportunidade, venham. Vai ser uma mudança para melhor na vida de vocês e que vale muito a pena”, relata Maria Luisa.

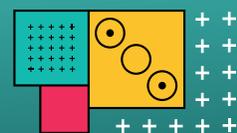
Independentemente da modalidade, os jovens podem trabalhar no desenvolvimento de laços sociais e na manutenção deles, o que contribui para que sejam mais desinibidos, sociáveis e desenvolvam mais capacidade

de lidar com situações de trabalho em grupo. Para isso, o papel dos professores e treinadores na função de intermediar essas trocas novamente vêm à tona.

“As crianças são sujeitos em formação, ou seja, sem muitas restrições e regras internalizadas. Sendo assim, é necessário que alguém conduza esse processo. Porém, isso não é exclusivo do professor/treinador, mas também dos pais, parentes próximos ou pessoas que influenciam a vida da criança. É preciso que todos estejam em concordância com o discurso a ser transmitido. Por exemplo, não adianta ter um professor que estimula o espírito em equipe se a criança é pressionada pelos pais para sempre ganhar a medalha de primeiro lugar”, analisa.

Nesse sentido, o coordenador de Núcleos Sociais do Cerrado Basquete e técnico das categorias de base do clube, Alan Monteiro, conta um pouco sobre o lado do treinador. Ele esclarece que os responsáveis não devem tratar a prática esportiva como a última prioridade, mas sim como uma das primeiras, e preza pela relação entre as três partes: pais, escola e esporte.

* Estagiário sob supervisão de Roberto Fonseca



Exemplos no passado e no futuro

Quem segue a passos largos, ou melhor, pulos, o caminho para se tornar uma atleta de relevância no cenário nacional, é Pietra Campbell Simões. A barreirista divide a rotina de estudos, no 3º ano do ensino médio no Colégio Católica, com os treinos para continuar performando em alto nível. Não à toa, em agosto ela se tornou a detentora do recorde sub-18 nos 100 metros com barreiras.

Com aulas pela manhã e treinamentos durante a tarde, a jovem não abre mão de um e nem de outro, de olho nas oportunidades do futuro. “Os dois são cruciais e indispensáveis na vida de alguém. O

esporte faz uma total diferença no estilo de vida, na saúde mental e física. Mesmo que não seja no nível competitivo, a prática esportiva é indispensável. Os estudos também, não tem nem como questionar. Mesmo em alto nível, não tem como deixar de lado. Estudando você nunca está perdendo tempo, ninguém pode tirar seu conhecimento, então sempre tem que ter um plano B para tudo”, compartilha.

Com os pais atletas, Pietra e o irmão mais velho, Lucca, sempre tiveram o esporte no sangue, mas escolher uma escola com estrutura para treinar ajudou ainda mais na preparação. Pai e mãe, inclusive, são



O esporte faz uma total diferença no estilo de vida, na saúde mental e física. Mesmo que não seja no nível competitivo, a prática esportiva é indispensável”

Pietra Campbell Simões,
aluna do 3º ano do ensino médio

pesquisadores e professores na Universidade Católica de Brasília (UCB) e fizeram estudos científicos na área, demonstrando que crianças e jovens que praticam atividades físicas e esportes apresentam funções cognitivas mais desenvolvidas, como memória, capacidade de concentração, atenção e tomada de decisão e resolução de problemas.

Entre os benefícios próprios, a jovem lista, principalmente, a disciplina, fator esse que colabora também para dentro da sala de aula e se reflete no boletim da garota, sempre com notas altas. Fora isso, ela cita uma diferença perceptível nos colegas esportistas. Segundo a atleta, são pessoas mais ativas, com autoestima mais elevada e mais cuidadosas com a saúde mental e corporal.

Por fim, Pietra reforça a importância da escola nesse cotidiano. “Aqui, eles disseminam meus feitos, demonstram orgulho de me ter como aluna, me mostram nas redes sociais. Me sinto respeitada e valorizada. São agradecimentos tanto à escola pelo incentivo, apoio, torcida, bolsa institucional, e principalmente à UCB, por disponibilizar locais de treino. Todos apoiam, torcem e veem com bons olhos, incentivando as crianças e jovens no esporte. Para eles, cuidar da saúde mental e corporal não é só estudar, mas também precisa da prática esportiva e de atividade física”, acrescenta a atleta. Agora, os sonhos são de buscar uma faculdade e, quem sabe, chegar às Olimpíadas. (AR)

Conte com o
SINEPE/DF
na busca da escola
de seu(sua)
filho(a)!

SINEPE/DF
Educação Livre Educação

Sindicato dos Estabelecimentos
Particulares de Ensino do
Distrito Federal

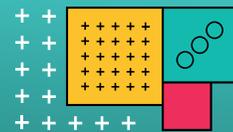
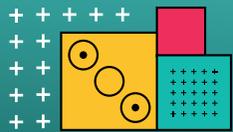
seloescolalegal.com

Reconhecimento, gestão e capacitação da
educação particular do Distrito Federal.

Matricule seu(sua) filho(a) em uma instituição reconhecida e autorizada pela Secretária de Educação. Acesse o site e conheça as escolas perto de você! Segurança, qualidade certificada e valorização do ensino e da aprendizagem.

sinepe-df.org [@SinepeDF](https://www.instagram.com/SinepeDF)





44 • Especial • Brasília, domingo, 22 de outubro de 2023 • CORREIO BRAZILIENSE

A construção do futuro

Ensino integral é uma das garantias previstas nas diretrizes da educação brasileira. Saiba o que as escolas podem e devem oferecer e a diferença para a oferta de atividades no contraturno

HELENA DORNELAS

“Toda prática educativa implica uma concepção dos seres humanos e do mundo.” A frase do patrono da educação brasileira, Paulo Freire, ilustra parte do conceito de educação integral: uma formação preocupada em preparar cidadãos conscientes do seu papel no planeta. O educador considerava o conhecimento um direito e a educação parte da política cidadã, dos direitos humanos e da construção diária da história.

Para alcançar esse objetivo, o conceito de educação integral geralmente vem aliado ao de ensino em tempo integral. Esse período varia de seis horas e meia a oito horas diárias. No Brasil, o Artigo 36 da Resolução do Conselho Nacional de Educação do Ministério da Educação (MEC) considera como período integral a jornada escolar que compreende, no mínimo, sete horas diárias.

Além de aulas das matérias tradicionais, a modalidade de ensino integral permite que os alunos ocupem o tempo com momentos de recreação, aulas de reforço, prática esportiva e outras atividades que contribuam para o desenvolvimento. Os pais que matriculam os filhos em escolas de ensino integral buscam tranquilidade para deixar os pequenos durante o tempo em que estão trabalhando.

“Além da listagem dos conteúdos, a abordagem curricular deve expressar o atendimento ao que acredito ser a função social da escola:

Fotos: Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Trabalhar diferentes habilidades e competências tanto cognitivas quanto em atividades físicas é essencial para o desenvolvimento

construir aprendizagens significativas para todos”, avalia a coordenadora-executiva adjunta da Ação Educativa, Ednéia Gonçalves.

A educação integral reconhece que os alunos são seres complexos, compostos não apenas de aspectos cognitivos, mas também de aspectos emocionais, sociais, físicos e culturais. Nesse sentido, o objetivo é proporcionar um ambiente educativo que valorize e promova o desenvolvimento equilibrado e integrado de todas essas dimensões.

“O reconhecimento dos estudantes como sujeitos e sujeitos de conhecimento exige de professores e demais profissionais da educação o aprimoramento contínuo dos instrumentos metodológicos, para que os saberes dos estudantes possam emergir e se ampliar sem barreiras ou discriminações”, concluiu a especialista.

Evolução

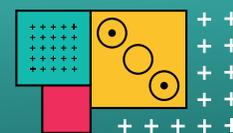
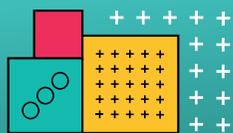
O Colégio Marista João Paulo II, na Asa Norte, oferece opções de ensino integral

desde a inauguração, em 1997. No início, havia apenas uma atividade de contraturno, até a ampliação para uma grade completa de possibilidades. “Tudo começou como um turno extra para os filhos de profissionais da escola, mas vimos que poderia ser um agregador ao currículo das crianças”, comenta a vice-diretora educacional, Luciana Winck.

Pouco depois, surgiu o Turno Integral Marista (TIM), disponível para a educação infantil até o 9º ano do ensino fundamental, que oferece

atividades que podem ser escolhidas em um pacote de dois, três, quatro ou cinco dias na semana, em um modelo que tem sido adotado por algumas escolas particulares de Brasília.

O trabalho pedagógico é guiado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), privilegiando a integração das áreas do conhecimento e práticas que superam a fragmentação dos componentes, como a educação por projetos. Há diversas opções, como artes, ateliê, balé, capoeira, dança,



Ginástica rítmica e natação estão entre as opções

flauta, futsal, ginástica rítmica, robótica, inova, jazz, judô, musicalização, natação, teatro, tênis de mesa, xadrez, arte e sustentabilidade, jogos aquáticos, jogos esportivos, vôlei, basquete e coral.

Cada pai e aluno pode escolher as atividades que mais caibam nos seus interesses. “Todo ano nós vemos as estatísticas, os comentários e os pedidos ao longo do ano e adaptamos a nossa grade horária. Ouvimos quais modalidades estão faltando e, assim, modificamos o currículo”, explica a coordenadora

da educação integral da escola, Greice Bruscatto.

Incorporar a visão do estudante significa romper com o paradigma do ensino passivo, no qual o currículo é um conjunto de conteúdos a ser absorvido por um sujeito despersonalizado. “É difícil falar de um currículo ideal. Nós tentamos observar a identidade desses grupos aqui na escola. Com as suas personalidades, nós conseguimos observar que são pessoas atrás de esportes, mas que gostam da parte artística e tecnológica”, avalia a coordenadora.

Preparação e parceria

A educação integral é um direito de todo estudante brasileiro, conforme garantido pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que ressalta a importância de desenvolver todas as competências de crianças e jovens, em todos os âmbitos. De acordo com o documento, “a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas”.

“O ensino integral exige tanto dos professores quanto da escola uma proposta diferente para poder contemplar todas as necessidades, tendo em vista que o estudante vai passar todo o dia na escola, o que inclui planejamento, estrutura e recursos humanos”, comenta Ana Elisa Dumont, presidente do Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino no Distrito Federal (Sinepe/DF).

A mensalidade também se torna um fator importante quando os pais pensam em colocar os filhos o dia todo na escola. “Não há uma média de diferença nas mensalidades em função da oferta de ensino

“É fundamental que seja contemplada a formação socioemocional dessa criança, tendo em vista a importância que a parte emocional tem no desenvolvimento do ser humano”

Ana Elisa Dumont,
presidente do Sinepe/DF

integral. Os valores dependem das atividades que serão oferecidas, nível escolar e todos os demais recursos que são ofertados aos alunos, como a alimentação, infraestrutura específica e profissionais especializados”, ressalta o vice-presidente do sindicato, Marcos Scussel.

Aspecto emocional

Um dos desafios do modelo é desenvolver plenamente

o estudante em todas as suas dimensões, como intelectual, física, socioemocional, híbrida, motivacional, entre outras, dando oportunidades para que possa construir seus projetos de vida. “No ensino integral é fundamental que seja contemplada a formação socioemocional dessa criança, tendo em vista a importância que a parte emocional tem no desenvolvimento do ser humano. Não adianta você ter um cognitivo muito desenvolvido se o emocional não acompanha”, avalia Ana Elisa Dumont.

O vice-diretor administrativo do Marista João Paulo II, José Maria, avalia que um dos principais pontos da educação integral é a segurança para a família. “Nós já conhecemos as crianças, nós já conhecemos as famílias e tudo isso se soma à segurança dos estudantes. Estão no mesmo ambiente, já conhecem a instituição e os educadores”, destaca. “Existe uma intencionalidade nessa caminhada integral. Vai além da confiança, é como se a escola estivesse fazendo uma parceria com os pais no sentido de auxiliar no processo de formação do estudante como pessoa”, conclui. (HD)

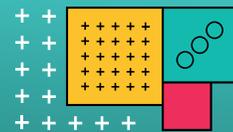
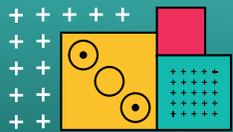
Para saber mais

Tempo integral x educação integral

A concepção de educação integral trata sobre compreender os estudantes como sujeitos integrais e, a escola, como agente central para desenvolver suas múltiplas dimensões: intelectual, física, emocional, social e cultural. Também diz respeito a trabalhar para fazer valer os direitos dos estudantes e suas famílias, apoiados pela rede de proteção integral. Ainda, a realizar um processo de

ensino e aprendizagem conectado ao território, à comunidade e às demandas dos estudantes e do mundo contemporâneo. “Tempo integral é bastante diferente de educação integral, uma vez que o tempo está relacionado à quantidade de horas que o estudante vai passar na escola e a educação integral está relacionada à oferta de um currículo que olhe e trabalhe a construção de diferentes

aprendizagens além da cognitiva”, alerta a gerente de projetos do Instituto Ayrton Senna, Maria Lucia Voto. “Somos seres múltiplos, que fazemos parte de uma comunidade, de um lugar, que carregamos bagagens sociais e emocionais e, sendo assim, a escola deve considerar essa totalidade de cada estudante, buscar apoiá-los em seu desenvolvimento pleno”, reforça a especialista.



Um olhar para a inclusão

Educação inclusiva e propostas de ensino individualizadas ajudam na formação de crianças neurodivergentes. Especialistas elencam boas práticas

GABRIELLA BRAZ

Quando Carolina Soares, 34 anos, matriculou o filho na escola, não esperava que uma virada de chave fosse acontecer na vida da família antes mesmo do início do ano letivo. Faltava pouco para Miguel completar 2 anos e o atraso no desenvolvimento da fala preocupava os pais.

“Na época, minha irmã, que é professora, tentou me falar que poderia ser autismo, mas não aceitei”, conta a trabalhadora autônoma. “O que eu tinha de conhecimento era o que a mídia mostrava”, reconhece. Carolina, então, começou a procurar profissionais da área, que lançaram a suspeita de que o filho teria transtorno do espectro autista (TEA), e foi conversar com a escola na qual Miguel iria começar a estudar em pouco tempo.

O nervosismo inicial passou após a equipe pedagógica acolher a mãe e sugerir formas de trabalharem juntos. “Achei que eles iam dizer que não poderiam ficar com ele”, relembra. Assim como Carolina, muitos pais de crianças neurodivergentes encontram dificuldade na hora de escolher uma escola que acolha o filho.

A neurodiversidade diz respeito a indivíduos que apresentam um funcionamento neurocognitivo atípico, ou seja, formas de processar informações diferentes das consideradas padrão pela sociedade. Estão dentro desse espectro uma série de condições, como transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH), dislexia, discalculia, apraxia de fala e TEA.

“Ainda tem professor que pensa que educação tem a ver

com o aluno que tira notas na média, que todo aluno aprende da mesma forma”, comenta Augusto Galery, coordenador de Gestão Educacional do Instituto Rodrigo Mendes (IRM). “Os professores precisam entender que ele tem diferentes realidades dentro da mesma sala de aula”, completa.

Para o especialista, uma educação inclusiva precisa ter como foco os processos de aprendizagem, em vez de estar centrada no poder do professor e nas dinâmicas de pergunta e resposta. “Quando a gente fala em educação inclusiva, a gente fala de uma educação que está lutando para retirar barreiras a qualquer participação”, aponta.

Galery destaca ainda que a escola tem um papel pedagógico, não um papel clínico. Por isso, é necessário que haja diálogo com o atendimento terapêutico e os profissionais de saúde, cada um na sua área de atuação.

Comunidade

A atenção individualizada é ponto de importância na educação inclusiva, mas, segundo o especialista do IRM, não pode substituir o espaço coletivo de sala de aula. Por isso, além de garantir o aprendizado, é necessário fazer com que essa criança se sinta parte daquele grupo. “Uma educação inclusiva potencializa a educação de todas as pessoas quando a gente consegue formar uma comunidade”, ressalta. “Por isso, quando for escolher, veja se você gostaria de participar dessa escola.”

A autônoma Carolina Soares percebe que o acolhimento foi fundamental para o desenvolvimento de Miguel. Hoje

Arquivo pessoal



“Meu sonho era meu filho falar, e foi tão rápido que na formatura ele leu o agradecimento”, conta Carolina Soares

com quase 7 anos, o menino já não é mais a criança agitada de antes. “Na primeira semana de aula, eu o deixava na escola e ficava no estacionamento chorando”, lembra. Em alguns momentos, a mãe considerou que o filho não participasse de algumas atividades coletivas, como apresentações da escola, porque isso provocava inquietação em Miguel. O pequeno, no entanto, superou essa

barreira e já é capaz de interagir nessas situações.

Desde o retorno presencial, a escola se tornou um mundo de aventuras para Miguel e para Carolina, com passeios, festa do pijama, interação com os colegas de classe e a formatura do ABC, onde o menino surpreendeu a todos. “Meu sonho era meu filho falar, e foi tão rápido que na formatura ele leu o agradecimento”, conta a mãe, cheia de orgulho.

Três perguntas para

WANIA BURMESTER,
especialista pedagógica do
Sistema Positivo de Ensino

A quais aspectos uma escola precisa se atentar para ser inclusiva para crianças neurodivergentes?

A primeira coisa é a escola estar disposta a conhecer a diversidade para se adequar e estar em constante aprendizado, porque as informações vão se modificando, e a cada hora há descobertas e teorias novas. A escola precisa ter uma equipe que converse entre si para discutir sobre as questões e as estratégias de adaptação. Sempre que possível, ter especialistas de outras áreas ou conversar com os especialistas que atendem os alunos para pensar melhor sobre essas estratégias.

Qual a importância do Plano Educacional Individualizado (PEI)?

O Plano Educacional Individualizado é um direito do aluno que tenha qualquer necessidade especial. É um plano que adapta o currículo e toda a proposta pedagógica para garantir a aprendizagem dos alunos. Nesse documento, colocamos quais os objetivos da série e o que será necessário fazer para que o aluno aprenda.

Como é elaborado o PEI?

Recebemos todas as informações que a família traz dos relatórios dos especialistas. E aí, conforme você vai conhecendo o aluno, vai alterando esse PEI para personalizá-lo mais ainda. Ele é flexível, então, pode ser alterado ao longo de todo o ano.



escolaararaazul  



SOU ASAS DE OURO

UM PROJETO COMPLETO
PARA O ENSINO FUNDAMENTAL!

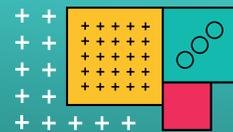
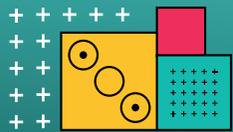
PROJETO BILÍNGUE 

MAKER - ELETRÔNICA E MARCENARIA
PLUS - ACOMPANHAMENTO COMPLEMENTAR
ARARA A+
CONTRATURNO
ARVORISMO
TV ARARA
PRÊMIO LEITOR DO ANO



 61 3032.3337

ESCOLA
ARARA
AZUL



48 • Especial • Brasília, domingo, 22 de outubro de 2023 • CORREIO BRAZILIENSE

Lancheira caprichada

Nutricionistas dão dicas de como fazer uma boa composição de alimentos e ao mesmo tempo deixar o lanche atrativo para os pequenos

Daniel Laviolar/Divulgação



A jornalista Letícia Azeredo Diniz conta como é montar uma lancheira atrativa e natural para a filha Antonella, de 3 anos

NATHALLIE LOPES*

Uma alimentação saudável desde a infância começa com os bons exemplos dos adultos da casa. É essencial, portanto, definir uma rotina alimentar adequada desde cedo, sem deixar de lado o lanche da escola. Especialistas alertam que, acima de tudo, as crianças e os jovens devem comer alimentos in natura para o pleno desenvolvimento.

O nutricionista Omar de Faria Neto reforça que é interessante evitar ao máximo os alimentos industrializados. Caso seja necessário, é essencial se atentar aos rótulos dos produtos, principalmente agora que a legislação obriga a indústria a informar se o alimento é rico em açúcares, sódio e gorduras.

De acordo com Omar, há quatro passos importantes que devem ser considerados no momento de montar o lanche. Primeiro, a lancheira para criança sempre deverá conter os três macronutrientes conhecidos: carboidratos, proteínas e gorduras.

O segundo passo se refere à escolha do carboidrato. As frutas são uma ótima fonte não só de carboidratos, mas também

de água, de vitaminas, de minerais e de fibras. Se optar por pães, preferir os integrais ou sem glúten, em casos de intolerância.

O passo três, orienta Omar, é pensar na proteína. Uma opção são os derivados do leite, geralmente fáceis de transportar e nutritivos: queijo, iogurte e requeijão. Além de cálcio, contêm fósforo, vitaminas do complexo B e vitamina D.

O último passo é a escolha das gorduras. Castanhas trituradas para colocar sobre a fruta ou o iogurte e granola sem açúcar são algumas sugestões, assim como o abacate. Uma observação importante é que os ovos, além de ótima fonte de proteína, são também fonte de gordura, com destaque para o ômega 3, fundamental para o bom funcionamento do sistema nervoso.

Criatividade

Na hora de montar a lancheira, os pais precisam de criatividade e, sempre que possível, incluir a criança na elaboração do cardápio e no preparo. A jornalista Letícia Azeredo Diniz, 43 anos, é mãe da Antonella, 3, que está no maternal. Para ela, é muito importante fornecer à

Para saber mais

Jovens também precisam de atenção

Quanto aos alunos mais velhos, que estão no ensino médio, as recomendações básicas não são muito diferentes daquelas para as crianças. O nutricionista Omar destaca ser importante manter uma dieta com bons carboidratos, proteínas e gorduras nas refeições, além de se atentar à quantidade do consumo de carboidratos refinados e industrializados, pois podem aumentar a ansiedade, piorar o foco, causar letargia e fadiga mental. “O consumo regular de proteínas e boas gorduras pode auxiliar no bom funcionamento do cérebro, principalmente em se tratando do aumento de foco,

atenção, raciocínio, redução da fadiga mental e melhora do desempenho cognitivo”, informa. Há algumas opções interessantes, como chocolates com mais de 70% de cacau (20g ao dia), que podem ajudar a proteger o sistema nervoso, auxiliando em provas, e também os alimentos que são fontes de ômega 3: castanhas, peixes e ovos. Alguns alimentos industrializados, dada a devida atenção, podem ser incluídos no plano alimentar: leite, azeite, pão de forma integral e peixes enlatados. A dica é: leia o rótulo. Quanto menos ingredientes no produto, provavelmente, mais saudável será.

filha uma lancheira escolar saudável e nutritiva.

“A cada seis meses eu levo a Antonella para uma consulta com uma nutricionista. Ela nos fala sobre os grupos alimentares e nos orienta na quantidade de cada um. Toda semana recebemos legumes, verduras e frutas

frescas. Baseada na minha compra semanal eu monto um cardápio de lanches para ela. É tudo muito fresco, prático, rápido e natural. Ela não come açúcar, alimentos industrializados ou com corante”, destaca a mãe.

Na hora de montar a lancheira, Letícia sempre tenta

incluir a filha e as preferências dela, perguntando qual fruta quer levar no dia e quais são as opções de proteína e carboidrato disponíveis para a criança escolher, tornando o lanche mais atrativo. Lanches caseiros também são bem-vindos, como muffin salgado de vegetais e bolo de mandioca com frango.

É importante também levar em consideração as atividades das crianças e o tempo que vão ficar na escola. O nutricionista infantil Bruno Redondo informa que, dependendo do horário, é interessante manter uma opção salgada e uma doce, e oferecer uma porção de oleaginosas e variar nas opções de frutas, para dar a sensação de uma refeição completa. Também é importante se atentar ao fato da conservação dos alimentos dentro da lancheira, para evitar proliferação de bactérias.

“Sabemos que nos dias de natação, Antonella tem mais fome. Por isso, caprichamos nas porções, ou mandamos frutas como abacate e banana, que dão mais saciedade e energia”, complementa Letícia.

* Estagiária sob supervisão de Mariana Niederauer



abc

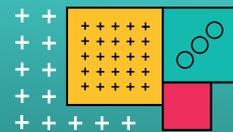
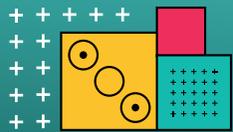
evolution office center



A LISTA ESCOLAR DO SEU FILHO COMPLETA EM NOSSO SITE

VISITE: WWW.PAPELARIAABC.COM TELEFONE : 2103-1500

EMAIL: TELEVENDAS@PAPELARIAABC.COM.BR



50 • Especial • Brasília, domingo, 22 de outubro de 2023 • CORREIO BRAZILIENSE

Fotos: Felipe Manoel Cabral/Arquivo pessoal



A atividade começou com uma roda de conversa entre os alunos, para reflexão

Entre os temas escolhidos para a pesquisa estavam religião, cor e idade

Minicenso na sala de aula

Atividade proposta por professor de matemática levou alunos do 9º ano do ensino fundamental a aprenderem estatística na prática

NATHALLIE LOPES*

Para desmistificar a disciplina de estatística e mostrar aos alunos que a matéria tem aplicação no cotidiano, o professor e coordenador pedagógico Felipe Manoel Cabral aplicou uma atividade inspirada no Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Professor de matemática do Instituto de Educação Paulo Tarso, em Nova Iguaçu (RJ), ele apresentou a proposta aos alunos do 9º ano do ensino fundamental, e a iniciativa fez sucesso. O resultado foi a elaboração do Minicenso Escolar: Estatística e Sociedade.

De acordo com Felipe, a escola utiliza o sistema de ensino PH, ou seja, prioriza trazer os

conteúdos voltados para a realidade do aluno, sempre desenvolvendo habilidades de pensamento crítico e reflexão. Nesse sentido, foi proposto aos estudantes pesquisarem mais sobre o Censo, a importância, o impacto na vida das pessoas e qual é o objetivo do levantamento.

Os temas escolhidos pelos estudantes no “minicenso” para análise foram religião, cor e raça, pessoas por domicílio, idade, índice de massa corporal (IMC), e área do conhecimento. “Aqui, eu fiz algumas interferências para ir direcionando os estudantes, mas a escolha dos temas foi uma ideia construída por eles. A partir da vivência, eles vinham com a temática e a explicação de como iam apresentar depois, com os dados coletados, o impacto



Eles me surpreenderam muito, porque realmente vi o engajamento, e acredito que foi uma forma de eles poderem se expressar quando se viam impactados por fazerem parte dos grupos que identificam como minorias”

Felipe Manoel Cabral, professor de matemática e coordenador

social que teria”, explica Felipe.

A atividade começou com uma roda de conversa para que os alunos compartilhassem o que tinham encontrado da pesquisa já feita e também com o objetivo de estimular a participação ativa de todos. Depois disso, houve uma divisão de grupos, por temas, nos quais se organizaram em bancadas para que os dados fossem coletados na comunidade escolar.

“Percebo que a atividade foi muito positiva nesse sentido também, porque é uma das turmas mais organizadas e autônomas que tenho na escola, e a que mais possui senso crítico, voltado para o social”, completa o professor.

O próximo passo foi a organização das informações coletadas. Os alunos utilizaram o software Excel para organizar os dados dos 115 entrevistados. “Nessa etapa, houve bastante a minha interferência, mas de modo a ajudá-los a manusearem o Excel e a conferir se estava tudo certo. A parte de plotar o gráfico eles já tinham aprendido”,

afirma Felipe. Por fim, houve a apresentação dos resultados e da contextualização.

Protagonismo

A atividade garantiu aos jovens a possibilidade de discutir e de refletir sobre os temas propostos, propor ideias, contextualizar questões importantes em aspectos sociais, o que tornou o projeto, além de ser multidisciplinar, em um fator de motivação ao protagonismo dos alunos em sala de aula, favorecendo a autonomia e formando cidadãos conscientes e engajados.

“Eu, particularmente, como professor, saí muito mais satisfeito e realizado com essa atividade. Eles me surpreenderam muito, porque realmente vi o engajamento, e acredito que foi uma forma de eles poderem se expressar quando se viam impactados por fazerem parte dos grupos que identificam como minorias”, conclui Felipe.

*Estagiária sob supervisão de Mariana Niederauer



(61) 3028-4569
LJLUNIFORMES@GMAIL.COM

GARANTA UNIFORMES DE QUALIDADE PARA SUA INSTITUIÇÃO

SOMOS UMA EMPRESA COM EXPERIÊNCIA E TECNOLOGIA

VARIEDADE DE ESTILOS E TECIDOS;

PEÇAS RESISTENTES E CONFORTÁVEIS;

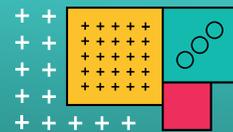
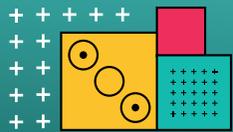
MODELOS PARA TODOS OS TAMANHOS;

ATENDIMENTO COM QUALIDADE E EXCELÊNCIA.

**ENTRE EM CONTATO E FAÇA SEU ORÇAMENTO!
ESTAMOS DISPONÍVEIS PARA LHE ATENDER!**



ST. A NORTE QNA 30 LOTE 02 LOJA 01 – SUBLIMAÇÃO CNB 09 LOTE 11 LOJA 02 – BORDADO E DTF
CNB 09 LOTE 05 LOJA 01 – CONFECÇÃO



» Entrevista | **SÔNIA DIAS** | GERENTE DE DESENVOLVIMENTO E SOLUÇÕES DO ITAÚ SOCIAL

O poder da escola atrativa contra o abandono escolar

Todos os anos, as escolas brasileiras são deixadas por cerca de 500 mil jovens acima de 16 anos. Especialista explica os motivos recorrentes e quais estratégias buscar para combater a evasão, principalmente no ensino médio

THAYS MARTINS
TALITA DE SOUZA

Para pensar o futuro da educação é preciso refletir sobre a realidade escolar na atualidade. Para os especialistas, não há futuro igualitário sem debater as mazelas que afligem escolas do Sul ao Norte do país. Uma delas é a evasão escolar, um fantasma que assombra desde pais e responsáveis, que veem seus filhos se desinteressar pelo ambiente escolar, até diretores pedagógicos, que tentam entender formas de combater esse problema.

Todos os anos, as escolas brasileiras são deixadas por cerca de 500 mil jovens acima de 16 anos. Um levantamento do Ipec, feito a pedido do Unicef, mostrou que 11% dos brasileiros de 11 a 19 anos estavam fora da escola em 2022.

A evasão faz com que apenas 60,3% dos alunos terminem o ciclo escolar até os 24 anos — dados da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan SESI), em parceria com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Essa distorção idade-série é um dos pontos de repulsa para os alunos:

atrasados por falta de aprendizado ou por terem abandonado a escola, eles representavam, em 2021, mais de 5,2 milhões de alunos em todo o Brasil.

Para a gerente de Desenvolvimento e Soluções do Itaú Social, Sônia Dias, doutora em educação pela Universidade de São Paulo (USP), combater esse abandono alarmante — que atinge principalmente alunos em vulnerabilidade social ou negros — demanda a criação de estratégias para deixar a escola atrativa e a assiduidade possível para todos. Confira os principais trechos da entrevista a seguir.

Mais de meio milhão de alunos abandonam o ensino médio no Brasil a cada ano. Quais são as principais causas disso?

Meio milhão de estudantes que abandonam o ensino médio é um dado muito triste, resultado de um acúmulo de desigualdades e de condições que levam a essa realidade. Muitas vezes, a evasão é resultado de um percurso escolar que é irregular e de diferentes dificuldades — seja de aprendizagem, seja no acompanhamento. Dificuldades familiares e necessidade de largar o estudo para o trabalho. Outro problema é a distância entre o currículo da escola e a realidade do estudante.

Quais são os alunos mais atingidos?

A evasão atinge, com certeza, muito mais os estudantes

das camadas mais vulneráveis, ou seja, com condições socioeconômicas mais baixas. São estudantes que estão em condições de vulnerabilidade, quando pensamos em moradia e também saúde, como, por exemplo, as crianças com algum tipo de deficiência, que precisam e têm direito a um atendimento especial e não têm acesso a ele. Os estudantes negros, indígenas e quilombolas são os mais atingidos, porque a evasão escolar espelha a nossa desigualdade, a desigualdade da sociedade em si.

O que pode ser feito para evitar a evasão escolar? Que tipo de políticas públicas são necessárias?

Como a evasão escolar tem múltiplos fatores — socioeconômicos e culturais — e a

educação, em si, tem a necessidade de se configurar numa perspectiva de mobilidade social, não há uma única ação que possa fazer com que o problema seja sanado. Então, há uma complexidade de políticas. Primeiro, são necessárias políticas que melhorem ou diminuam as desigualdades, no sentido de ofertar uma escola de qualidade independente da localidade, seja ela urbana, rural, no centro da cidade ou na periferia. O esforço para que todas as escolas de uma rede tenham a mesma qualidade, com professores que tenham uma boa formação e um currículo atrativo e mais significativo para os estudantes. Também é preciso políticas para que haja apoio, eventualmente, até recursos financeiros para que essas crianças e adolescentes continuem a participar

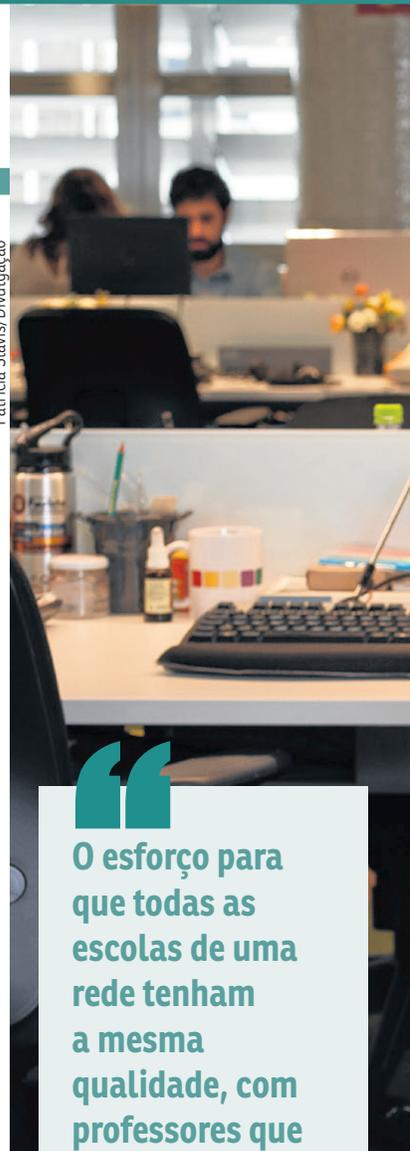
da escola, se mantenham nela. Por exemplo: nós temos muitos casos de jovens estudantes nos anos finais, principalmente no ensino médio, que deixam de frequentar a escola porque ela só oferece a série no período noturno. Essa realidade de evasão afeta principalmente meninas, que muitas vezes moram em lugares em que não se sentem seguras para sair à noite e, por isso, acabam desistindo da escola. Então, assim como as causas, também são múltiplas as demandas para o enfrentamento da evasão.

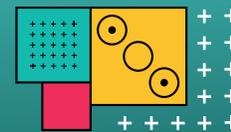
Outro problema visto no cenário educacional brasileiro é a distorção idade-série, que atingiu, em 2021, mais de 5,2 milhões de alunos em todo o país. Qual é a principal consequência disso e como as

“O esforço para que todas as escolas de uma rede tenham a mesma qualidade, com professores que tenham boa formação e um currículo atrativo e significativo”

“O impacto das redes sociais está em todo lugar. A escola não é uma bolha. Agora, é importante os professores usarem as redes para promover a aprendizagem”

Patrícia Stavis/Divulgação





escolas podem atuar para sanar esse problema?

A distorção idade-série, que se configura quando a criança, o estudante, tem um atraso no seu desempenho que está acima de dois anos daquela série em que ele se encontra, atinge de forma muito desigual os municípios mais pobres, e dentro dos municípios, as escolas que ficam em regiões mais periféricas. Então se repete o processo de desigualdade em relação à distorção idade-série. E é uma questão muito triste, porque o impacto é enorme. Quando a gente vê estudantes que estão, por exemplo, no 9º ano ou, menos, no 6º ano, com uma idade que já era esperado que eles estivessem concluindo o fundamental 2, esses estudantes são fortes candidatos a evadirem, a saírem do sistema escolar.

Porque eles deixam de estar na mesma idade, na mesma fase de desenvolvimento. Muitas vezes, não se sentem pertencentes àquele grupo. E a gente sabe também o quanto o fator convivência é importante, e ainda há o estigma do porquê o menino não está conseguindo acompanhar. Então, a situação da distorção escolar precisa ser considerada pelo sistema como uma situação de fracasso escolar, que é como uma grande estuda da USP [Universidade de São Paulo], a professora Maria Helena de Souza Patto, chamava a questão do fracasso escolar. É quando o sistema escolar não consegue dar uma educação de qualidade e promover que seus estudantes aprendam, se desenvolvam e avancem. É preciso que a escola se reorganize, que tenha estratégias

que possam de alguma forma compensar essas lacunas de aprendizado que o estudante vem acumulando ao longo da sua trajetória escolar, que acaba apresentando naquela série em que ele está, de forma que ele possa fazer uma aceleração nessa aprendizagem.

Qual o impacto da pandemia nesse cenário?

Durante a pandemia, o Brasil foi o país que mais ficou — dois anos — com a maior parte das escolas fechadas. Especialmente as escolas públicas. As escolas de elite, em sua maioria, tiveram condições de se reorganizar com mais rapidez. E os estudantes também tinham melhores condições de acompanhar as aulas pela posse de equipamentos, como notebook. Mas no sistema público

não aconteceu a mesma coisa. Então a gente precisa enfrentar essa lacuna de dois anos que os alunos da rede pública tiveram. E é urgente que a gente ofereça soluções para que os alunos possam avançar na sua vida e não sejam prejudicados. A gente tem estudos que mostram o quanto o atraso na vida escolar, muitas vezes levando a um abandono, faz com que esses estudantes não concluam seus estudos e, portanto, não consigam participar de uma forma mais capacitada da vida profissional do seu país. Então quando a gente fala de lacuna de profissionais qualificados, isso tem tudo a ver com um sistema de educação que não está conseguindo formar de maneira adequada os seus jovens.

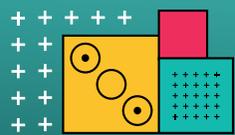
A tecnologia é uma realidade nas escolas brasileiras?

É importante dizer que o uso da tecnologia já está aí há bastante tempo. No sistema público, esse uso foi acelerado por conta da pandemia. Mas o uso da tecnologia é de novo uma outra forma de manifestação das desigualdades. A gente fez pesquisas durante a pandemia com as famílias, com as redes públicas, que mostram que boa parte das crianças da escola pública, entre 40% e 50% delas, tinham acesso às atividades escolares pelo celular. Fica difícil para o estudante fazer um exercício de matemática, de lógica. Pode ser que seja mais fácil em disciplinas de literatura, mas é muito prejudicado o acesso apenas pelo celular. E, muitas vezes, um celular que é compartilhado pela família. Então é importante que não só se desenvolva, a gente tem a inteligência artificial que já está aí. Mas de que forma a gente faz com que a tecnologia seja usada e permita o acesso a todas as camadas da população? Se não, corremos o risco de fazer coisas para uma elite

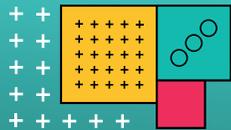
apenas. É importante dizer: não é neutro o uso da tecnologia. Ele precisa ser um uso democrático, que considere os problemas de conexão, que as escolas tenham equipamento, que os professores tenham acesso a bons equipamentos, tenham formação e consigam fazer um uso contextualizado da tecnologia, trazendo o que ela tem de melhor, que é apoiar o desenvolvimento dos estudantes, a aprendizagem deles, e essa inserção na sociedade que é cada vez mais tecnológica.

Como o ritmo acelerado, impulsionado pelas redes sociais, tem transformado a realidade escolar? Quais são os desafios nesse cenário?

O impacto das redes sociais está em todo o lugar. A escola não é uma bolha. Agora, é importante o quanto os professores usam as redes sociais de forma a promover a aprendizagem. Não dá para só proibir, essa não é a postura. Porque os estudantes, todos nós, estamos vivenciando um mundo que é atravessado pelas redes sociais, pelas interações de mídia, pelos likes. Agora, como a gente pode usar as redes sociais? Em ações mais colaborativas, em projetos que promovam uma troca de saberes entre escolas, entre salas de aula. Fazendo uma rede social que contribua para uma aprendizagem, que seja reflexiva, ajudando os estudantes a fazer uma leitura crítica do que eles leem na rede. Isso inclusive pode ser considerado um gênero textual. As postagens do que era chamado Twitter — agora é X — são um gênero textual. Como a gente lida com elas? Porque esse é o mundo em que os nossos estudantes estão. Como a gente entra nesse mundo com eles e transforma esses momentos em reflexão, crítica e aprendizagem?



Escolha a **20**
ESCOLA **23**
DO SEU FILHO



54 • Especial • Brasília, domingo, 22 de outubro de 2023 • CORREIO BRAZILENSE

Hora das matrículas na escola pública

Período de inscrição para novos alunos da rede de ensino do DF vai até 31 de outubro. Confira as regras e quais documentos separar para garantir a vaga

CAMILLA GERMANO

Apouco menos de 10 dias do fim do período de inscrições para novos alunos no ano letivo de 2024, pais e responsáveis devem ficar atentos para os prazos de entrega e preenchimento de cadastro na rede pública, além de reunir os documentos que devem ser apresentados para dar início ao procedimento.

No site oficial da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF) ou pelo telefone 156 é possível, desde 3 de outubro, fazer a matrícula de novos alunos. O prazo vai até dia 31. Vale lembrar que neste modelo de matrícula podem ser cadastrados alunos a partir dos 4 anos até os 17, enquanto as crianças de 0 a 3 anos podem ser matriculadas em creches, pelo número 156.

Neste mesmo período, os pais ou responsáveis de estudantes que têm deficiência, transtorno do espectro autista (TEA), transtornos funcionais específicos ou altas habilidades e superdotação

devem fazer inscrição na Coordenação Regional de Ensino desejada.

Planejamento

De acordo com Eveline Spagna, diretora de acompanhamento da Secretaria de Planejamento, Acompanhamento e Avaliação da SEEDF, a expectativa é que 30 mil novos estudantes sejam matriculados para o próximo semestre.

“Começamos o processo com antecedência para tentar acolher o estudante, respeitando o seu perfil, para encaminhá-los a uma escola muito próxima à residência ou ao endereço solicitado. Isso só é possível quando a gente faz com antecedência esse processo, a partir de um momento de planejamento muito bem pensado”, explica Eveline.

Ainda segundo a coordenadora, quando o pai ou responsável faz o cadastro da criança pelo sistema, sinaliza o endereço residencial e também o endereço do trabalho. Assim, por meio do CEP, é possível encaminhar o aluno para a escola mais próxima.

30 MIL

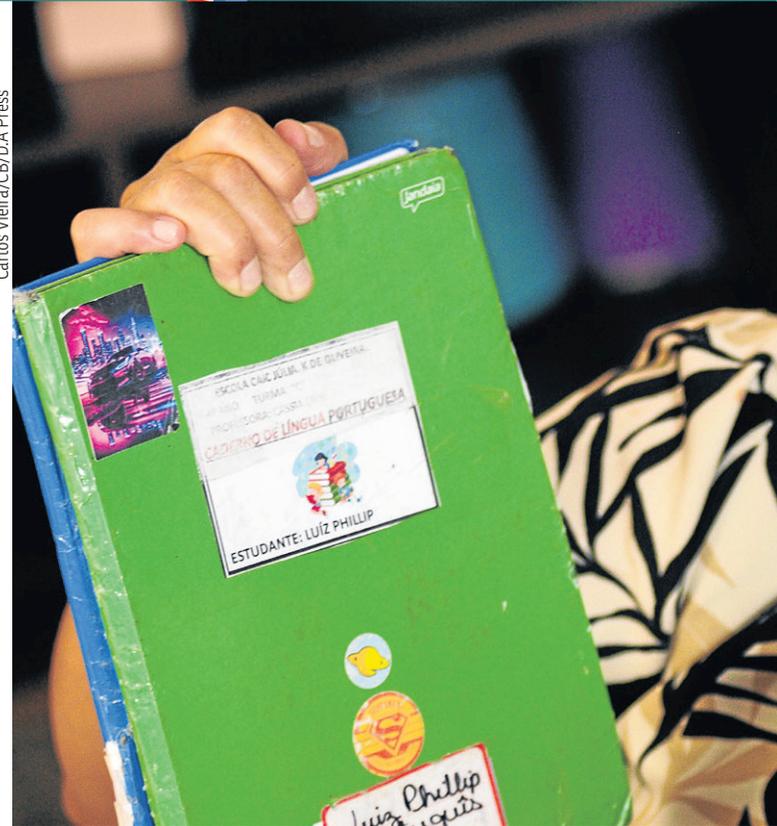
É o número estimado de novas matrículas para 2024 na Secretaria de Educação



Começamos o processo com antecedência para tentar acolher o estudante, respeitando o seu perfil”

Eveline Spagna, diretora de Acompanhamento da Secretaria de Planejamento, Acompanhamento e Avaliação da SEEDF

Carlos Vieira/CB/DA Press



Para esse tipo de cadastro, são necessários os documentos e dados da criança, como nome completo, CPF, a série pretendida pelo estudante para o novo ano letivo e a série que o aluno está cursando em 2023 (veja quadro).

Rematrícula

Já para os alunos que estão matriculados no DF e querem seguir na mesma instituição de ensino em 2024, não é necessário fazer nenhum procedimento adicional, uma vez que a vaga de aluno matriculado é garantida.

A matrícula é sempre automática para esses alunos, exceto a de estudantes que vão mudar de etapa, ou seja: os que estão no 2º ano da educação infantil e vão cursar o 1º ano do ensino fundamental; estudantes do 5º ano do fundamental e que vão para o 6º ano; e os estudante do 9º ano que vão cursar a 1ª série do ensino médio em 2024.

Eveline explica que, para esses alunos, é preciso levar alguns documentos atualizados, entre 3 e 10 de janeiro, até a unidade escolar para confirmar a rematrícula.

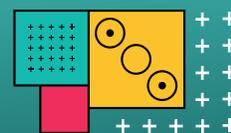
Vaga garantida

Edna Costa, 43 anos, tem três filhos e apenas o mais novo está em idade escolar. Luiz Phillip, de 10 anos, vai cursar o 5º ano do ensino fundamental em 2024, matriculado no Caic Julia Kubitschek de Oliveira, em Sobradinho 2.

“Ano que vem ele vai continuar lá, então a matrícula dele já está garantida. Se eu optar por tirá-lo de lá para colocar em outra escola, aí eu vou ter que esperar passar o período de matrícula para correr atrás de uma vaga em outra escola, ou então fazer o remanejamento”, explica Edna.

De acordo com Eveline, o período de remanejamento — quando os pais ou responsáveis querem trocar o filho de escola — para alunos já matriculados na rede pública ocorrerá entre 7 e 17 de novembro, para estudantes do ensino regular, e deve ser devidamente notificado à escola.

Já para os estudantes que têm deficiência, transtorno do espectro autista, transtornos funcionais específicos ou altas habilidades e superdotação, as inscrições para o remanejamento escolar ocorrerem no período de 3 a 31 de outubro.



Edna Costa já garantiu a rematrícula do filho mais novo

Passo a passo

Veja como fazer a inscrição e quais são os documentos necessários para novas matrículas na rede pública:

1. Para o preenchimento da inscrição on-line o candidato precisará inserir seus dados pessoais com exatidão, observando a digitação, por meio do link: <https://bit.ly/3Q2MV9w>;
2. Ao concluir a digitação das informações solicitadas, clicar em: "GRAVAR";
3. Confira cuidadosamente a inscrição;
4. Após a confirmação dos dados informados, será gerado um número de protocolo. Depois de clicar em "OK", as alterações dos dados informados serão possíveis apenas por meio de contato telefônico pelo 156, opção 2, até 31 de outubro, informando o número de inscrição ou o nome do candidato.

DOCUMENTOS

- » Documento de identificação do estudante, como Carteira de Identidade/Registro Geral (RG);
- » Certidão de Nascimento ou outro documento oficial com foto;
- » CPF do estudante;
- » Carteira de Identidade/Registro Geral ou CNH do responsável legal pela matrícula do estudante;
- » CPF do responsável legal pela matrícula do estudante;
- » Declaração Provisória de Matrícula (DEPROV) ou Histórico Escolar;
- » Comprovante de residência e/ou do local de trabalho, conforme o endereço indicado no ato da inscrição;
- » Duas fotografias 3x4;
- » Comprovante de tipagem sanguínea e fator RH, nos termos da Lei Distrital nº 4.379/2009;
- » Carteira de Vacinação, conforme Lei nº 6.345/2019;
- » Número de Inscrição Social (NIS) do estudante;
- » Número de Inscrição Social (NIS) do responsável legal pela matrícula do estudante.

Galois:

O que mais educa, da Educação Infantil ao Médio

Excelência acadêmica e valores na formação integral do estudante

Destaque entre as melhores escolas de Brasília, o Colégio Galois se dedica à formação integral de seus estudantes, com educação de alta qualidade, da Educação Infantil ao Médio.

No Le Petit, as crianças

são encorajadas a explorar a criatividade por meio de atividades que estimulam a compreensão e a socialização. No Fundamental, o "Vivendo e Aprendendo" (VA) – projeto exclusivo do Galois – traz brincadeiras dirigidas que despertam o prazer de aprender. No Ensino

Médio, o foco é a preparação para renomadas universidades do Brasil, com programas de excelência como o Galois Gold e Galois Advance, que desenvolvem habilidades acadêmicas e socioemocionais.

A parceria entre a

Acervo pessoal



Hudson Global Scholars e o Galois permite ao estudante cursar o ensino superior no exterior. Para obter o Dual Certificate, o aluno tem aulas on-line na Providence Country Day School (EUA), instituição com elevada taxa de admissão nas instituições

IVY League. "O Galois fomenta valores como empatia, honestidade, caridade, respeito e responsabilidade para consigo, com o próximo e com a natureza, além da vivência do valor espiritual", diz a fundadora do Galois, Dulcinéia Marques.

SESI

Educação que vai além

MATRÍCULAS ABERTAS

GAMA • SIG • SOBRADINHO • TAGUATINGA

Ensino Fundamental e Novo Ensino Médio

TRAGA SEU FILHO PARA
ESTUDAR NO SESI,
A MAIOR REDE DE EDUCAÇÃO
PRIVADA DO BRASIL!

DIFERENCIAIS

- Material didático próprio
- Metodologia STEAM
- Robótica
- Educação Ambiental
- Programa Bilíngue
- Educação Inclusiva
- Ferramentas Online
 - Portal Sesi Educação
 - Sala de Aula Digital
 - Microsoft Office 365
 - Programa de Avaliação do Sistema Sesi de Educação
- Sesi Total*



SESIDF.ORG.BR
SAC (61) 4042 6565

*Conjunto de ações educativas, esportivas e culturais no turno contrário ao das aulas



GAMA

(61) 3484-9612
WhatsApp (61) 98594-9110

SOBRADINHO

(61) 3487-8608/8612/8613
WhatsApp (61) 98611-5276

SIG

(61) 3441-3001/3002
WhatsApp (61) 99674-0814

TAGUATINGA

(61) 3355-9552/9566
WhatsApp (61) 98653-2508

SESI
PELO FUTURO DO TRABALHO